

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO



Animação Sociocultural e Práticas Intergeracionais - Estudo de caso da
Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor: Lar Nossa Senhora da Lapa e
Jardim de Infância Flor de Liz

Dissertação de Mestrado 2.º Ciclo em Ciências da Educação - Especialização em
Animação Sociocultural

Liliana Paula Fraga Monteiro

Orientador: Professor Doutor Américo Nunes Peres

Chaves, 2012

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO



Animação Sociocultural e Práticas Intergeracionais - Estudo de caso da
Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor: Lar Nossa Senhora da Lapa e
Jardim de Infância Flor de Liz

Dissertação de Mestrado 2.º Ciclo em Ciências da Educação - Especialização em
Animação Sociocultural

Liliana Paula Fraga Monteiro

Orientador: Professor Doutor Américo Nunes Peres

Dissertação de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, área de especialização em Animação Sociocultural, ao abrigo do artigo 16.º do decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, com as alterações introduzidas pelos Decretos-Leis n.º 107/2008, de 25 de Junho, e 230/2009, de 14 de Setembro.

Introdução

Introdução

Ao longo dos tempos o mundo tem sofrido várias alterações que se podem observar na demografia, na economia, nas estruturas familiares e nas relações sociais. As questões demográficas ocorridas e que dizem respeito à baixa taxa de natalidade e ao aumento da esperança média de vida levam-nos a pensar sobre o conseqüente crescimento da população idosa. O envelhecimento está na ordem do dia. O envelhecimento demográfico é hoje uma realidade em Portugal e nos países industrializados. É um fenómeno que cresce de forma acelerada, predominando uma estrutura etária cada vez mais envelhecida com baixos níveis de fecundidade e mortalidade, o que alterou a dinâmica populacional, inibindo, assim, o crescimento natural das populações. Os portugueses vivem muitos mais anos e reproduzem-se cada vez menos. Os dados disponíveis permitem-nos afirmar que há o dobro de idosos e metade dos jovens e quase três milhões e meio de pensionistas e reformados.

A entrada da mulher no mercado de trabalho, principal cuidador das crianças e idosos veio fazer com que a assistência assegurada pela família se perdesse. Devido às mudanças ocorridas na sociedade, são poucas as famílias que têm disponibilidade para cuidar dos idosos, emergindo, assim, uma quantidade de instituições públicas e privadas como resposta a estes fenómenos sociais.

Efetivamente, uma das soluções é recorrer à institucionalização, quebrando de alguma forma as relações com as gerações mais novas. Os idosos são acolhidos em Lares de Terceira Idade por diferentes razões, como por exemplo o seu conjugue faleceu, os filhos trabalham e os netos estudam fora. Afastados do meio familiar, os laços de amizade e de convivência com os netos e outros familiares vão-se fragilizando até que se tornam escassos. Alguns têm os seus netos no estrangeiro porque os filhos tiveram de emigrar à procura de uma vida melhor e é-lhes difícil comunicar com os avós, pois não sabem falar português corretamente. À medida que ganhamos mais anos à vida, as relações intergeracionais tendem a fragilizar-se.

Como observadora atenta da sociedade e do meio social no qual nos inserimos, fomos verificando que existe uma ausência de práticas intergeracionais.

Pretende-se com este estudo refletir sobre esta problemática, desafiando as comunidades para um futuro mais animador onde as gerações convivam umas com as outras. Assim, o objeto de estudo deste trabalho é perceber em que medida as práticas de animação sociocultural desenvolvidas com os idosos nesta instituição em estudo

(Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor) integram planos de atividades intergeracionais, com que finalidade e com que periodicidade são postas em prática, pois entendemos que reúne condições para desenvolver este género de atividades.

Importa saber, então, como é animado o tempo nas instituições e quais as estratégias desenvolvidas para promover a cultura intergeracional.

Sabendo que a esperança média de vida tende a aumentar, há que aproveitar essa oportunidade para investir em programas de Animação Sociocultural para garantir um envelhecimento ativo e uma educação que se prolongue ao longo da vida.

Tendo em vista o exposto e as potencialidades da Animação Sociocultural, sabe-se que as capacidades mentais e psicológicas dos idosos são fortificadas, quando estes sujeitos estão envolvidos em práticas educativas. A aprendizagem é um processo que se realiza ao longo da vida. Não é por se ter mais de 65 anos e se esta institucionalizado que a vida vai parar. Urge criar programas e alternativas para combater os tempos de solidão.

É função do animador sociocultural tornar esse tempo livre e solitário num tempo animado através de atividades que tenham em conta a experiência de vida, a cultura, os saberes, as vivências desses mesmos idosos. Aproximar gerações, reavivar laços perdidos e contribuir para uma educação permanente, melhorando assim a sua qualidade de vida.

Assim o nosso trabalho empírico centra-se na “Animação Sociocultural e nas Práticas Intergeracionais. Trata-se de um Estudo de caso realizado na Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor: Lar Nossa Senhora da Lapa e Jardim de Infância Flor de Liz. Visto que a Santa Casa da Misericórdia tem várias valências, a nossa escolha recaiu sobre o Lar Nossa Senhora da Lapa por se encontrar muito próximo do Jardim de Infância Flor de Liz.

Como refere Ferrigno (2003) o número de população idosa é cada vez maior. Existe cada vez mais um corte entre gerações. As gerações vivem segmentadas em espaços exclusivos.

Santos e Encarnação (1998) diz-nos que a desintegração intergeracional é trocada pelas próprias instituições sociais, as IPSS. Confia-se a educação às escolas, o auxílio aos idosos a asilos, lares e casas de repouso.

Urge, a nosso entender, criar espaços e atividades onde se reforcem ou criem os laços perdidos entre as gerações. Pretendemos com este estudo, saber em que medida a animação sociocultural implementada no Lar aproxima gerações, uma vez que o

progressivo envelhecimento da população mundial apela a uma solidariedade intergeracional.

Como refere Martín (2007:70) *“a falta de contacto intergeracional pode ser a base que explica as percepções negativas relativamente aos idosos”*.

O mesmo autor sublinha ainda que é necessário avaliar se o aumento da quantidade de contactos com idosos, pode ser um meio adequado para formar e informar os mais jovens acerca do que significa e do que é a velhice e se contribui para modificar as atitudes menos positivas sobre a velhice e proporcionar um melhor entendimento intergeracional.

Como resultado das considerações mencionadas até agora emergem as seguintes questões: No Lar Nossa Senhora da Lapa são desenvolvidas atividades entre os idosos e as crianças do Jardim de Infância Flor de Liz? Será que a animação sociocultural nesta instituição é considerada tão importante quanto os outros serviços prestados aos idosos? Será que a animação sociocultural desenvolvida no Lar Nossa Senhora da Lapa é um recurso e uma metodologia de intervenção capaz de desencadear um relacionamento intergeracional entre crianças e idosos?

Como objetivos pretendemos despertar curiosidade acerca do tema em estudo. Pretendemos também sensibilizar os técnicos e responsáveis da instituição para a situação de institucionalização de idosos e crianças e da oportunidade de convívio intergeracional. Conhecer o quotidiano do Lar e do Jardim de Infância Flor de Liz para melhor compreender o contexto institucional. Saber qual a frequência das práticas intergeracionais. Analisar a opinião dos idosos acerca das atividades intergeracionais. Compreender as opiniões do grupo de profissionais sobre as atividades intergeracionais. Conhecer os entraves que a institucionalização pode colocar à promoção de atividades entre crianças e idosos e à sua convivência. Conhecer o trabalho de equipa entre o animador e os outros técnicos que trabalham no lar e as educadoras do infantário.

Neste contexto, a nossa investigação está estruturada da seguinte forma:

No Capítulo I, Enquadramento Teórico, debruçamo-nos sobre a hermenêutica do tema em estudo, procurando contextualizar a pesquisa e aprofundar saberes relacionados com a problemática. Conceitos como o envelhecimento, a institucionalização, a animação sociocultural, o animador e as práticas intergeracionais são discutidas e clarificadas à luz de vários autores, não descurando a importância dos laços intergeracionais na construção dos diferentes percursos de vida.

No Capítulo II, Contexto da Investigação, é apresentada uma caracterização da Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor, bem como do Lar em estudo, Nossa Senhora da Lapa e do Jardim de Infância Flor de Liz.

No Capítulo III, Metodologia de Investigação e Procedimentos, é abordada a metodologia e os instrumentos de recolha de dados.

No Capítulo IV, Apresentação e Discussão dos Resultados, procedemos à análise e interpretação dos resultados.

Por último, são apresentadas as principais conclusões deste estudo, baseando-nos na revisão bibliográfica e nas reflexões que foram sendo construídas ao longo desta investigação.

Capítulo I

I- Enquadramento Teórico

1-Envelhecimento Demográfico em Portugal

O aumento da longevidade do ser humano é um acontecimento histórico inédito e planetário. Em todas as partes do mundo, constata-se que existe um envelhecimento das populações (Ferrigno, 2003).

A tendência para o crescimento da população idosa é um dos traços mais salientes na sociedade portuguesa. Como nos referem Paúl e Fonseca (2005:15):

“Portugal enfrenta uma realidade que sendo comum à generalidade dos países Europeus só agora começa a ganhar um impacto social relevante: baixas taxas de natalidade e de mortalidade, com o aumento significativo do peso dos idosos no conjunto da população do país”.

Para Fernandes (1997) o envelhecimento das populações é um fenómeno que tem preocupado cientistas e governantes. Os custos do elevado número de pessoas idosas representam a falência dos sistemas de reforma. O envelhecimento demográfico, enquanto fenómeno resultante do aumento da proporção de pessoas com mais de 60 ou 65 anos de idade e pelo prolongamento das suas vidas, para além do período de atividade e da redução do número de pessoas com menos de 15 ou 19 anos de idade, é um processo irreversível ao longo dos próximos anos, nos países industrializados. Para o mesmo autor o conceito de envelhecimento demográfico parece entrar em contradição com um outro fenómeno demográfico, o aumento da esperança média de vida elevou o número de anos que contamos vir a viver depois de atingir uma qualquer idade. Um exemplo das consequências que traz esta modificação é o fato de um sexagenário, em 1980, ser diferente de um outro de algumas gerações anteriores. Possui melhores condições para contrariar a doença, possui mais saúde.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2007) o número de idosos tem aumentado, em particular o grupo com 80 e mais anos. A sua maioria pertence ao sexo feminino. Entre 1990 e 2006, subiu de 20 para 26 o número de pessoas com 65 e mais anos de idade por cada 100 pessoas em idade ativa.

Se em 1990, por cada 100 jovens que residiam em Portugal havia cerca de 68 idosos, em 2006 ascendeu para 112 idosos por cada 100 jovens. Nos próximos 25 anos

o número de idosos poderá ultrapassar o dobro do número de jovens. Pode exceder os 200 idosos por cada 100 jovens em 2033.¹

Nos próximos 50 anos, Portugal poderá continuar com cerca de 10 milhões de residentes, mas manter-se-á a tendência de envelhecimento demográfico, projetando-se que, em 2060, residam no território nacional cerca de 3 idosos por cada jovem.

Estes dados apontam para a diminuição das percentagens de jovens (menos de 15 anos) e de adultos (dos 15 aos 64 anos), a par do aumento da percentagem de idosos.

A proporção de jovens (menos de 15 anos) reduzir-se-á (de 15,3% em 2008 para 11,9% em 2060), tal como a percentagem da população em idade ativa (de 67,2% em 2008 para 55,7%). Tal sucede em oposição ao aumento considerável do peso relativo da população com 65 ou mais anos de idade, que duplicará (passando de 17,4% em 2008 para 32,3% em 2060).

Para o aumento esperado da percentagem da população idosa contribuirá sobretudo a tendência de evolução da população mais idosa, com mais de 80 anos de idade que poderá passar de 4,2% do total de efetivos em 2008 para valores entre 12,7% e 15,8% em 2060. O índice de envelhecimento da população continuará a aumentar, considerando o decréscimo da população jovem, em simultâneo com o aumento da população idosa, o índice de envelhecimento da população aumentará. Em 2060 residirão em Portugal 271 idosos por cada 100 jovens, mais do dobro do valor projetado para 2009 (116 idosos por cada 100 jovens).²

Após a análise dos censos 2011, cerca de 400.964 idosos vivem sozinhos ou em companhia de outras pessoas com 65 anos ou ainda mais velhas, o que corresponde a cerca de 60% da população idosa em Portugal. O número de pessoas de terceira idade que vivem sozinhas ou na companhia de outras aumentou de 942.594 (censos 2011) para 1,2 milhões em 2011. Houve um acréscimo de 28%.

A tendência é geral em todo o país, mas Lisboa (22%), Alentejo (22%) e Algarve (21%) é onde a solidão e o isolamento é maior. O Norte e os Açores, apesar de apresentarem uma subida de 17%, foram as regiões com menor percentagem de idosos sem companhia. No Norte, encontra-se a maior percentagem de população idosa,

¹Acesso: www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=7398813&att. Consultado em 26-03-2012.

²Acesso: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdestboui=65573359&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2. Consultado em 26-03-2012.

corresponde a 31% do total. O Centro e a Região de Lisboa, com cerca de 26%, o Alentejo (9,1), Algarve (4,4), Madeira (2) e, por fim, os Açores, onde os idosos representam 1,6 % da população. No campo habitacional, em 10% dos alojamentos portugueses, existe um só residente: um idoso.

*“O aumento da esperança média de vida, a desertificação e a transformação do papel da família nas sociedades modernas terão, certamente, contribuído para explicar as mudanças observadas e as diferenças que se verificaram entre regiões”.*³

De acordo com Levet (1998), desta forma, existe uma tendência para o acentuar do envelhecimento da população, onde contribuem os níveis de fecundidade abaixo do limiar de substituição de gerações, um contínuo aumento da esperança média de vida à nascença. Entre a população idosa, a percentagem de indivíduos com mais de 85 anos continuará a aumentar, destacando-se uma maior longevidade nas mulheres.

³Acesso:http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=14916251&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2. Consultado em 26-03-2012.

1.1-Realidade Biológica: Envelhecimento e Longevidade

“Assim como estimo um adolescente no qual se encontra algo de um velho, assim aprecio um ancião no qual se encontra alguma coisa de um adolescente; aquele que seguir esta regra, poderá ser velho de corpo, não será jamais de alma”.

Marco Túlio Cícero (apud Costa, 1998:31)

“É no âmago dos nossos órgãos, na intimidade das nossas células, na expressão dos nossos genes que se representa o drama do envelhecimento, como um ruído de fundo crescente que parasita o funcionamento do nosso organismo, e o conduz lentamente para o declínio”.

Rosnay et al. (2006:19)

Segundo a Organização das Nações Unidas estamos em plena “Era do Envelhecimento”, período que decorre entre 1975 e 2025 (Costa, 1998).

Para Pinto (2001) o aumento da população idosa a nível mundial e, especialmente, nos países industrializados, deve-se a dois fatores: o aumento da esperança de vida e a redução da taxa de natalidade. É difícil definir o termo envelhecimento na medida em que se pretende caracterizar um processo estreitamente conectado com a vida e com a morte. Uma coisa é certa, todos os organismos vivos envelhecem.

Para Fontaine (2000), o envelhecimento da população é um fenómeno observado em todos os países. Os progressos médicos e a melhoria das condições de vida são tais, desde a Segunda Guerra Mundial, que o número de pessoas com mais de 60 anos aumenta de ano para ano.

Who citado por Silva (2006), refere que nos dias de hoje o envelhecimento da população constitui-se como um fenómeno global com efeitos em cada pessoa, mulher

ou homem, adulto ou jovem, provocando alterações e acarretando consequências em todas as áreas do quotidiano da vida humana, afetando o mercado de trabalho, o crescimento económico, o investimento e o consumo, as pensões, as despesas com a saúde, os cuidados de umas gerações relativamente às outras, a composição dos alojamentos e da família.

Para Gro Brumdtland, citado por Jacob (2008:15) *“O envelhecimento da população é, antes de tudo, uma história de sucesso para as políticas de saúde pública, assim como para o desenvolvimento social e económico do mundo”*.

Costa (1998) refere que o envelhecimento é, para vários autores, um processo evolutivo, auto contínuo, sem interrupção, vai acontecendo a partir do dia em que nascemos até ao dia em que morremos. É a marcha natural pela qual todo o ser humano passa. Uma pessoa pode falecer aos 5, 18, ou 40 anos e terá envelhecido durante o tempo em que viveu. É o processo constante de transformação, produto do envelhecimento, resultado deste processo de envelhecer, é a velhice, o estado de ser velho.

Destefani (2001), a propósito do autor acima citado, diz-nos que para viver melhor esta etapa da vida devemos encarar o envelhecimento como um processo natural do ciclo vital. O segredo está em viver cada uma das etapas com alegria, lucidez e sabedoria. Ao longo destas etapas e à medida que as vamos vivendo, encontramos novos desafios, estabilidade, maturidade, experiência e equilíbrio emocional. É uma questão de atitude, se a pessoa assume uma atitude de rejeição apressa ainda mais o processo de envelhecer. Se por outro lado assume uma atitude saudável, normalmente aceita também com tranquilidade as mudanças que vão acontecendo. O envelhecimento é marcado tanto por mudanças físicas, que acontecem a nível do corpo, como a nível psicológico e emocional. As rugas, os cabelos brancos, a diminuição da visão, da audição, a redução da agilidade de locomoção, da força física nas mãos e nas pernas são os aspetos biológicos mais visíveis. O idoso é capaz de satisfazer as próprias necessidades e de resolver os seus próprios problemas, apesar de estar em curso uma evidente diminuição das energias físicas e psíquicas e precisar de ajuda no seu quotidiano.

De acordo com a Direcção Geral de Saúde (2005:5), “(...) o envelhecimento humano pode ser definido como o processo de mudança progressivo da estrutura biológica, psicológica, e social dos indivíduos que, iniciando-se mesmo antes do nascimento, se desenvolve ao longo da vida.”⁴

Fernandes (2002) entende que o envelhecimento é um conjunto de processos dinâmicos que contempla transformações do organismo de natureza biológica e psicológica em função do tempo. Configura também o envelhecimento por todas as modificações ocorridas a nível morfológico, fisiológico, psicológico e social consecutivas à ação do tempo no organismo. “*Torna-se assim evidente que o envelhecimento não é uma doença: vive-se, logo envelhece-se*” (Fernandes, 2002:21).

Robert (1995:17) sustenta que “o envelhecimento é caracterizado pela incapacidade progressiva do organismo para se adaptar às condições variáveis do seu ambiente.”

Já Neri citado por Moura (2006), salienta que a maneira de envelhecer depende do trajeto de vida de cada pessoa, grupo etário e geração, sendo composto por influências constantes e interativas das circunstâncias histórico culturais, da ocorrência de diferentes patologias no decorrer do processo de desenvolvimento e envelhecimento e de fatores genéticos.

Neste sentido Paschoal (1996) refere que o processo de envelhecimento depende muito de pessoa para pessoa, apresentando diferentes níveis e diversos graus.

Biologicamente, o envelhecimento é um processo contínuo que acontece ao longo da vida, começa tão precocemente como a puberdade.

Socialmente, as características das pessoas ditas idosas, variam de idoso para idoso, estão relacionadas com o quadro cultural, com o transcorrer das gerações e, especialmente, com as condições de trabalho e de vida a que estão submetidas as pessoas dessa sociedade, de maneira que as desigualdades das mesmas condições propiciam também discrepâncias no processo de envelhecimento.

⁴Acesso:<http://www.min-saude.pt/NR/rdonlyres/1C6DFF0E-9E74-4DED94A9F7EA0B3760AA/0/i006346.pdf>. Consultado em 09-05-2012.

Intelectualmente, verifica-se que alguém começa a ficar velho quando começam a surgir os lapsos de memória, dificuldades de aprendizagem e falhas de atenção, concentração e orientação, comparativamente com as suas competências intelectuais anteriores.

Economicamente, diz-se que uma pessoa se torna idosa no momento em que abandona o mercado de trabalho e deixa de ser considerada economicamente ativa.

Funcionalmente, quando a saúde física e mental se deteriora, começando esta a depender dos outros para realizar as necessidades ou tarefas habituais.

Cronologicamente, as nações unidas estabeleceram os 65 anos de idade, a partir do qual os indivíduos seriam considerados idosos nos países desenvolvidos. A decisão torna-se arbitrária, dependendo do desenvolvimento socioeconómico de cada sociedade.

Nos países em desenvolvimento, onde a expectativa média de vida é menor, adotou-se os 60 anos de idade como a idade de transição dos indivíduos para o segmento da população idosa.

Segundo Gonzalo Ramírez, citado por Costa (1998:31), podem existir várias idades: *“a psicológica (idade do espírito), a mental (idade do critério e do entendimento), e a social (idade imposta pela comunidade), a cultural (idade dos conhecimentos) e a económica (idade dos recursos para satisfazer necessidades)”*.

O termo “envelhecimento” é utilizado por Salgado, citado por Costa (1998:25), *“para designar o processo vital normal e “senescência” como uma fase mais adiantada de velhice, caracterizada por modificações deficitárias no idoso”*.

A este propósito Henrard citado por Vaz (2008), diz-nos que o envelhecimento é um conceito de duplo sentido que engloba a senescência como manifestação do desenrolar do tempo biológico e o avanço da idade como o desenrolar do tempo cronológico. O mesmo autor refere que a senescência é definida habitualmente como o conjunto dos processos biológicos que, à medida que a idade avança, coloca os indivíduos mais sensíveis aos fatores suscetíveis de levar à morte. A morte pode acontecer após o declínio das capacidades de adaptação do organismo para manter as suas funções internas face às agressões exteriores tais como as doenças ou os acidentes. Os processos conducentes à senescência respondem a quatro critérios largamente aceites: ser universal, progressivo, endógeno e degenerativo.

De acordo com Lidz (1983), citado por Oliveira (2005), existem três fases de envelhecimento:

1º- Diz respeito ao idoso sem grandes alterações psicossomáticas significativas, embora reformado o indivíduo é autossuficiente.

2º- Senescência, onde se verificam algumas alterações significativas ao nível orgânico e psicológico, já existe alguma dependência.

3º- Senilidade, o idoso torna-se totalmente dependente devido a um decréscimo das capacidades intelectuais e/ou perturbações do foro psico-emocional, mental com ou sem patologia neuronal subjacente.

Na mesma linha de pensamento, para Almeida (2006), senilidade ou senescência, corresponde à redução da resistência, às diversas doenças e ao funcionamento normal dos seus órgãos e sistema. O termo senilidade centra-se nas modificações verificadas no corpo e no espírito do idoso.

Costa (1998) refere que aceitar o seu próprio envelhecimento é difícil para a maioria das pessoas. É como se fosse uma doença, praga, um mal, tanto para aqueles que são jovens, como para aqueles que começam a envelhecer ou mesmo para os que já estão na fase da senescência. Ao longo dos tempos, a pessoa idosa tem sido abandonada, estigmatizada e até mesmo esquecida pela família que, muitas vezes, o rejeita; os mais novos chegam a cansar da nostalgia das suas palavras. A sociedade, principalmente, a tecnológica não o vê e não o aceita. O ser humano independentemente da sua idade deveria mostrar mais empenho, atenção pela causa do envelhecimento.

Marina citada por Silva (2006:4), “denomina por envelhecimento o fenómeno biológico e por velhice, ou ansiedade, o fenómeno cultural”.

Deduz-se, então, que envelhecimento e velhice não são sinónimos e nem só as pessoas idosas envelhecem. A velhice, embora tenha o processo de envelhecimento como pano de fundo, é uma etapa da vida marcada pela longevidade (Cardão, 2009).

Segundo Morais citado por Silva (2006:4)

“a velhice é definida como o estado ou condição de velho, sinónimo de idoso, de idade avançada, período do ciclo da vida humana que sucede à idade madura, venerável, digno de respeito, apresentando-se como uma dimensão biológica e uma dimensão cultural”.

De acordo com Esteves (1995) é na transição da idade ativa e na reforma que a velhice se conhece. Reforma lembra-nos uma saída do emprego que ocupou grande parte da vida ativa do indivíduo. Existe, no entanto, um momento de rutura entre o período ativo, marcado por horários, regras e responsabilidades que, de forma abrupta, termina. Uma vez que a partir desse momento deixa de conviver com os mesmos atores a que estava habituado, deixa de exercer determinada atividade, terá, possivelmente, uma quebra de rendimento económico que poderá conduzir a uma inexistência de objetivos de vida, levando-o ao isolamento.

Para Lenoir, citado por Fernandes (1997:12), a velhice define-se como sendo *“uma categoria cuja delimitação resulta do estado (variável) das relações de força entre as classes e das relações entre as gerações, isto é da distribuição do poder e dos privilégios entre as classes e as gerações”.*

Como referem Arber e Ginn citados por Vaz (2008:20), *“as pessoas de “idade” são vistas como um grupo de pessoas “ parasitas” do Estado”.* Acontece, assim, um desequilíbrio entre trabalhadores e pensionistas, em que os primeiros são vistos como os únicos que produzem rendimentos e pagam impostos para sustentar as reformas dos mais velhos. Para todos, o tornar-se idoso representa a passagem de uma fase diferente da existência, onde há uma mudança de papéis e de esperas.

Segundo Fernandes (1997:11)

“O problema social da velhice nos nossos dias, por todos conhecido e suficientemente divulgado pelas instâncias políticas e pelos meios de comunicação social, é produto da construção social resultante do confronto de ideias e de interesses entre grupos sociais e entre gerações, de modo a obter o poder da manipulação sobre as classes de idades”.

Para Santos e Encarnação (1998:32)

“A velhice é o remate da vida, no seu duplo sentido por um lado finaliza-a, constituindo-se no seu supremo acabamento; por outro, já que quem quer que acumule anos de vida é o vivente por excelência. O idoso representa um concentrado de Ser e, enquanto tal, sujeito de honra. A idade é, a qualquer título, um atributo positivo, uma qualificação”.

É neste contexto que Jacob (2008:34) sublinha que *“Os idosos são uma grande fonte de sabedoria, adquirida pelas suas vivências e trabalho ao longo das suas vidas”.*

Destéfani (2001) diz-nos que a velhice abarca diferentes dimensões em que o ancião tem o dom do tempo, pode investir nele segundo a sua criatividade ou o que o coração lhe diz envolver-se em atividades criativas, visitar quem está sozinho, etc.

Destéfani (2001:13) referindo-se à carta dirigida aos anciãos por João Paulo II, relativamente ao ano Internacional do Idoso, diz-nos que:

“A velhice é o Outono da vida, é o tempo favorável a que a pessoa possa compreender melhor o sentido da vida e alcançar a sabedoria”.

“Os anciãos são “bibliotecas vivas” de sabedoria, guardiães de um patrimônio inestimável de testemunhos humanos e espirituais”.

Neste sentido Fernandes (2002: 24) refere que a velhice *“é um processo inelutável caracterizado por um conjunto complexo de fatores fisiológicos, psicológicos, sociais, específicos em cada indivíduo, podendo ser considerado o coroamento das etapas da vida”.*

Na mesma linha de pensamento, Ribeiro citado por Figueiredo (2001:119), refere que:

“ Só envelhece bem um cérebro que está livre, sem amarras, sem preconceitos, sem tabus. Que deixa “rolar” a sensibilidade, as emoções, quem cria, quem comunica, quem se interessa, quem se deixa conhecer, quem compartilha, quem se empenha em ser feliz. E, se pensarmos bem, ser feliz é o que importa (...) só encontra a felicidade quem quer e está disposto a ir ao encontro para compartilhá-la com os outros, tenha a idade que tiver”.

Moura (2006) afirma que hoje em dia o geronte é visto como um ser isolado, inútil, alguém que precisa de cuidados permanentes de saúde, na grande maioria das vezes, dependente econômica e fisicamente, havendo algum declínio biológico e mental.

Todavia Levet (1998) sublinha que o grupo de pessoas de idade é um grupo social muito vasto, não homogêneo, e onde se deparam gerações que não têm os mesmos recursos, a mesma experiência de vida, a mesma história, o mesmo futuro.

1.2-Envelhecimento em meio rural

Nas zonas rurais portuguesas a taxa de idosos (65 ou mais anos) era de 22,15% em 2001, passando a 22,7% em 2006. Nas zonas urbanas passou-se de 14,1% em 2001 para 15,1% em 2006. De referir que apenas cinco países na União Europeia (27 estados membros) apresentam percentagens de idosos (a viver em zonas rurais) superiores a 20%. Portugal é um desses países, juntamente com a Itália, Grécia, França e Espanha.

As zonas rurais “perdem” a geração jovem mais rapidamente do que as áreas urbanas.⁵

Para Fonseca, Martín e Amado (2005), o interior rural de Portugal, na sua generalidade, é uma zona envelhecida e pouco povoada; os mais novos saíram, sobretudo a partir da década de 60, para as cidades ou para o estrangeiro à procura de uma vida melhor. As aldeias são habitadas praticamente por idosos, onde fecham as escolas primárias e abrem lares. Por sua vez, estes permanecem ora entregues a si próprios, aos seus cônjuges e companheiros de uma vida, ora institucionalizados.

Os mesmos autores, Fonseca, Martín e Amado (2005) referem que as populações rurais se debatem com imensas necessidades que não são satisfeitas, como a ausência de serviços sociais, de saúde e de transporte, apresentando dificuldades económicas evidentes para aceder a serviços e equipamentos afastados da zona de residência; a migração do mundo rural para zonas urbanas despovoou as comunidades, afastando assim eventuais prestadores de cuidados familiares. A condição de idoso acaba por ser frequentemente afetada, ou seja, vive em zonas fracamente povoadas e com poucos recursos, associando-se, por vezes, problemas de saúde, baixos rendimentos e solidão. De facto, estas comunidades enfrentam fortes desvantagens, sobretudo, nas áreas da saúde, do rendimento, da habitação e do acesso aos serviços.

Lawton citado por Pául, Fonseca, Martín e Amado (2005), afirma que, de um modo global, o ambiente rural exerce menor pressão sobre os idosos, favorecendo um sentimento de segurança, pois há pouca confusão nas ruas, roubos e as agressões são incomuns. Muitos dos idosos, que habitam nas aldeias, continuam a cuidar dos seus

⁵Acesso: <http://projectotio.net/archives/tag/estatisticas>. Consultado em:14-07-2012.

animais e dos terrenos, conservando-se ativos e habilitados até que a força física o possibilite. Estes vivem em maior harmonia com o ambiente do que os idosos urbanos.

Outros autores, Melo e Neto (2003) referem, que no meio rural, o idoso tem um nível de vida melhor, com alguma qualidade de vida e bem-estar e menos carências. O idoso é mais autónomo, ainda trabalha e todos os membros da aldeia se conhecem.

Na esteira dos autores anteriores, Sequeira e Silva (2003) analisaram os níveis de bem-estar de um grupo de idosos residentes em meio rural e identificam as variáveis mais importantes que constituem o seu bem-estar, verificando que os meios rurais constituem um ambiente privilegiado no que respeita ao envelhecimento, uma vez que promovem as redes de relação que, conseqüentemente, originam um maior contacto e uma maior rede de vizinhança, o que leva a um maior apoio instrumental, emocional e psicológico. No meio rural, o isolamento é menor do que no meio urbano.

Segundo Nina e Paiva citado por Silva (2006) sublinham que uma coisa é certa, envelhece-se, quer seja no meio rural, quer no urbano, o que varia é a forma como se envelhece e a dignidade do apoio oferecido, esta sim é diferente e condiciona a qualidade de vida. Nas zonas rurais verifica-se que existe uma maior solidariedade e proximidade entre as pessoas. Nos meios rurais as más notícias correm rápido e o sentimento de união aparece rapidamente para o apoio numa urgência ou doença.

1.3-Mudanças na Estrutura Familiar e nas Relações Intergeracionais

Como refere Leite (2003), em Portugal, os comportamentos familiares têm vindo a alterar-se. Mais tardiamente do que nos países europeus, as mudanças verificadas no campo familiar são tão significativas que a família apresenta hoje contornos diferentes de há 30 ou 40 anos atrás. Estas alterações podem ser explicadas pela conjugação de diversos fatores: o aumento da esperança média de vida; a queda da fecundidade e o aumento da eficácia da contraceção; o adiamento da idade do nascimento do primeiro filho; a diminuição do número de filhos por casal e da dimensão média das famílias; a maior escolarização dos jovens; a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho; o aumento do número de pessoas a viver só; a crescente instabilidade das relações conjugais e os casais sem filhos, entre outros.

Afinal o que é a família?

Para Pinto, citado por Silva (2006:43), a família é definida como:

“o lugar ou contexto onde se nasce, onde se cresce, onde se ama, onde se é feliz ou infeliz, para onde se volta quando e por qualquer razão se partiu e tal como o filho pródigo, se sente cansaço e necessidade de recuperar forças e, onde, por fim, com alguma sorte, ainda se morre”.

Quais as mudanças ocorridas?

Ferrigno (2003) refere que a passagem de uma sociedade agrária para uma sociedade industrializada é caracterizada por importantes alterações na família. A família nuclear típica da sociedade industrial é composta por um casal e poucos filhos, quando existem. Já nas sociedades baseadas na agricultura contava-se com a convivência entre quatro gerações, desde os bisnetos até aos bisavôs, além da presença de parentes laterais e outros agregados. São estas mudanças ocorridas na estrutura familiar que muito têm contribuído para o afastamento das gerações. Existe um grande número de pessoas idosas a viverem sozinhas ou apenas com o seu conjugue, além daqueles que se encontram em instituições. As conversas dos idosos, que coabitam com netos e filhos, tornam-se quase inexistentes. Parece que a mudança de comportamento dos idosos acompanha a mudança de hábitos na sociedade como um todo. Se a Modernidade se caracterizou por uma organização do ciclo de desenvolvimento humano, uma certa

“desorganização” da vida social e familiar é vista por um outro momento histórico a Pós-modernidade.

Para Fernandes (1997) a estrutura das relações familiares nas sociedades industrializadas tem sofrido alterações que intervêm também no problema da velhice. A institucionalização e a abrangência dos sistemas de reforma libertam os filhos do encargo económico dos seus pais, que vivem agora com saúde durante mais tempo. A diminuição da mortalidade e a baixa fecundidade afetam a composição dos laços familiares; está provado que se origina uma espécie de compensação entre a diminuição do número de filhos e a existência de fortes laços com a família alargada como que para assegurar um nó sólido em torno das células conjugais, dos isolados e dos velhos. A emergência do problema social da velhice está na alteração da forma como se relacionam as gerações no interior da família.

Como refere Pinto (2001) a família era para o idoso o seu primeiro apoio. As mudanças ocorridas a nível familiar, passando-se das famílias tradicionais para as famílias nucleares ou monoparentais fizeram com que os apoios do cuidador informal se enfraquecessem, tendendo a manter-se apenas em zonas rurais.

Figueiredo (2007) diz-nos que enquanto antigamente a maior parte das mulheres era doméstica e ficava em casa a cuidar dos familiares, dos pais e dos filhos necessitados ou dependentes, agora as mesmas trabalham fora de casa, recorrendo a instituições ou empregadas domésticas para as ajudar na gestão da vida doméstica e familiar. Este fenómeno não acarreta uma fragilização da família. Segundo o autor, a família reorganiza-se perante a integração da mulher no mundo laboral e o prolongamento da velhice.

Para Fernandes, citado por Silva (2006), apesar de as mulheres trabalharem fora de casa, as tarefas domésticas e os cuidados com os idosos e com os filhos continuam a pertencer-lhe a elas.

As relações de proteção e apoio familiar são consideradas as dimensões basilares da família como nos diz Gimeno Collado (2003:95) citado por Silva (2006: 45), *“a protecção orienta-se inicialmente de pais para filhos, devendo variar de*

conteúdo e de intensidade, adaptando-se às necessidades evolutivas destes, para se transferir depois para os idosos e os que têm necessidades especiais”.

Pereira e Costa (2012), a propósito das relações intergeracionais familiares, referem que podem ser vistas em três planos:

- o afetivo (afetos trocados entre familiares);
- o normativo (engloba um conjunto de costumes, crenças, normas e valores partilhados pelos membros da família);
- o instrumental (cuidado de crianças e idosos, realização de tarefas domésticas, troca de bens materiais não monetários, apoio financeiro).

Emergiram dois fenómenos na Pós-modernidade com grande impacto ao nível da família e nas relações, sendo eles a institucionalização e a dessincronização dos ritmos biológico, social e tecnológico.

A institucionalização faz parte das nossas vidas, desde o fraldário, infantário, pré-escola, escola, universidade e, mais tarde, os lares de idosos. O que por um lado pode ser bom e por outro não. O acesso foi democratizado, as pessoas usufruem dos benefícios do conhecimento técnico e científico. É um meio privilegiado para o uso social da ciência. O lado menos positivo é quando esta se enraíza em demasia, não complementando os contextos tradicionais de socialização, como por exemplo: a família, os grupos de amigos na infância ou na terceira idade.

Santos e Encarnação (1998) referem que na família e na aldeia, o velho era o historiador que mantinha vivas as tradições, a cultura e as histórias do local. Era o sábio ao qual se recorria para ajudar na resolução de problemas. Não morreria só, no final da sua vida teria quem o aconchegasse. Abandonadas as ligações familiares e de vizinhança, transformadas as formas de solidariedade resta-lhes a tentativa da experiência como idoso-só. Se o pensamento de solidão atinge o homem moderno, reflita-se nos efeitos que este tem sobre a pessoa idosa.

Neste sentido, Costa (2009) refere que as queixas dos idosos se resumem à solidão e ao surgimento do isolamento social.

Silva (2006) refere que este é um fenómeno que está particularmente difundido na população dos mais idosos, mais propriamente por motivos de viuvez, sendo este também um fenómeno tipicamente feminino, devido à mais elevada esperança de vida.

Devido às mudanças ocorridas ao longo dos tempos, a população idosa recorre cada vez mais á institucionalização por questões de ordem social que, noutros tempos, seria impensável, sendo uma realidade cada vez mais presente.

1.4-Institucionalização

Jacob (2008) refere que os equipamentos destinados a idosos se apelidavam de asilos ou albergues, com o melhoramento destes espaços a partir das décadas de 50 e de 60 passaram a denominar-se de lares de idosos. Mais tarde, nos finais dos anos 60, surgem os centros de dia e os centros de convívio; estes últimos mais vocacionados para a animação e lazer dos idosos. No início dos anos 80, surgem com grande evidência os serviços de apoio domiciliário, tendo estes como objetivo principal prestar alguns serviços do centro de dia, permitindo ao idoso ficar mais tempo em sua casa, reduzindo os custos ao Estado.

Na década de 90, nasce mais uma solução social, o acolhimento familiar de idosos, com pouca expressão em Portugal. A partir desta década, o Serviço de Apoio Domiciliário é alargado para o domínio da saúde em conjunto com os Centros de Saúde, originando o apoio ao domiciliário integrado, agregando assim a resposta social com a saúde. Surgem também os centros de noite, as unidades de apoio integrado e os acolhimentos temporários de emergência para os mais velhos. Outros espaços que emergem, também, sem reconhecimento da segurança social são as Universidades da Terceira Idade, pois os idosos também necessitam de espaços sociais adaptados aos seus gostos e às suas capacidades, sentindo-se assim úteis, ativos e participativos.

Hoje, segundo o Diário da Republica, 1.^a série-N.º58-21 de março de 2012, Portaria n.º 67/2012 de 21 de Março ⁶:

Considera-se estrutura residencial para pessoas idosas, o estabelecimento para o alojamento coletivo de utilização temporária ou permanente, em que sejam desenvolvidas atividades de apoio social e prestados cuidados de enfermagem.

Tendo em conta o que nos diz Osório (2004) uma série de mudanças sociais importantes estão a ocorrer na nossa sociedade, obrigando a alterações essenciais no atendimento às pessoas idosas. Essas mudanças são: maiores expectativas de vida, a situação da família nuclear, a separação e afastamento entre gerações, o espaço mais reduzido na habitação atual, principalmente nos meios urbanos, o trabalho dos filhos, etc.

⁶ Acesso: <http://dre.pt/pdf1sdip/2012/03/05800/0132401329.pdf>. Consultado em 27-03-2012.

Segundo Lopes (2008:156):

“Se olharmos à nossa volta observamos que apesar da evolução notada, continuam a existir muitos jardins de infância/armazéns de crianças, continuamente deparamo-nos com lares de terceira idade que na prática são depósitos de idosos e ao contrário de alguns anos atrás (poucos anos) são retirados à juventude espaços de diálogo, interação, convívio, etc.”.

A este propósito Giddens (1994) refere que a vida social moderna se caracteriza por processos profundos de reorganização do tempo e do espaço, alterando o conteúdo e a natureza da vida quotidiana.

O que acontece então aos idosos da nossa sociedade com estas reorganizações?

Para Magos (1995) devido ao envelhecimento das populações e às alterações dos modos de vida nas famílias, existe uma maior tendência para “colocar” o idoso em instituições, local privilegiado para desenvolver a animação de idosos. A institucionalização vem, desta forma, servir de acolhimento a pessoas que apresentam diminuição das suas competências psicológicas, biológicas, patológicas, clínicas e reduzido apoio da família.

Como afirma Figueiredo e Cerqueira (2004), a dependência do idoso e a necessidade dos familiares se manterem no mercado de trabalho, aliados à dificuldade de encontrar um cuidador formal é um motivo para a institucionalização. A família, frequentemente, não dispõe de condições para cuidar do idoso, devido às dificuldades em conciliar o cuidado às atividades do lar e do trabalho ou pela impossibilidade de outros familiares dividirem a tarefa de cuidar. Por esses motivos, a institucionalização pode ser uma solução para um problema. A imposição dos familiares à institucionalização é uma situação dolorosa para o idoso que, por vezes, é forçado pela família ou pelo técnico a adotar uma opção que nem sempre é sua.

Segundo Fericgla, citado por Osório (2004: 257):

(...) optar por um Lar não é a melhor solução e nem a mais desejada. As preferências dos anciãos exprimem-se pela seguinte ordem: “viver com os filhos e netos; viver com o cônjuge, ainda que apareçam, frequentemente, problemas de

saúde que dificultam esta situação; viver sozinhos, mas com condições económicas mínimas asseguradas; viver, por temporadas, nos lares dos filhos e, finalmente, ir viver num lar (principalmente entre indivíduos de nível económico baixo e autóctones “.

Para Cardão (2009), a perda do meio familiar e o «abandono» pela família depressa se juntam a outras vivências de perda como a da sua dependência, do exercício pleno da sua vontade e do direito à sua privacidade. O espaço e o tempo são regulados pela instituição.

Busse, citado por Fernandes (2002:47) refere que: *“geralmente é uma combinação de crescente debilidade da pessoa idosa e recursos financeiros e emocionais decrescentes dos membros da família que levanta a questão emocionalmente difícil de uma institucionalização”.*

O mesmo autor acrescenta: *“na medida em que as incapacidades físicas e psicológicas da pessoa idosa aumentam e as capacidades do meio ambiente diminuem, torna-se necessário, encarar a hipótese de internamento numa instituição (2002: 47)”.*

Deste modo, os serviços institucionais representam, segundo a autora, um recurso importante para os idosos, mas, por vezes, têm impacto negativo no idoso institucionalizado, as consequências podem ser: a despersonalização (pouca privacidade), a desinserção familiar e comunitária, o tratamento massificado, a vida monótona e rotineira, que trata todos os idosos de igual forma.

Segundo Lopes (2006:330): *“O número de pessoas que afluem às instituições por sofrerem de incapacidades físicas ou psíquicas, tem levado residências e centros hospitalares a reclamarem, cada vez mais, não só um modelo de intervenção assistencial, mas também um modelo educativo”.*

Para Cardão (2009) a institucionalização é sempre um momento difícil, mais para uns do que para outros, pois o sentido de perda é variável em função do sujeito, da sua história de vida e da sua capacidade de fazer face ao luto. Deixar a sua casa pode ser um momento de crise, com a perda do seu território, com o sentimento de abandono dos

seus familiares que o deixaram em «casa alheia». Quer para os pais quer para os filhos é um momento difícil.

O Manual de Boas Práticas⁷ (2005:39) está em conformidade com os autores acima citados ao referir que:

“Tomar a decisão e entrar para uma estrutura residencial é uma grande mudança na vida de uma pessoa. Com ela vem, quase sempre, a separação do meio familiar, obrigando a pessoa idosa a adaptar-se a um novo ambiente, que representa muitas vezes uma ruptura em relação à vida e aos hábitos anteriores. É, pois um acto de grande impacto emocional”.

Fernandes (2002) perante esta lógica considera que a institucionalização tem riscos e perigos que podem causar danos graves à autoestima e à integração do idoso na sociedade.

Neste sentido Kane, citado por Born e Boechat (2006), diz-nos que por mais qualidade que a instituição possua, existirá sempre um corte com a vida anterior, levando a um certo afastamento do convívio familiar e social.

Qual o papel da família e da comunidade para com o idoso institucionalizado?

Como refere Destéfani (2000), o idoso continua a pertencer à família, apesar de a instituição passar a ter uma parte de responsabilidade pelo seu internamento. Os laços familiares devem manter-se sempre, estudando-se maneiras para que tal aconteça. A instituição deve manter um fluxo de comunicação aberto com a comunidade. Importante é que as instituições de acolhimento a pessoas idosas implementem de forma progressiva programas de animação e de desenvolvimento pessoal e social.

Segundo López Cruz, citado por Osório (2004:258):

“(…)a necessidade destes programas é insubstituível por diversos motivos: a pessoa idosa, especialmente a que vive numa instituição, dispõe de muitos períodos de ócio, permanecendo demasiado tempo desocupada, o que acaba por ser um fator de

⁷Acesso: [http://www2.segsocial.pt/downloads%5Ciss%5CManual%20Boas%20Pr%C3%A1ticas%20-%20Idosos\[1\].pdf](http://www2.segsocial.pt/downloads%5Ciss%5CManual%20Boas%20Pr%C3%A1ticas%20-%20Idosos[1].pdf). Consultado em 03-04-2012.

tensão na velhice com a conseqüente repercussão sobre a saúde e o bem-estar; a depressão e os estados depressivos são fomentados pelo vazio excessivo e sem sentido, que conduz ao tédio e à apatia, com perda progressiva de identidade, baixa auto-estima e um conceito pessoal negativo”.

Como se pode observar no Manual de Boas Práticas (2005), as estruturas residenciais para pessoas idosas, apesar de terem evoluído significativamente, encontram-se ainda pouco sensibilizadas para novos modelos de intervenção, que privilegiem um projeto institucional dinamizador, orientador e respeitador dos projetos individuais dos residentes. Aquando do acolhimento das pessoas idosas devem preocupar-se em diminuir riscos de perda de identidade, de vínculos afetivos, de desenraizamento, de receio da mudança, de tendência a rejeitar a integração, de auto-culpabilização ou sensação de estar a sofrer uma punição. Estes devem ter em conta o carácter e a personalidade do novo residente, a sua história, as recordações familiares, a relação que tinham com a família e a comunidade da qual se separaram.

Para Andrade (2002) é cada vez mais urgente combater a imagem de que os idosos estão nos lares de terceira idade esperando a morte, apáticos, não mostrando interesse por fazer o que quer que seja.

1.5- Envelhecimento Ativo e Qualidade de Vida na Velhice

Atualmente as pessoas chegam à terceira idade com melhor qualidade de vida do que em tempos passados. Os avanços na medicina, o progresso nos sistemas de atendimento à população e a eficiência dos modernos sistemas de informação, possibilitam às pessoas conhecimentos sobre variados temas. São estes alguns dos fatores que têm contribuído para esta nova realidade (Souza *et al.* 2006).

Neri (2008) entende a qualidade de vida como sendo “*um fenômeno de várias fases e, assim, é mais bem descrito por intermédio de um constructo multidimensional*”. Critérios biológicos, sociais e psicológicos aplicados às relações atuais, passadas e prospectivas de indivíduos, grupos humanos e sociedades com o ambiente físico e social são as características através do qual os seus vários domínios são avaliados.

Continuando na mesma linha de pensamento do autor agora referido, existem três elementos fulcrais na definição de qualidade de vida.

O primeiro é que este conceito depende de vários elementos em interação.

O segundo é que a qualidade de vida na velhice se vai construindo à medida que indivíduos e sociedades se desenvolvem. É produto de uma história intergeracional.

O terceiro elemento envolve critérios subjetivos e objetivos, ligados a normas e valores individuais e sociais, sujeitos a alterações ao longo do tempo. Exemplos das condições objetivas são as condições físicas do ambiente; lazer e educação; a disponibilidade de serviços de saúde; as condições de trabalho; os índices de urbanização e alfabetização da sociedade; as características da rede de relações e dos apoios proporcionados pelos seus membros; as competências comportamentais dos indivíduos e as condições físicas do ambiente. No que se refere às condições subjetivas são observáveis de modo indireto, é com base em relatos, opiniões de indivíduos que vigoram no grupo que dizem respeito as condições objetivas de que dispõem, sobre o grau que estas lhes parecem satisfatórias e sobre os seus efeitos no bem-estar a nível coletivo e individual.

Prova de que é necessário parar e refletir um pouco sobre o crescente aumento da população idosa é, no presente ano, a criação do Ano Europeu do Envelhecimento

Ativo e da Solidariedade entre Gerações. Esta iniciativa tem como objetivo levar as pessoas a refletir sobre o fato de os europeus viverem mais tempo e com mais saúde.

O envelhecimento ativo pode dar à geração do baby-boom e aos idosos do futuro a oportunidade de permanecerem no mercado de trabalho e partilhar assim a sua experiência; continuarem ativos na sociedade; viverem a vida o mais saudável e gratificante possível. É imprescindível para manter a solidariedade entre gerações.

Tem como principais objetivos sensibilizar a opinião pública para a importância do envelhecimento ativo, a solidariedade entre gerações, destacar a utilidade das pessoas mais velhas para a economia e para a sociedade.⁸

Para Jacob (2008) o envelhecimento ativo visa aumentar a expectativa de uma vida saudável e com qualidade de vida. Donald, citado por Jacob (2008:20) formula cinco categorias que servem de referência para os mais idosos e também para os profissionais que os acolhem. Sendo elas:

-o bem-estar físico, cujos elementos são: a comodidade em termos materiais, saúde, higiene e segurança;

-as relações interpessoais, que incluem as relações com familiares, amigos e participação na comunidade;

-a terceira está relacionada com o desenvolvimento pessoal, que representa as oportunidades de desenvolvimento intelectual e auto-expressão;

-as atividades recreativas compõem a quarta categoria, que se subdivide em três partes: socialização, entretenimento ativo e passivo.

-as atividades espirituais e transcendentais, que envolvem a atividade simbólica, religiosa e o autoconhecimento.

Segundo Meireles (2008) o envelhecimento ativo deve ser promovido, quer a nível individual, quer coletivo. Entende-se o envelhecimento ativo a nível individual como o conjunto de atitudes, ações que o indivíduo pode ter no sentido de adiar ou prevenir as dificuldades associadas ao processo de envelhecimento. As alterações ocorridas a nível físico e intelectual dependem das características genéticas e hábitos vividos durante a vida.

⁸ Acesso: <http://cno-esa.blogspot.pt/2012/01/2012-ano-europeu-do-envelhecimento.html>. Consultado em 24-05-2012.

A nível individual carece de políticas e infraestruturas comunitárias. A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa prevê o envolvimento dos serviços de saúde, mas dá especial ênfase ao estabelecimento de parcerias e ao bom aproveitamento dos recursos comunitários existentes e concorrentes para os objetivos do programa: autarquias, instituições de ação social, estabelecimentos de ensino, entidades privadas, etc.

Meireles⁹ (2008:1), diz-nos que *“Em vários países da Europa (Espanha, Holanda etc.) estas orientações têm sido implementadas, com particular relevo de programas de natureza inter-geracional. Também em Portugal é defendida a importância destas iniciativas, sendo que as escolas têm um papel importante a este nível. Há investigadores nacionais que defendem até a necessidade de “educar para a velhice” desde as idades mais precoces. Com efeito, na abordagem da terceira idade, o encontro e convivência das várias gerações através de eventos comemorativos de datas especiais, envolvimento no processo de pesquisa sobre as tradições, costumes, depoimentos de memórias, transmissão de conhecimentos práticos (gastronomia, artesanato, profissões em vias de extinção, saberes agrícolas...). Acima de tudo, há que assumir e transmitir que a pessoa idosa tem uma vida de trabalho, experiência e sabedoria, que não pode ser negligenciado e desperdiçado, em benefício da própria sociedade. Por outro lado, educam-se os mais jovens para os afectos e valores de respeito, dignidade, solidariedade e responsabilidade para com os mais vulneráveis. Um dia, também eles serão pessoas idosas – necessariamente diferentes! – mas sempre iguais no valor de pessoa humana.”*

Serrano (2004) considera a animação sociocultural uma ferramenta privilegiada para a mudança social, pois considera-se relevante para o aperfeiçoamento da qualidade de vida dos cidadãos.

A Direção-Geral da Saúde¹⁰ sublinha que para a Organização Mundial de Saúde o envelhecimento ativo se define como, *“o processo de otimização das oportunidades*

⁹ Acesso: http://www.saudepublica.web.pt/TrabCatarina/EnvelhecimentoActivoIdoso_CMeireles.htm. Consultado em 08-05-2012.

¹⁰ Acesso: <http://www.dgs.pt/wwwbase/acessibilidade/aaaDefault.aspx?f=1&back=1&codigono=65126513AAAAAAAAAAAAAAAA>. Consultado em 09-05-2012.

para a saúde, participação e segurança no sentido de reforçar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem”.

Paul e Fonseca (2005) referem que o envelhecimento ativo consiste, no fundo, em criar oportunidades que propiciem saúde, segurança e participação, de modo a proporcionar qualidade de vida e bem estar. Deve-se optar, assim, por um estilo de vida saudável, incluindo atividade física, participação em atividades de ordem cultural, económica, social, espiritual e cívica.

Também Jacob (2008:20) salienta que:

“O conceito de envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais e permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida e inclui a participação ativa dos seniores nas questões económicas, culturais e espirituais, cívicas e na definição das políticas sociais”.

Conclui-se, então, que *“para que seja possível envelhecer saudavelmente, há que promover a saúde, o funcionamento físico e mental, e o compromisso com a vida”.* Fernández- Ballesteros (2002) citado por Paul e Fonseca (2005:112).

2-Animação Sociocultural – Conceitos e Dimensões

Pose (2007) diz-nos que o conceito «animação sociocultural» leva um bom número de profissionais e investigadores a entendê-la e a refletir sobre as múltiplas formas de animação ao longo dos tempos. Este fato deve-se à sua versatilidade, polissemia e até à sua confusão conceptual.

Trilla (2004:25) confirma que *“não há um autor que se tenha preocupado com o conceito de animação sociocultural, que em seguida, não tenha reconhecido a polissemia, a ambiguidade, a imprecisão, o caráter vago...no uso da expressão”*.

Também Vallicrosa (2004: 175) sublinha que *“A animação sociocultural nasceu como resposta a défices socioculturais”*.

Indo de encontro aos autores acima mencionados, Ander- Egg (1999) refere que o termo animação sociocultural é portador de vários sentidos e vários significados; nasce como um meio de promover atividades que têm como finalidade reinventar de forma criativa o tempo livre, corrigir o desenraizamento que produzem os grandes centros urbanos potenciando espaços de encontro que facilitem as relações interpessoais, estimular as formas de educação permanente, criando condições para as expressões e todas as formas de criatividade.

Segundo o mesmo autor, a animação é uma metodologia que mobiliza indivíduos, grupos e coletividades, por forma a infundir ânimo e insuflar dinamismo e entusiasmo. Trata-se de dar vida e promover a participação e dinamização do corpo social (Ander- Egg; 1999).

Segundo Fachada (2008:1) ¹¹:

“Animação é aquele estímulo na vida mental, física e emocional das pessoas, num determinado território, que as leva a desenvolver uma vasta gama de experiências, através das quais vão alcançar um grau mais elevado de autorrealização,

¹¹ Acesso: <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>. Definição da Fundação Cultural Europeia, em 1973) em Revista “Práticas de Animação” Ano 2- Número 1, Outubro de 2008\, Consultado em 02-12-2011.

autoexpressão e consciência de pertença a uma dada comunidade que pretendem melhorar”.

Para Úcar, citado por Vallicrosa (2004), a animação sociocultural é uma tecnologia social, apresenta-se como uma intervenção racional e sistematicamente planeada, resultado de um processo de reflexão sobre a realidade, vinca-se, assim, num contexto e, portanto, nas opções ideológico-políticas vigentes, tentando responder de forma eficaz às necessidades e problemáticas concretas de uma comunidade ou grupo social, dando resposta através da articulação sistemática, numa conceção tecnológica de conhecimentos científicos lecionados por várias ciências, como por exemplo, a sociologia a psicologia, etc.

Ytarte (2007) e Peres (2007) referem que da animação sociocultural assenta em técnicas que têm de possuir uma dimensão educativa, cultural e social. A animação sociocultural é utópica porque situa a função educativa como meio para a transformação social, apresentando-se como uma ação social de si para o coletivo.

A animação constitui, de acordo com Canário (2000), um campo fundamental da ação educativa que abrange diferentes públicos, quer em idade, estatuto social, nível de instrução, quer em diferentes áreas de atividade social (empresas, serviços sociais, vida escolar, administração pública, organizações de saúde).

Para Ventosa (2011), a animação sociocultural é uma estratégia direcionada para a mobilização (animus) de um determinado coletivo com vista a desenvolver de forma ativa um projeto sociocultural (anima). Para tal, a animação serve-se de uma série de espaços e recursos associados a três modalidades fundamentais: animação cultural, animação social e animação educativa. A animação sociocultural tem o educativo como finalidade, o social como âmbito e o cultural como meio de intervenção.

Segundo a UNESCO¹² (1982) a animação sociocultural é:

“Um conjunto de práticas sociais que têm como finalidade estimular a iniciativa, bem como a participação das comunidades no processo do seu próprio

¹² Acesso: http://www.apdasc.com/pt/downloads/estatutos_final.pdf. Consultado em 26-05-2012.

desenvolvimento e na dinâmica global da vida sociopolítica em que estão integrados”.

“A animação Sociocultural é o conjunto de práticas desenvolvidas a partir do conhecimento de uma determinada realidade, que visa estimular os indivíduos, para a sua participação com vista a tornarem-se agentes do seu próprio processo de desenvolvimento e das comunidades em que se inserem. A Animação Sociocultural é um instrumento decisivo para um desenvolvimento multidisciplinar integrado dos indivíduos e dos grupos”.

Como refere Caride, citado por Barbosa (2006), a animação sociocultural é um conjunto de ações direcionadas à elaboração e desenvolvimento de um projeto essencialmente prático, de participação, consciencialização e integração sociocultural de grupos, de pessoas, ou das instituições no seio de uma comunidade para impulsionar as transformações pretendidas para que se construa uma qualidade de vida coerente à construção crítica da realidade.

Martín, citado por Barbosa (2006: 122) diz que *“A animação é também animar, dar sentido, mover, motivar, dinamizar, acompanhar, comunicar e ajudar a crescer”.*

Para Jacob (2007), a animação está no centro das prioridades de todas as estruturas de acolhimento de pessoas idosas, com vista a preservar a autonomia dos residentes enquanto elemento determinante de qualidade de vida da instituição.

Pereira e Lopes, (2011:150) referem que:

“Em termos genéricos a animação sociocultural, através de um conjunto de estratégias, métodos e técnicas de intencionalidade educativa tem como finalidade melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, implicando-os no desenvolvimento sociocultural das comunidades de que fazem parte de uma forma ativa, responsável e participativa”.

Peres (2007: 17):

“Entende-se a animação sociocultural como uma estratégia que encontra no vivido e no agido da comunidade os elementos necessários para iniciar o diálogo e o

encontro de valores comuns que permitam alcançar as finalidades de todos e de cada um. É que sem educação/animação, não há cidadão”.

Tendo em conta o estudo de autores como Trilla (2004), Pereira e Lopes (2008) e Peres (2007), conclui-se que a animação sociocultural se aplica a vários âmbitos (cultural, social e educativo) tendo como objetivo a participação ativa de indivíduos de diferentes faixas etárias, o que conduz à partilha e transmissão de saberes e valores. Assim, é importante que o animador contribua para que os idosos vivam esta fase da vida mais ativamente. Assim, será primordial refletir sobre o papel da animação sociocultural na terceira idade em meio institucional.

2.1- Animação Sociocultural na Terceira Idade

Quanto mais for utilizada uma aptidão intelectual, mais ela será protegida do envelhecimento (Gyll,1980:70)

Segundo o Manual de Boas Práticas (2005) a maior parte das pessoas que vivem em acolhimento residencial passam os dias em frente ao televisor, simplesmente, sentados. A imobilidade excessiva prejudica as pessoas idosas acarretando a um estreitamento progressivo dos horizontes e dos interesses.

Goffman, citado por Jacob (2008:36) “*afirma que a monotonia, o isolamento e as regras em demasia são fatores omnipresentes, que tendem a exacerbar sintomas orgânicos e afetivos já existentes”.*

Como refere o Manual de Boas Práticas (2005) a estrutura acolhedora deve estimular a participação dos residentes em atividades organizadas na comunidade tendo, por vezes, também iniciativa própria. Pode organizar exposições de arte feita pelos residentes, concursos de culinária, competições desportivas, atividades intergeracionais, atividades em colaboração com outras estruturas residenciais ou mesmo participar de forma sistemática na vida das escolas locais. A estrutura residencial pode, ainda, fomentar parcerias com a autarquia ou qualquer outra associação da comunidade em que se insere.

Para Jacob (2008) a vida dos idosos na maioria dos lares de terceira idade é muito pobre no que se refere a acontecimentos de vida; é função do animador ou ajudantes elaborar e realizar programas de intervenção com o intuito de melhorar a qualidade de vida destes.

Para Limón Mendizabal, citado por Osório (2008), os programas de animação para a 3ª idade têm como finalidade e objetivos a promoção do bem estar pessoal, a melhoria da qualidade de vida e da saúde integral, motivando-os para uma continuidade ativa, participativa, solidária no meio social. Trata-se de favorecer um envelhecimento “normal” em detrimento de um envelhecimento “patológico”, aproveitar o nível de cultura e experiência do ser humano para promover sua presença e participação nas instituições democráticas e na dinâmica social. Dar os meios para que continuem a viver os anos que lhes restam repletos de vida, felicidade e dignidade; fomentar e desenvolver destrezas, habilidades e capacidades dos idosos, ajudando assim a promover a sua auto-realização.

De acordo com alguns autores Figueiredo (2001), Martínez, citado por cid e Peres (2007) e Hervey, citado por Jacob (2008), a animação sociocultural na terceira idade tem como principal objetivo ajudar os idosos a inserir-se na sociedade, desempenhando papéis mais ativos, reconhecendo-os e valorizando-os pelas suas potencialidades para aspetos criativos, ajudando-os assim a ter uma melhor qualidade de vida, quer a nível mental, quer física e afetiva.

Então, a pergunta coloca-se: haverá ou não especificamente uma animação para idosos?

Como refere Jacob (2008: 25) o animador deve trabalhar de forma diferente dependendo do seu público, deve ter em conta se é um grupo de idosos ou de crianças e jovens, *“daí haver uma necessidade de competências específicas por parte do animador perante o grupo etário com o qual está a trabalhar”*.

Elizasu, citado por Lopes (2006: 329), relativamente ao conceito da Animação Sociocultural no âmbito da terceira idade diz:

“A aparição da Animação Sociocultural no campo da terceira idade surge em resposta a uma ausência ou diminuição da sua atividade e das suas relações sociais. Para preencher esse vazio, a Animação Sociocultural trata de favorecer a emergência de uma vida centrada à volta do individuo ou grupo. A animação Sociocultural concebe a ideia do progresso das pessoas idosas através da sua integração e participação voluntária em tarefas coletivas nas quais a cultura joga um papel estimulante...”

O papel da Animação Sociocultural é primordial na terceira idade e como refere Lopes (2006:330):

“acontece em múltiplos contextos sociais que vão desde a Animação ao domicílio, a animação física e motora, cognitiva, motora sensorial ou mental; a Animação através da expressão dramática, plástica, musical e da comunicação; a animação lúdica e comunitária ou a Animação promotora do desenvolvimento pessoal e social da pessoa idosa”.

Jacob (2008) refere que a animação nunca é uma das prioridades das instituições, sejam elas públicas, privadas com ou sem fins lucrativos. Se a animação for considerada no mesmo patamar dos outros serviços pode contribuir para o cuidado do idoso melhorando assim a sua qualidade de vida.

Para Requejo (2008) a animação sociocultural na terceira idade remete-nos para algumas características próprias centrando-se assim em três dimensões:

- intelectual: deve-se favorecer a prática do exercício mental;
- biológica: deve incidir sobre prevenção e uma manutenção da saúde física em diferentes âmbitos;
- psicológica: criar estabilidade emocional através da autoestima e bem estar, para, assim, diminuir a ansiedade.

Garcia (2004) também sublinha que na sociedade atual as pessoas idosas tendem a ser excluídas por não se considerarem produtivas. Quem trabalha com esta faixa etária terá de respeitar a heterogeneidade do grupo para um melhor ajustamento às suas necessidades individuais e coletivas, considerar as limitações físicas, incentivar a vivência em grupo, potenciar e dinamizar a participação através da motivação.

Atividades como ginnoterapia, terapia ocupacional, ludoterapia, sessões de cultura, convívios intergeracionais, entre outras, devem ser postas em prática com pessoas idosas como forma de combater a solidão.

Depois de analisados os vários autores, verifica-se que a animação sociocultural desempenha um papel primordial em idosos institucionalizados como forma de combater a solidão, de contribuir para uma melhor participação ativa destes e melhorar a sua qualidade de vida. Assume-se como uma metodologia de intervenção sociopedagógica nos mais diversos contextos socioculturais e educativos.

2.2-Animador Sociocultural para a Terceira Idade

Lárrazábal (2004:124) refere que *“O animador é um educador, porque tenta estimular a ação, o que supõe uma educação na mudança de atitudes”*.

A mesma autora remete-nos para a existência de uma grande diversidade de animadores. Contudo, existem características comuns entre todos, assim, o animador é um educador, um agente social e um relacionador. É considerado um educador porque mobiliza e dinamiza. Provoca a mudança de estados passivos para estados ativos. É um agente social, que potencia animação em grupos ou coletivos, tentando sempre envolvê-los numa ação conjunta. É um relacionador, porque estabelece positivamente a comunicação entre pessoas, grupos e comunidades e de todos eles com as instituições sociais e com os organismos públicos. Esta última característica é considerada a que melhor o define diferenciando-o de outras profissões.

Prosseguindo com a definição de animador social, o estatuto do/a animador/a refere que: *“O animador sociocultural é aquele que, sendo possuidor de uma formação adequada, é capaz de elaborar e executar um plano de intervenção, numa comunidade, instituição ou organismo, utilizando técnicas culturais, sociais, educativas, desportivas, recreativas e lúdicas”*.¹³

¹³ Acesso: http://www.apdasc.com/pt/downloads/estatutos_final.pdf. Consultado em 13-04-2012.

Também Jacob (2008: 24-25) enuncia uma serie de competências para o perfil do animador quando refere:

“o animador é aquele que realiza tarefas e atividades de animação, que é capaz de estimular os outros para uma determinada ação. Atua como um catalisador da sua vontade, ou de terceiros, junto de um grupo ou de uma pessoa. O animador é um mediador, um intermediário, um provocador, um gestor, um companheiro e um agente que faz a ligação entre um objetivo e um grupo-alvo. Um animador não pode ser um homem só, ele trabalha em e para o grupo”.

Jacob (2008) acrescenta que o animador é alguém muito próximo do idoso, podendo mesmo ser um conselheiro, um confidente e um amigo. É o profissional que dá atenção, afeto, que está mais vezes disponível e presente na vida do idoso.

Uma das funções do animador, quando trabalha com idosos institucionalizados em lares, centros de dia e centros de convívio, é fazer com que alguns dos idosos não se autoexcluam de viver, devido à ideia de que apenas lhes resta esperar pela morte, de que já não servem para nada.

Devido ao longo período de vida que viveu o idoso, este é possuidor de grande sabedoria. Para Jacob (2008:34-35) o animador que trabalha com esta faixa etária deve motivar os idosos:

-Criar condições de acordo com a vontade do idoso, para assim participar nas atividades propostas;

-Conhecer bem todos os elementos do grupo, sugerindo atividades adaptadas aos seus desejos;

-Não mostrar superioridade, sendo aceite por todos os idosos;

-Mostrar que podem confiar nele, ajudando-os a superar certos medos;

-Favorecer o dinamismo, valorizá-los e renovar a sua confiança. Sentindo-se à vontade, participará mais à vontade;

-Apresentar os seus planos, explorando os seus conteúdos e objetivos através de um vocabulário adaptado;

-É função do animador ir ao encontro dos mais velhos. Deverá solicitar a participação destes.

O trabalho deste profissional é multifacetado, levando o animador a exercer funções de coordenador, guia ou mesmo de conselheiro. É quem desencadeia as alterações necessárias para que o que estava parado entre em ação.

Para um animador ser competente tem de reunir a três condições:

- **saber:** conhecer as técnicas, as teorias, os instrumentos e metodologias da animação de idosos; tem de ter vários conhecimentos sobre várias áreas;

- **vontade:** ter gosto de aprender, agir, animar, de não ter medo da mudança, de ser ativo, não entrar em desânimo, ser muito persistente, não se acomodar;

- **meios:** deve ter ao seu dispor meios humanos, materiais e financeiros adequados às suas funções, público-alvo e objetivos) Jacob (2008).

Ucar (1992:121) confirma que: *“El animador es el técnico de la intervención. Es la persona que dispone de los conocimientos técnicos necesarios para llevar al término, junto con la comunidad, el proceso de la transformación sociocultural de esta”*.

Também Larrazábal (2004:127) afirma: *“o animador deve ser uma pessoa dialogante, não autoritária, respeitosa para com os outros, de mentalidade aberta, tolerante, propícia a estabelecer relações e com uma visão global dos problemas sociais”*.

Seguindo o pensamento da mesma autora, o profissional de animação deve ser capaz de estabelecer de forma positiva o relacionamento entre os indivíduos, grupos e coletivos. Será fundamental trabalhar no seio de uma equipa interdisciplinar.

Para que tal suceda, Lima (2006:26) revela-nos algumas características sobre o papel do animador:

“-Ser facilitador;

-Deve evitar dar conselhos;

-Criar um clima de confiança entre as pessoas do grupo, ser catalisador das atitudes das pessoas em relação aos outros;

-Tornar-se a memória do grupo;

-O animador deve ser um agente de formação, de autenticidade pessoal”.

Como já foi referido no ponto anterior, as atividades da animação sociocultural são desenvolvidas maioritariamente em grupo, em conjunto, aprendemos com os outros, partilhamos ideias, experiências e interesses que nos ajudam a adquirir e a consolidar saberes e entender muitas situações do nosso dia-a-dia. Trabalhar com grupos de idosos tem como vantagens, no entender de Lima (2006:25):

- Desenraizar a crença de que os nossos problemas são únicos e imutáveis, descobrir pontos em comum e, conseqüentemente, diminuir o isolamento sentido por alguns idosos;

-Instalar a esperança;

-Promover a interação social, aprender novas aptidões relacionais, fomentando a coesão e, conseqüentemente, a aceitação;

-Aumentar a auto-estima através do altruísmo e da empatia (colocar-se no lugar do outro, e sentir o que o outro sente, ajuda a compreender de que modo o outro se percebe e que imagem pensa que dá ao grupo). Visto que, para além de ser ouvido e apoiado, o idoso sente-se valorizado ao poder apoiar os outros;

-Desenvolver a auto-empatia e a aceitação incondicional de si, a capacidade de ser lúcido sobre as imagens dos outros sobre si próprio;

-Dar modelos permitindo o comportamento imitativo;

-Implementar a independência em relação ao técnico;

-Promover o planeamento realista de objetivos;

-Privilegiar a aprendizagem e o treino de competências várias. Como por exemplo, a flexibilidade, a criatividade, a auto-exposição e a relativização;

-Obter e partilhar a informação sobre as mudanças e transições”.

Conclui-se, assim, que o papel do animador é extremamente relevante na última etapa de vida do ser humano e que as relações entre as diferentes gerações podem tornar-se mais positivas, havendo transmissão e partilha de conhecimentos e afetos. Verifica-se que não é fácil ser um animador, exige assumir a profissão com dedicação, em equilíbrio físico e mental para poder interagir com as restantes pessoas para infundir ânimo nos outros.

2.3-Animação Sociocultural e Relação Intergeracional

“Diz-me o que vês, diz-me o que viste. Diz-me como era, diz-me o que é preciso ver hoje. Diz-me em que acreditas, diz-me em que acreditaste. Diz-me como era, diz-me em que é preciso acreditar hoje”.

(Berger; Poirier,1995:6)

“Sou apenas uma pessoa, mas ainda assim, sou uma pessoa. Não posso fazer tudo, mas, ainda assim, posso fazer alguma coisa. Não me recusarei a fazer o que eu posso fazer.”

(Helen Keller,apud, kretly,2005: 1)

Levet (1998) refere que a multiplicação das gerações coloca um problema, o da sua articulação, que se não for tido em conta acabará numa guerra de gerações que alguns já predizem. Nos nossos dias, cada geração é portadora de culturas e de valores diferentes e a aceleração da história mostra estas diferenças. Cada geração é confrontada com uma situação económica específica, uma tecnologia distinta, com um ritmo que lhe é próprio.

Para que são úteis os avós nesta configuração de gerações?

O mesmo autor afirma que a presença dos avós tem um poder e uma influência que não podem ser descurados na estrutura psíquica da criança, bem como na construção do seu futuro, enquanto adulto, a nível social, cultural e político. A presença dos avós permite-lhes ver um tipo de relação com o meio ambiente distinto daquele que assiste na televisão ou daquele que vive na escola ou em sua casa.

Os avós dos tempos atuais têm uma lição fundamental a dar às gerações que lhes sucederão. Na história da humanidade nunca antes tanta gente viveu durante tanto tempo sem ocupação profissional. Papeis e lugares para a pessoa idosa estão por inventar.

Netto e Ponte (1996) alertam para o fato de que a mesma sociedade que hoje exclui os idosos do contexto social, num futuro próximo irá viver uma situação bem pior.

Os mesmos autores salientam que a pessoa idosa tem dificuldades em se adaptar ao meio em que vive, gerando conflitos, especialmente, com as gerações mais jovens. Na realidade, também acontece o contrário, esta rejeição não é unilateral, não é da sociedade ou particularmente dos jovens em relação aos mais velhos. Ela é também destes (idosos) em relação àqueles (jovens). Acresce a isto o fato de o idoso rejeitar o seu próprio envelhecimento.

Talvez se não houvesse o culto excessivo em relação à valorização de grupos etários mais jovens, se não houvesse recusa dos idosos aos novos tempos, certamente a integração destes no meio seria menos árdua. Os valores que estão envoltos na vida das gerações mais novas e os comportamentos assumidos são diferentes dos que fizeram parte das gerações mais velhas, insistindo estas em trazê-los para o presente, tentando impô-los.

Attias-Donfut, citado por Fernandes (1997:77) formula três perspectivas do conceito geração: genealógica, histórica e sociocognitiva:

“Genealógica: supõe uma relação de filiação e um conjunto de pessoas classificadas segundo esta relação. A geração é assim o grupo de pessoas que tem uma relação de filiação com um outro grupo de indivíduos independentemente das suas idades.

Histórica: representa o período correspondente à duração de renovação dos homens na vida pública e é medida pelo tempo que separa a idade do pai da do filho, geralmente avaliada em trinta anos.

Sociocognitiva: refere-se ao “conjunto de pessoas cujo principal critério de identificação reside nas experiências históricas comuns promotoras de visão do mundo idêntica.

A estas noções pode-se ainda juntar uma última: é um conjunto de pessoas situadas na mesma etapa da vida”.

Para a autora esta última é talvez a que melhor representa a noção de velhice e, na mesma ordem de pensamento, de juventude.

Cardão (2009) refere que, pela primeira vez na história da humanidade, coexistem quatro gerações, alterando as estruturas sociais e a dinâmica intergeracional; há muitos idosos e cada vez menos jovens. A 3ª idade (com 65 anos e mais) ultrapassará o número de jovens (dos 0 aos 14 anos), entre 2010 e 2015, segundo um estudo do Instituto Nacional de Estatística. Os tempos modernos tiraram ao idoso o lugar de privilégio, pois hoje o conhecimento muda a cada segundo, desvalorizando ou dando ao idoso um papel secundário. Desvaloriza o idoso, valoriza a juventude e tenta recuar as portas do envelhecimento, tentando por todos os meios rejuvenescer.

Neste sentido Yeo-Hatton (2009: 6) diz-nos que:

“ O interesse progressivo nas Práticas Intergeracionais é a resposta para as mudanças demográficas substanciais da nossa sociedade, sejam elas económicas, legais, industriais, tecnológicas, ou culturais, que dissolvem a estrutura familiar tradicional e levam ao declínio da cidadania activa. A maior parte destas mudanças levam à individualização e ao aumento da segregação dos mais velhos na sociedade”.

É neste contexto que Prieur (1999:19) sublinha que *“As noções de relação e transmissão entre as gerações são hoje de novo actuais”.*

Destéfani (2001) alerta para o fato de que no século em que vivemos ser jovem é ser mais valorizado. As pessoas são divididas em produtivas e improdutivas. O jovem tem capacidade para produzir, o idoso já não produz. Na cultura ocidental o idoso é marginalizado porque não produz, enquanto que na cultura asiática e africana o idoso é venerado por ser portador de valores e tradições.

Segundo Louis Roussel e S. Girard, citado por Fernandes (1997:8), *“o alongamento da duração de vida juntou idades novas às idades da vida”.*

Lima (2004) refere que este aumento da última fase do ciclo de vida, bem como o número de pessoas a poderem usufruí-la levanta novos desafios às sociedades contemporâneas.

Xavier Gaulier, citado por Fernandes (1997:9) alerta para o seguinte: “*É-se jovem biologicamente até cada vez mais tarde e velho, socialmente, cada vez mais cedo*” ... *a vida alonga-se, a qualidade melhora, em contrapartida a vida ativa tem tendência para parar cada vez mais cedo*”.

Segundo Hatton Yeo (2009), uma pesquisa realizada pelo Eurobarómetro em 1998, constatou que os Cidadãos da União Europeia consideram que os mais idosos não compreendem as mudanças da sociedade, não entendem os mais jovens, impossibilitando a sua participação ativa no seu meio.

Destéfani (2001:15) refere que Paulo VI dizia a um grupo de pessoas idosas que no mundo atual, dominado pela tecnologia e onde “*se julgam os homens em função do que eles produzem*” devem demonstrar que as coisas mais importantes “*da vida que não se medem com dinheiro: são os valores humanos e culturais, morais e sociais*”.

Para Hatton-Yeo (2009: 20) existem várias definições e descrições de Práticas intergeracionais, mas a maioria identifica-se com a definição internacional, que diz “*As práticas intergeracionais procuram juntar pessoas com um propósito, através de actividades que as beneficiem mutuamente e que promovam um melhor entendimento e respeito entre gerações*”.

Vários autores, Sáez Carreras, (2002), Palmeirão, (2009); Pinto, (2009) abordam as relações entre gerações como um processo que melhora a condição humana, a cultura de participação e cria consciência intergeracional.

De acordo com Pimentel (2001) as relações intergeracionais serão, atualmente, fortalecidas devido ao aumento da esperança média de vida e do conseqüente acréscimo das famílias de quatro gerações.

Pinto (2009) refere que o relacionamento intergeracional deve ser natural, mas para tal é fundamental a intervenção de profissionais para incentivar esse relacionamento.

Segundo Ander- Egg, citado por Barroso (2011:55):

“A cultura intergeracional é uma grande coisa!! Porque a cultura nos é transmitida pelos nossos pais e avós, para a regeneração dos avós é muito importante interagir com gerações mais novas, que essas gerações possam compreender melhor a sua cultura, essa transmissão da cultura converte-se numa identidade cultural. Os pais trabalham, os avós cuidam. Se numa cidade os avós fizessem uma greve, originava uma crise, isso é que eu quero assinalar. No entanto, os avós ajudam, mas também subvertem os netos e os tornam caprichosos. A educação intergeracional tem de estar na lista das atividades possíveis do animador”.

Moura (2006) refere que o Plano de Madrid sublinha que a cooperação entre gerações é fundamental para conseguir uma sociedade para todas as idades, por forma a engrandecer os vínculos afetivos.

Both, citado por Zanon (2009) admite o processo educacional como um lugar preventivo e mediador da velhice bem-sucedida. Uma vez que envelhecemos como vivemos, a educação para o envelhecimento deve começar no início da educação em contexto formal, não formal e informal.

Também Pereira e Lopes (2011) referem que a educação não se limita a crianças e jovens, deve englobar todas as idades, instituições, todos os ramos do saber, todas as dimensões da vida, não se deve limitar ao período de escolaridade e à instituição escolar, deve abarcar todo o tipo de conhecimentos práticos no sentido de alargar todas as capacidades do ser humano.

Jacob (2008:40) esclarece alguns aspetos relevantes a propósito das atividades intergeracionais:

”juntar crianças e idosos nem sempre é boa solução, correndo-se o risco de os resultados serem opostos aos esperados, dado que a mobilidade, os interesses, os ritmos e os objetivos são muito diferentes entre os mais velhos e os menos jovens. Aconselha a fazer atividades pontuais, com grupos pequenos e de curta duração (uma hora) entre os diversos grupos etários, em detrimento de atividades longas”. O que não anula que se promova a interação entre novos e velhos, a qual se deve começar desde os nossos primeiros dias”.

Segundo Cachioni e Palma, citados por Zanon (2009), aceitar a velhice depende de um processo educativo, que se inicia na infância, ajudará na compreensão e aceitação do novo *status*, na sociedade, no mundo do trabalho e na família.

Como nos diz Naves (1998:91) *“Dispomos, hoje, de uma grande riqueza de pessoas mais velhas com tempo e aptidões. Estas pessoas podem desempenhar um papel, cuja importância e amplitude urge descobrir ou (redescobrir) para benefício de todos”*. É necessário refletir sobre a percepção que os mais novos têm sobre os mais velhos e vice-versa, ampliando os benefícios que a interação entre estas duas gerações traz.

Também Palmeirão (2009) refere diversos estudos no âmbito da educação intergeracional reconhece a validade sociopedagógica desta dimensão, proporciona contextos de aprendizagem e interação diferenciados e metodologicamente desejados. O papel da escola para além do da família tem de ser decisivo na e para a renovação dos estigmas que qualificam as sociedades como incapazes de conviver e aprender com o outro.

A mesma autora refere que em 2005/2006 foi desenvolvido um projeto de natureza sociopedagógica: *Redes de Encontro Intergeracionais*. Os testemunhos dos participantes diretos e indiretos - professores, pais, mães, crianças, pessoas idosas e colaboradores do lar, são bastante significativas acerca da validade sociopedagógica da educação intergeracional enquanto meio para aproximar idades e gerações de forma esclarecida e sentida. Os pais e mães dos meninos e meninas que participaram no projeto consideram a educação intergeracional como *“a valorização das aprendizagens mútuas entre crianças e idosos”* (2011:25) e, obviamente, a *“aprendizagem da amizade e da solidariedade”* (2011:25), traduzida de forma clara na vontade de *“continuar a visitar as pessoas mais velhas”* (2011:25) e, ainda, no contentamento que as crianças exteriorizavam nos dias em que acolhiam ou visitavam os *“seus mais velhos amigos”* (Palmeirão, 2011).

Também Vieira (2010:117) refere que *“as actividades intergeracionais são perspectivadas pelos idosos, pais e profissionais, como algo benéfico ao nível do bem-estar social e emocional de ambos os grupos geracionais”*.

Segundo Brandão et al. (2006) a produção narrativa de crianças e adultos idosos, focalizado em estudos intergeracionais, mostra a importância das histórias para o desenvolvimento infantil e a importância do seu interlocutor neste contexto. O artigo destaca a relevância de alguns programas que promovem e valorizam a habilidade dos idosos em contar histórias para crianças.

Segundo o mesmo autor a interação entre as crianças e os idosos é extremamente prazerosa e enriquecedora para ambos. Em algumas sociedades tradicionais, os idosos assumem um papel fundamental em narrar a história da família, da comunidade, servindo de referência às novas gerações.

Dunn, citado por Brandão *et al.* (2006:99), referindo-se às narrativas das crianças sublinha: *“A narrativa em torno dos três ou quatro anos já desempenha várias funções para a criança: relatar acontecimentos, definindo regras sobre o que constitui o normal e o que é uma exceção, organizar a noção de tempo, convencer o outro (bajular, enganar, justificar, obter o que puder sem provocar confronto) e estabelecer uma maior empatia com os outros, interpretando seus estados e motivações. Além disso a criança tende também a brincar narrativamente”*.

Relativamente às narrativas intergeracionais a mesma autora advoga a escassez de estudos que se referem à interação da criança com os idosos.

Middlecam e Gross, citado por Brandão *et al.* (2006), fizeram uma avaliação do efeito de um Projeto Intergeracional (PI) sobre o que pensavam as crianças que interagiram com idosos durante um ano. Verificaram que a percepção de crianças que mantinham atividades intergeracionais e a percepção de outras que não mantinham não tinha revelado diferenças significativas.

Um outro estudo sobre o efeito de atividades interativas com crianças no estado afetivo dos idosos institucionalizados elaborado por Saavedra, Ramirez e Contreras,

citado por Brandão *et al.* (2006:102), demonstrou que *“a interação com crianças pode trazer benefícios afetivos aos idosos, que com frequência sofrem de depressão”*.

Efetivamente, proporcionam benefícios afetivos e constroem ações preventivas relevantes no âmbito cognitivo. Verificou-se que os idosos que tomavam medicamentos antidepressivos e que participaram no PI tiveram uma maior redução da depressão em comparação com outros idosos que também estavam sob essa mesma medicação.

Recorrendo ainda a outros estudos sobre a memória de idosos para textos narrativos, Adams *et al.*, citado por Brandão *et al.* (2006), demonstraram o efeito benéfico que a interação com as crianças pode produzir melhorias no desempenho de idosos em atividades de recontar histórias. Neste estudo destaca-se a relevância do contexto social para os estudos de memória e envelhecimento, relevando que a interação com crianças constrói uma situação favorável no que diz respeito à recuperação de informações e expressões do idoso.

Segundo a mesma autora, Brandão *et al* (2006:102) advogam que:

“os estudos referidos parecem indicar o benefício de programas intergeracionais que envolvem a entrada de crianças em espaços destinados a idosos, e vice-versa, ou mesmo a criação de instituições que atendam às duas faixas etárias, na medida em que estes possibilitam a interação continuada em torno de atividades conjuntas”.

Partindo de um outro estudo levado a cabo por Serra (2010), no âmbito de uma intervenção psicopedagógica, onde interagiram crianças e idosos, com vista à socialização dos idosos e sua integração na comunidade, concluiu-se que o tipo de relacionamentos entre crianças e idosos *“proporcionou ao idoso o aumento da sua auto-estima e auto-confiança (...) desmistificou a ideia de que o idoso é alguém “dispensável”, na nossa sociedade, e que podem interagir com as crianças e mostrar-lhes a importância do ancião, ou seja, permitiu a integração do idoso e sua socialização”*(Serra 2010:47). A população alvo deste estudo foi constituída por oito utentes femininas do lar Evangélico do Porto, com idades entre os 58 e 93 anos e por

nove crianças do ATL do Monte Pedral, quatro do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com idades compreendidas entre os sete e os nove anos.

Também Bostrum *et al.*, citado por Martin *et al.* (2007:170) referem:

“através de Programas Intergeracionais o que se pretende é promover e estabelecer uma relação, de caráter individual, entre duas gerações, a dos jovens e os idosos. Estes programas têm como objetivos, alterar as atitudes intergeracionais, garantir e promover a transmissão de tradições culturais; incitar à colaboração ativa entre as gerações; partilha de recursos e tentar solucionar problemas sociais”.

Do acima exposto, verifica-se que é de crucial importância que as relações entre jovens e idosos sejam estabelecidas para que haja maior transmissão de saberes, maior convivência e uma sociedade mais solidária.

2.4- Relações Intergeracionais - Avós, Pais e Netos

Costa (2009) diz-nos que enquanto os pais andam atarefados, a correr de um lado para o outro, ocupados com a sua vida profissional, gestão da casa, compromissos, etc., sem tempo para os filhos, os avós, agora com mais disponibilidade do que tinham enquanto pais, tomam o papel que lhes permite deixar às geração dos netos, histórias da família sedimentando, assim, a identidade familiar. Os avós legam aos netos valores familiares, pois é neles que confiam a continuidade e transmissão futura desses valores. Enquanto os pais têm responsabilidades para com a satisfação das necessidades básicas das crianças, os filhos também têm deveres para com os pais, como por exemplo, em situações de fragilidade de saúde, ou, razão da idade, em situações vulneráveis. É necessário reforçar os laços familiares, urge uma mudança de atitudes. Aproveitando o muito que os idosos têm para nos dar. O relacionamento de proximidade entre as gerações leva à troca de saberes e sabedoria, particularmente no auxílio das tarefas quotidianas.

Nesta linha de pensamento, Almeida (2006) diz-nos que para os jovens da atual geração é vulgar privar durante anos com os seus dois pares de avós, o que há uns anos era impossível. Hoje, os avós têm mais tempo e uma mente mais aberta para estar com os netos.

No entanto, na sociedade atual os filhos não têm tempo para os seus pais, mas os pais tiveram tempo para cuidar e educar os filhos. Para Destéfani (2000:7) *“A sabedoria do povo diz:” um pai e uma mãe cuida de dez filhos e muitas vezes dez filhos não cuidam de um pai ou uma mãe na velhice.*” Urge alterar esta tendência para que os idosos vivam esta fase da sua vida mais felizes.

Prieur (1999) refere que herdamos da nossa família tudo o que as gerações que nos precederam adquiriram. Funcionamos como um elo de ligação numa longa cadeia de transmissões que datam dos primórdios da Humanidade. Essa herança está nos nossos genes, tradições, saberes que, ao longo dos séculos, passa de pai para filho, de mãe para filha. Superada a fase de rejeição, estamos atualmente numa outra fase, a da descoberta do que nos vem do passado.

Moura (2006) afirma que as relações entre avós, filhos e netos são de crucial importância para se pensar numa situação social de interações, principalmente, na fase da vida em que o geronte entra na fase da reforma, para que não se sinta sozinho nem triste ou inútil. É importante que a família permaneça atenta às, relações intergeracionais. A pessoa pode relacionar-se com outros de forma igualitária, com base no respeito mútuo, numa relação sujeito-sujeito e assim sentir-se-á muito mais ativa. Não é por existir convívio entre avós, pais e netos que estes não desenvolvem interpretações próprias referentes às atitudes e padrões de cada geração, pois muitos têm as suas capacidades ativas bem desenvolvidas.

Capitulo II

Contexto da Investigação

1-Caraterização Espacial de Vila Flor

Figura 1- Localização de Vila Flor



Fonte: <http://www.concelhodevilaflor.com>

Vila Flor é freguesia e vila sede de concelho do mesmo nome, composto por 19 freguesias com cerca de 6690 habitantes (censos 2011). Situa-se no Nordeste Transmontano, distrito e diocese de Bragança, entre os concelhos de Carrazeda de Ansiães, Torre de Moncorvo, Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros e Mirandela.

Está incluída na chamada Terra Quente Transmontana, uma sub-região com características próprias, nomeadamente climáticas, com verões secos e quentes e invernos moderados e com terrenos que se estendem até ao Cachão, ao rio Tua e engloba também uma parte do Vale da Vilarica.

Tem uma área de cerca de 266,72 Km² e é limitado a Norte pelo concelho de Mirandela, com o rio Tua a separar os dois municípios numa extensão considerável; a Nordeste confina com Macedo de Cavaleiros; a Este e Sudeste são limitadas pelos concelhos de Alfândega da Fé e Torre de Moncorvo e a Oeste pelo concelho de Carrazeda de Ansiães.

Vila Flor está situada a 700 metros de altitude, na base de um outeiro chamado de Nossa Sra. Da Lapa, numa depressão da serra de Vale de Frechoso. A geomorfologia dos terrenos varia com a altitude. Predomina o granito nas terras altas, alternando com o xisto nas zonas de menor altitude.

Os terrenos aluvionares, que se encontram ao longo dos principais cursos de água, são mais relevantes no vale da Vilarica a Leste e para Sudoeste de Sampaio. São os

solos mais férteis da região. A agricultura é, de há séculos, a base da economia do concelho. São as pessoas mais idosas que asseguram, hoje, a manutenção deste campo de atividades. As principais culturas são a oliveira, amendoeira, figueira, vinha, pomares cultura da batata, centeio e muitos castanheiros.

Os produtos de maior valor económico são o azeite, o vinho, os cogumelos e o mel. Podemos encontrar, dispersas por todo o concelho, empresas e cooperativas agro-industriais ligadas à transformação e comercialização destes produtos.

Há ainda no território do concelho uma nascente de águas minero-medicinais, conhecidas por fontes “Bem Saúde”, assim chamada por se localizar na antiga quinta de Bensaúde. As águas são alcalino-gasosas, sendo bem conhecidas, tanto em Portugal como no estrangeiro, atualmente com a designação de *Frize*.

O concelho apresenta atualmente um grande dinamismo e potencial cultural, desenvolvendo uma série de atividades culturais e desportivas. De salientar os campeonatos de futebol interfreguesias, os campeonatos de xadrez, as exposições no Centro Cultural de Vila Flor, as feiras de artesanato nas festas de S. Bartolomeu ou a romaria da N. Sra. da Assunção¹⁴.

1.2-História e Cultura de Vila Flor

Há instrumentos, costumes, formas de trabalhar, de cantar e rezar, que perduram há vários séculos; outros desaparecem e deles ficam as recordações e memórias nas histórias, nos instrumentos, nos lugares que os viram florir e morrer.

Ao mesmo tempo novos costumes, novas formas, novos instrumentos de trabalho e recreio, adquirem relevo na nossa cultura.

Por aqui passaram reis e rainhas que, enamorados, batizaram Vila Flor. No século XIII Vila Flor fazia-se representar por uma insignificante povoação chamada Póvoa d’Além Sabor, que foi a antepassada direta da atual vila até que, segundo a tradição, o Rei D. Dinis, a caminho das terras de Miranda do Douro, a fim de receber Sua Alteza Real, Isabel de Aragão, o jovem soberano ordenou breve paragem para descansar, e seduzido pela beleza do lugar a rebatizou com o nome de Vila Flor.

¹⁴ <http://www.cim-tm.pt/regiao/vila-flor/>. Consultado em 04-07-2012.

Quanto à fundação do concelho, e aos dados históricos existentes, esta ocorreu em 1286 através do foral de D. Dinis. A nova circunscrição administrativa saía do, também recentemente criado, concelho de Torre de Moncorvo. A sede que foi escolhida para Vila Flor foi a Póvoa d'Além Sabor, uma das muitas póvoas ali existentes na altura.

Foi também D. Dinis que mandou erguer em seu redor muralhas com cinco portas em arco, das quais apenas resta o Arco de D. Dinis.

O foral concedido por D. Dinis foi confirmado por D. Manuel, em 4 de maio de 1512, reformando o anterior. Ao longo dos séculos, o concelho sofreu diversas mutações.

Freixiel recebera foral antes ainda de Vila Flor e constituía concelho próprio. Vilas Boas recebia também foral de D. Afonso IV em 1325, confirmado por D. Manuel em 1512, ambos foram extintos em 1836 - no âmbito de uma reorganização administrativa que acabou com mais de 400 concelhos - e integrando-os em Vila Flor, que aliás sempre os reclamou como seus.

Por ter um passado riquíssimo, Vila Flor orgulha-se de conservar um inestimável património edificado, religioso e cultural.

1.3-Património Histórico, Cultural e Natural

Toda a região de Trás-os-Montes está dotada de um rico património, incluindo o concelho de Vila Flor. Desde a pré-história até aos dias de hoje, foi legado um grande património cultural.

Ruínas arqueológicas, castros, antas, castelos, pontes e caminhos com vários séculos, igrejas, casas solarengas, pelourinhos são exemplos da riqueza patrimonial deste concelho.

Toda a Vila é portadora de belos jardins e de zonas arborizadas, que contribuem não só para aumentar a sua beleza, como também servem de zonas de lazer e de descanso dos residentes e turistas.

São vastos os recursos naturais em Vila Flor. Este concelho é dotado de paisagens que diferem de localidade para localidade, tanto em espaços verdes e de culturas bem desenhados, como de repente nos aparecem espaços com rocha a perder de vista. Existem variadíssimas entradas panorâmicas e miradouros de onde se podem observar estes feitos da natureza.

As artes e os ofícios tradicionais vêm fazendo parte da ruralidade da região, integradas na pluriatividade de muitas famílias, orientadas para a animação de tempos livres e ainda para a autossuficiência, sendo a arte exercida em oficinas ao lado de casa.

Vila Flor tem uma gastronomia também baseada no porco, sendo de destacar as chouriças, os salpicões, as alheiras, a carne salgada (pé de porco, orelheira, presunto), entre outras. Entre os vários pratos destacam-se os pratos de bacalhau, o peixe do rio frito ou assado, cordeiro ou cabrito assado na brasa ou no forno, várias feijoadas, destacando-se a de feijão chícharo, e os folares de carne. São também de destacar a azeitona de conserva, queijos, mel e variadíssimos frutos secos.

Por todo o concelho são realizadas anualmente as romarias e peregrinações em honra dos Santos padroeiros.¹⁵

1.4-Modelo Familiar

Segundo o diagnóstico social do concelho de Vila Flor (2003)¹⁶, a instituição familiar na região Norte está bastante vincada. Assume, por vezes, uma posição relevante quando comparada com outras regiões, a sua realidade permite traçar um perfil essencialmente feito à imagem da moral, dos costumes e das práticas tradicionais.

1.5-Atividades de Tempos Livres

Nos períodos libertos das responsabilidades escolares, existem em Vila Flor dois centros que se destinam a proporcionar atividades do âmbito da animação sociocultural a crianças, tendencialmente a partir dos 6 anos, e a jovens, de ambos os sexos. Um é propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor, e o outro do Centro Social e Paroquial de S. Bartolomeu de Vila Flor .

Dados recentes indicam que estes dois equipamentos acolhem cerca de 40 crianças e jovens. Com uma taxa de utilização de 80%, os centros de ATL apresentam uma taxa de cobertura social de 13%. (Diagnóstico Social do Concelho de Vila Flor 2003).

¹⁵ Acesso: <http://www.cm-vilaflor.pt/patrimonio/list/>. Consultado em 04-07-2012.

¹⁶ Acesso: <http://195.245.197.216/...%20Diagnóstico%20Social/Diagnóstico%20Socia...> Consultado em 28-06-2012.

1.6-Envelhecimento

Segundo o Diagnóstico Social do Concelho de Vila Flor (2003), o número de pensionistas tem aumentado consideravelmente, tendo como causa direta o processo de envelhecimento demográfico. Neste sentido o aumento dos encargos com serviços e equipamentos sociais tem sido uma constante.

1.7-Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor

1.7.1-Irmandade

A Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor foi fundada nos meados do século XVI, é uma associação de fiéis, constituída na ordem Jurídica Canónica, com o objetivo de assistência social, e prática de atos culto católicos em harmonia com o seu espírito tradicional, informados pelos princípios da doutrina moral cristã, exercendo, assim, a sua ação através da prática das Obras de Misericórdia, tanto corporais como espirituais.

A Irmandade conta nesta data com 142 Irmãos, e é regida por um compromisso do qual consta entre outras coisas, os deveres e obrigações dos Irmãos, dos seus Corpos Gerentes, constituídos pela Assembleia Geral ou Cabido, Mesa Administrativa e Conselho Fiscal.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor e a Paróquia de S. Bartolomeu assumem a organização das Solenidades da Semana Santa.

Toda a Irmandade participa nas várias Cerimónias e incorpora as Procissões da Via Crucis, do Enterro do Senhor e da Procissão da Ressurreição¹⁷.

1.7.2-Santa Casa da Misericórdia

Fundada em meados do século XVI, a Misericórdia de Vila Flor, no distrito de Bragança, dá assistência a crianças, idosos e indivíduos carenciados ao nível económico e social. Dá a estes grupos um pouco de apoio afetivo, valorizando as suas histórias de vida, numa atitude de aceitação e respeito pela individualidade de cada um.

¹⁷ Acesso: <http://www.misericordiavilaflor.com/main.php?irmandade>. Consultado em 05-07-2012.

Ao nível da terceira idade possui seis lares, nove centros de dia e uma unidade de cuidados continuados com 29 camas, prestando ainda apoio domiciliário.

Adequa-se, assim, à diversidade de condições biopsicossociais de cada idoso nas diferentes etapas da sua vida.

Dispõe também de um Jardim-de-infância-Flor-de Liz-onde presta serviços de ATL, Creche e Pré-escolar.

Segundo Pinto (2010) ¹⁸, esta instituição possui, uma farmácia, 30 casas comunitárias para arrendamento social e duas empresas de inserção social; uma garante o pão e a pastelaria para consumo interno e venda ao público e outra trata de abastecer a instituição com produtos hortícolas.

É a instituição que mais pessoal emprega no concelho de Vila Flor; nas 33 valências trabalham 201 pessoas de várias especialidades.

Tem disponível um sítio on-line www.misericordiaDEVILAFLOR.com, edita semestralmente uma revista informativa, a revista “Nós”, onde são divulgadas notícias acerca dos eventos das suas valências.

São exemplos de eventos, convívios, passeios e festas, como o Cantar aos Reis, o Carnaval, o S. Martinho, S. João e as vindimas; são também promovidas conferências, palestras, exposições de trabalhos realizados pelos idosos e são responsáveis, na Páscoa, pela organização da Semana Santa.

1.7.3-Lar Nossa Senhora da Lapa

O Lar Nossa Senhora da Lapa situa-se na Rua da Paz em Vila Flor. Os serviços prestados são: apoio domiciliário nas aldeias de Meireles, Vilarinho das Azenhas e em Vila Flor, (lotação 10 (dez), número de vagas 0 (zero); centro de dia (lotação 5 (cinco), número de vagas 0 (zero); lar (lotação 36 (trinta e seis), número de vagas 0 (zero))¹⁹. É composto por:

- Uma sala de refeições e convívio com lareira;
- Quartos para os residentes;

¹⁸ Acesso: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/interior.aspx?content_id=1679511. Consultado em 27-06-2012.

¹⁹ Acesso:http://www.misericordiaDEVILAFLOR.com/main.php?valencia=86&voltar=valenciasFreguesia&freguesia_id= .Consultado em 27-06-2012.

- Capela;
- Cozinha;
- Refeitório;
- Lavandaria e rouparia;
- Sanitários equipados para deficientes e idosos;
- Consultório médico;
- Televisão;
- Jogos;
- Espaço ajardinado;
- Sala de atividades;
- Farmácia;
- Espaços de Lazer.

Quanto à equipa que trabalha neste lar, ela é constituída por:

- Quatro religiosas;
- Uma cozinheira;
- Uma encarregada de setor;
- Dezoito auxiliares de serviços gerais;
- Uma operadora de lavandaria;
- Uma cabeleireira;
- Uma dietista;
- Um animador;
- Uma animadora;
- Um padre;
- Uma enfermeira;
- Um médico;
- Uma psicóloga.

1.7.4-Jardim de Infância Flor-de-Liz

O Jardim de Infância Flor-de-Liz situa-se na Rua Dr. João Carlos Noronha, em Vila Flor. Em 1983, é inaugurado o Infantário com capacidade para 100 crianças. Mais tarde, em 1988 é inaugurada a Creche e ATL. Encerra dia 1 de Agosto para férias e reabre novamente no início de Setembro.

- ATL (número de vagas 20 (vinte), lotação 20 (vinte), crianças do 1º ciclo);
- Creche (número de vagas 29 (vinte e nove), lotação 29 (vinte e nove), crianças entre 4 meses e 3 anos;
- Pré-escolar (número de vagas 42 (quarenta e duas), lotação 42 (quarenta e duas), crianças entre os 3 e os 5 anos). Quanto à equipa que trabalha neste Jardim de Infância ela é constituída por:
 - Quatro educadoras de infância;
 - Uma professora do 1º ciclo;
 - Uma cozinheira;
 - Uma auxiliar de ação educativa;
 - Sete auxiliares de serviços gerais;
 - Um professor de música;
 - Um professor de educação física;
 - Uma professora de inglês.
 - Uma professora de ballet.

Quanto às atividades, as que se realizam anualmente são passeios e festas²⁰.



Figura 2: Imagem do Lar Nossa Senhora da Lapa



Figura 3: Imagem do Jardim de Infância Flor de Liz

²⁰ Acesso: <http://www.misericordiavilafior.com/main.php?valencia=54>. Consultado em 27-06-2012.

Capítulo III

Metodologia de Investigação e Procedimentos

1-Metodologia de investigação

Depois de formuladas as questões de partida e a revisão da literatura, foram realizadas as entrevistas exploratórias sobre a problemática em estudo. Importa agora conceber o melhor método para prosseguir o trabalho e encontrar ideias e pistas de reflexão esclarecedoras. Neste sentido, recorreremos ao paradigma qualitativo, aplicando como técnicas de investigação, a observação participante e direta, as entrevistas, as histórias de vida e as conversas informais.

No início do percurso tentamos trilhar os caminhos da investigação-ação, mas não foi possível. Em julho, não havia tempo porque estavam a preparar a festa de final de ano letivo, em agosto, o infantário fechou para férias. Foi adiada mais uma vez a oportunidade de realizar algumas atividades intergeracionais. Ainda sugerimos que se realizassem algumas atividades em conjunto na festa, mas não foi demonstrada muita disponibilidade.

Concordamos com Fragata (1980:16) quando afirma: (...) *o método como a maneira de proceder, em ordem a conseguir um fim determinado, com maior facilidade e perfeição. Um bom método garante pois a rapidez do trabalho e a sua eficácia.*

1.1-Pesquisa Qualitativa

Segundo Menga, citado por Marconi e Lakatos (2008:271) *“o estudo qualitativo é o que se desenvolve numa situação natural. É rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”*.

Segundo Marconi e Lakatos (2008) o método qualitativo é diferente do método quantitativo, pela forma de coleta e análise dos dados e por não utilizar instrumentos estatísticos. Na pesquisa qualitativa não se admitem regras precisas, não existe uma estruturação rígida, embora careça de uma estruturação prévia. Problemas, hipóteses e teorias devem ser utilizados enquanto decorre a investigação. Contudo, afim de o investigador não se perder, convém que este faça, no mínimo, uma estruturação de enquadramento teórico geral e um planeamento cuidadoso.

O mesmo autor refere ainda que para que o conteúdo seja válido deverão ser realizadas várias leituras e reflexões de obras que abordem teorias e conhecimentos já existentes do problema de investigação.

Na mesma linha de pensamento Marshall e Rossman (1998), Milles e Huberman (1984), citados por Alves- Mazzoti e Gewandsznajder (1998) também referem que o planeamento não precisa nem deve ser apriorístico no sentido mais estrito; no tipo de estudos qualitativos, antes de sistematizar dados, o pesquisador deve mergulhar no contexto a ser estudado. É uma fase exploratória onde o investigador aproveita para definir algumas questões iniciais bem como procedimentos adequados à investigação.

Borgan, citado por Marconi e Lakatos (2008:272) relativamente à pesquisa qualitativa refere as seguintes características:

- a) Ter ambiente natural como fonte direta dos dados;*
- b) Ser descritiva;*
- c) Analisar intuitivamente os dados;*
- d) Preocupar-se com o processo e não com os resultados e o produto;*
- e) Enfatizar o significado”.*

A favor de um maior grau de estruturação Marshall e Rossman, Milles e Huberman, citados por Alves- Mazzoti e Gewandsznajder (1998:148) destacam alguns argumentos:

- a) qualquer pesquisador, ao escolher um determinado campo (uma comunidade, uma instituição), já o faz com algum objectivo e algumas questões em mente; se é assim não há porque não explicitá-los, mesmo que sujeitos a reajustes futuros;*
- b) dificilmente um pesquisador inicia a sua coleta de dados sem que alguma teoria esteja orientando seus passos, mesmo que implicitamente; nesse caso, é preferível torna-la pública;*
- c) a ausência de focalização e de critérios na coleta de dados frequentemente resulta em perda de tempo, excesso de dados e dificuldades de interpretação.*

Alves- Mazzoti e Gewandsznajder (1998) dizem-nos que, ao invés do que acontece nas pesquisas quantitativas, as investigações qualitativas pela diversidade e flexibilidade não adotam regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos.

1.2-Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

1.2.1-Observação direta participante

Nisbet e Watt , citado por Bell (1997) alertam para o fato de as entrevistas fornecerem dados importantes, revelando apenas como as pessoas apreendem o que acontece e não necessariamente o que na verdade acontece.

Neste sentido a observação participante, como técnica de investigação para recolha de informação, é também um caminho a seguir.

Como refere Fragata (1980:48) *“Observar não é apenas ver, mas ver reflexamente, ou reparando. (...), observando, analisamos”*.

De acordo com Peretz (2000) e Quivy e Campenhoudt (2003) a observação direta é uma forma de obter respostas sem fazer perguntas, entrando no meio social onde estão inseridos os idosos sem alterar o ritmo normal de atividades diárias. Este tipo de observação tem como objetivo encontrar um significado sociológico para os dados recolhidos.

Conclui-se que a observação direta está geralmente associada à observação participante. Encontram-se interligadas devido à semelhança das suas características.

Como vantagens que se atribuem a este tipo de técnica Gewanddsznajder e Alves-Mazzotty (1998) referem o facto de esta ser independente do grau de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos; permitir ver na prática a sinceridade a certas questões colocadas que às vezes são dadas só para passar uma boa impressão; permite explorar e identificar comportamentos inconscientes bem como explorar pontos na qual os informantes não se sentem tão à vontade para discutir; permite ainda registar o comportamento no seu contexto temporal e espacial.

Perante o exposto acerca da observação e segundo Milles e Huberman, citados por Gewanddsznajder e Alves-Mazzotty (1998) pode concluir-se que as aptidões que se exigem a um observador participante são muitas. Terá de ser capaz de estabelecer perante os sujeitos uma relação de confiança; ser sensível com as pessoas; desenvolver

boas perguntas; ter capacidade de adaptação para situações inesperadas; ser bom ouvinte.

Relativamente à observação participante, ela teve início em Maio 2012 e decorreu até Setembro do mesmo ano. Normalmente dirigia-me ao Lar Nossa Senhora da Lapa duas vezes por semana como voluntária. Não trabalhando na instituição nem sendo estagiária foi a melhor maneira que encontrei de me inserir no meio a ser estudado. Conversava com eles, ajudava a dar de lanchar, dava uma voltinha com eles no espaço de lazer do Lar, assistia às atividades, etc...Numa primeira fase procedi á realização de algumas entrevistas informais (de que tomei nota), com pessoas chave que trabalham na instituição a fim de esclarecer e aprofundar alguns conceitos e práticas quotidianas. Essas pessoas foram o João (animador) a Ana (animadora), a Dona Fátima (encarregada geral) e algumas funcionárias com as quais me cruzava. Assim fiquei a compreender melhor a realidade do contexto. As conservas iam sendo realizadas nos corredores, na sala de atividades, sala de refeições, etc.

1.2.2-Entrevista

É uma das técnicas de recolha de dados que mais se utiliza em ciências sociais, não só para coleta de dados mas com objetivos direcionados para o diagnóstico e orientação. É a técnica por excelência das ciências sociais.

Para Selltiz et al., citado por Gil (1989: 113) a entrevista " *é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes*".

Tem como vantagens obter dados relativos aos mais diversos aspetos da vida social; é bastante eficaz na recolha de dados em profundidade sobre o comportamento humano; os dados recolhidos são alvo de quantificação e de classificação; a pessoa entrevistada não precisa saber ler nem escrever; permite observar e captar a expressão corporal, bem como a ênfase e a tonalidade da voz do entrevistado; obtém-se um maior número de respostas; sempre que necessário a pessoa a ser entrevistada pode pedir para lhe ser esclarecido o significado das questões adaptando-se assim de forma mais facilitada às pessoas e às circunstâncias no qual se desenvolve a entrevista. Como

desvantagens pode acontecer os entrevistados darem respostas falsas, consciente ou inconscientemente; falta de motivação do entrevistado; “*A entrevista é, portanto, uma forma de interação social*” Gil (1989:113).

Quivy e Campenhoudt (2003:191-192) reforçam a ideia do autor referido quando afirmam: “*(...) os métodos da entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e interação humana. Corretamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados*”.

Quanto à estruturação das entrevistas, Pardal e Correia (1995:65-66) dizem-nos que elas são de dois tipos: entrevista estruturada e entrevista não estruturada aparecendo entre estes dois tipos uma variante conhecida por entrevista semi-estruturada.

Na entrevista estruturada as questões são colocadas com rigor e a espontaneidade do entrevistador e do entrevistado é limitada, é também uma entrevista estandardizada (modo de formulação das questões, sequencias desta, utilização de vocabulário).

Na entrevista não estruturada existe maior liberdade de conversação entre entrevistador e entrevistado. Quanto à forma, pode classificar-se em entrevista não dirigida (completa liberdade de conversação) e entrevista dirigida (livre, girando as perguntas em torno de um assunto preciso).

A entrevista semi-estruturada não é inteiramente aberta e livre, é orientada por um referencial de perguntas guia (abertas) que o entrevistador pode colocar à medida que as oportunidades forem surgindo. Ao longo deste tipo de entrevistas, o entrevistado pode exprimir-se com abertura (sobre as experiências, memórias; sobre o sentido que dá às suas práticas; fornece indícios sobre os valores pelos quais se rege, atitudes, emotividade; restabelece processos de ação ou mudança e denuncia elementos em cena e suas relações, ajuda na compreensão dos fenómenos), permitindo que o discurso do entrevistado vá fluindo livremente de modo tão natural quanto possível. Pelas características acima mencionadas, esta última foi a adotada neste estudo.

De referir que as entrevistas e a recolha de histórias de vida dos idosos decorreram no Lar Nossa Senhora da Lapa, na sala de atividades.

As entrevistas e a construção da história de vida dos idosos foram desenvolvidas sempre com a presença do animador, até porque era um pouco difícil motivá-los a participar, só mesmo o animador, pedindo. Lembro-me um dia que fui lá sozinha e pedi a uma senhora para conversar um bocadinho comigo e expliquei para o que era, aliás ela já sabia, eu já lhes tinha sido apresentada, já tinha estado à conversa com eles todos na sala de atividades e ia ao Lar várias vezes e ela disse-me que não. *“Ai eu não posso estar muito tempo sentada, não tenho nada para contar”*. Era um bocadinho difícil conversar com eles, muito fechados, falavam pouco. São idosos bastante dependentes. Como o animador trabalha há mais tempo com eles, eles já o veem como um membro da família e então confiam muito nele. Foi até ideia dele estar presente nas entrevistas e pedir aos idosos mais válidos para participar no estudo.

As entrevistas foram gravadas em áudio, foi utilizado um gravador e o computador para o efeito. A gravação foi feita com o consentimento deles. As entrevistas realizadas tiveram por base um guião previamente elaborado. Foram recolhidas informações de nível pessoal acerca dos entrevistados bem como questões que dessem respostas às nossas dúvidas. As entrevistas foram realizadas sempre da parte da tarde depois da hora do lanche por volta das 15h30. Às vezes íamos sendo interrompidos por uma ou outra pessoa que entrava na sala ou pelos telemóveis.

A primeira entrevista à utente do sexo feminino foi realizada dia 2 de Julho de 2012.

A segunda foi dia 05 de julho 2012 ao utente do sexo feminino e a terceira, foi dia 11 de julho de 2012. Dependia da disponibilidade do animador. Foram realizadas todas no horário das 15h30h às 17h00. A escolha recaiu sobre estas três pessoas porque eram as mais válidas tanto a nível físico, mental e também porque quiseram participar.

As entrevistas aos técnicos foram também elas realizadas na sala de atividades tirando a da diretora técnica que foi no Lar Nossa Senhora dos Remédios, no gabinete desta e a da educadora foi no Jardim de Infância Flor de Liz.

Foi entregue com antecedência o guião de entrevista aos mesmos, pelo menos com uma semana de antecedência e marcou-se um dia para fazer a entrevista. Apesar de ter entregue o guião com antecedência verifiquei que muitos dos entrevistados nem para ele olharam, só no dia da entrevista.

A entrevista à animadora foi realizada dia 22 de junho de 2012 no período das 10h00 até às 11h30.

A entrevista ao animador foi realizada dia 2 de agosto de 2012 no período das 15h30 às 17h00.

A entrevista à encarregada chefe foi dia 7 de agosto 2012 pelas 14h00 até às 15h30 e à diretora técnica dia 8 de agosto 2012 09h00 às 11h00.

A entrevista à Educadora/coordenadora foi realizada dia 03 de setembro entre as 09h00 e as 10h30.

Com as entrevistas e a recolha das histórias de vida visei o aprofundamento do conhecimento da vida dos idosos, bem como a sua relação com a família, motivos e causas da institucionalização, se convivem com outras gerações, como ocupam o tempo no lar, o grau de participação as atividades, qual a opinião acerca do animador, se gostavam de realizar atividades com as crianças do Jardim de Infância Flor de Liz, como se sentiam quando elas os visitam.

1.2.3-Análise Documental

Para Pardal e Correia (1995) esta é uma técnica de recolha de informação no qual o investigador, face à natureza do trabalho que desenvolve, tem à sua disposição diversos tipos de documentos que podem ser documentos pessoais, estudos, imprensa, fontes históricas, arquivos oficiais e privados. Os documentos consultados foram a lista completa de idosos na instituição, lista completa das crianças do Jardim de infância Flor de Liz, revista da Santa Casa, textos publicados pela imprensa e a página web.

Segundo Becker, citado por Gewanddsznajder e Alves- Mazzotty (1998), a propósito dos documentos diz-nos que o pesquisador necessita conhecer alguns dados sobre eles, como por exemplo: porque foram criados, quem os criou, em que instituição foram criados, com que finalidade foram realizados e que fontes e procedimentos foram elaborados. A interpretação destes não deve prescindir destas informações.

1.3-Estudo de caso

Como o caso a ser estudado é propriamente uma instituição, a Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor nas suas valências: Lar Nossa Senhora da Lapa e Jardim de Infância Flor de Liz. Assim, faz todo o sentido utilizar o estudo de caso nesta investigação, porque se trata efetivamente de um caso relacionado com a intergeracionalidade ocorrida nas duas ofertas da instituição em estudo.

Tal como refere Serrano (2011:103) *“De facto, trata-se de observar em profundidade as peculiaridades de uma unidade individual seja esta um sujeito, um grupo, uma classe ou instituição”*.

Serrano (2011:104) define estudo de caso como, *“uma metodologia de análise do grupo, cujo aspecto qualitativo nos permite extrair as conclusões derivadas dos fenómenos reais ou simulados, numa linha formativa-experimental, de desenvolvimento da personalidade humana ou de qualquer outra realidade individualizada e única”*.

Segundo Serrano (2011: 103-105) o estudo de caso tem como propósito fundamental provar de forma profunda o fenómeno, estudá-lo com intensidade e estabelecer generalizações. Não é necessário dar uma visão completa dos acontecimentos, mas sim conseguir estabelecer um marco de debate e discussão. Quando se utiliza este método, o objetivo é o de procurar soluções a partir da análise e discussão de um problema específico.

Também Goldenberg (2003) refere que se através da utilização deste método pode adquirir conhecimentos do fato a ser estudado partindo da exploração intensa de um único caso.

Segundo Pérez (2004: 79) *“Através do estudo de caso tenta-se clarificar os aspectos no que concerne à Investigação Qualitativa em geral e ao Estudo de Caso em Particular, como uma contribuição de grande potência para melhor compreendermos a realidade social”*.

1.4-Histórias de Vida

Segundo Gradaille (2011:354)

“(...) as histórias de vida constituem uma estratégia metodológica que permite conhecer e interpretar as percepções e vivências que os diferentes sujeitos têm no meio em que habitam, assim como as oportunidades que- desde o ponto de vista cultural – este oferece para favorecer o desenvolvimento integral dos sujeitos; elaborando conhecimentos, construindo e interpretando a realidade a partir da narração e da biografia dos próprios actores”.

Medrano, citado por Gradaille (2011), diz-nos que a verdadeira importância da história de vida radica em escutar de um ser humano a maneira como descreve a sua vida ou, melhor relata a sua experiência de vida particular numa cultura; que permite estudar as transformações do seu meio sociocultural imediato, passado ou presente. Ajuda a clarificar tudo quanto se passou nas suas vidas, como aconteceram as suas trajetórias vitais ao ritmo das mudanças sociais, contextualizar e contrastar as suas perspectivas, as suas experiências pessoais num cenário social concreto (comunitário, escolar, laboral, familiar, etc.). Permite-nos conhecer o grau de implicação e participação do contexto cultural no qual vivem.

Coloca-se a questão: quantas pessoas devo questionar?

Pernas, refere que quem recorre a esta técnica, e quanto à população e à amostra de estudo, quem a utiliza não procura representatividade estatística, mas sim significados dos relatos de vida. Valoriza-se a disponibilidade, a viabilidade e a idade das pessoas. Existe uma *“(...) necessidade de selecionar os informantes como uma adequada idade cronológica; aquela no qual o sujeito possa contribuir com uma história de vida suficientemente intensa e interessante para oferecer um relato valioso da mesma”* (2011:357).

Capítulo IV

Apresentação e Discussão dos Resultados

1-Análise e Interpretação dos dados

Depois de realizadas as entrevistas procedeu-se então à análise das mesmas. As entrevistas foram transcritas para suporte de papel, uma tarefa morosa uma vez que os idosos sentiam necessidade de conversar e, por vezes, divagavam um pouco e contavam algumas histórias suas.

As entrevistas aos idosos estão identificadas pela designação, U1, U2,U3 e as entrevistas aos técnicos pela designação, T1, T2, T3, T4, T5.

As questões diziam respeito aos itens a seguir apresentados.

Tabela I: Guião das entrevistas realizadas aos técnicos e idosos

Tema Técnicos\ Idosos	Objetivos	Questões
Identificação e legitimação	Identificar e legitimar o tema de estudo.	Apresentação dos idosos à investigadora. Apresentação do tema em estudo.
Caraterização pessoal	Identificação dos entrevistados.	-Nome, idade, sexo, formação académica e profissional, profissão, função na Instituição, naturalidade, nº de filhos, anos de trabalho na instituição ou de permanência.
Atividades da Instituição/ Vida no Passado	Averiguar que atividades a instituição realiza com os idosos. Averiguar como era a vida destes idosos no passado.	- Que atividades a instituição desenvolve com os idosos? E com as crianças? -Dessas atividades quais as que satisfazem as

		<p>necessidades lúdicas e culturais dos idosos?</p> <p>-Em que atividades eles participam mais?</p> <p>-Qual o grau de participação nessas atividades?</p> <p>-Que atividades são promovidas para as crianças do Infantário Flor de Liz e os idosos do Lar Nossa Senhora da Lapa?</p> <p>-Qual a opinião dos idosos acerca dessas atividades?</p> <p>-Na sua opinião essas atividades contribuem para aproximar gerações?</p> <p>-Que outras atividades poderiam ser implementadas na instituição?</p> <p>-Na planificação das atividades as vivências e os saberes dos idosos são considerados relevantes para o seu bem-estar e a sua qualidade de vida?</p> <p>-Na planificações das atividades que parcerias desenvolvem?</p> <p>-Os idosos são recetivos</p>
--	--	---

		<p>às atividades propostas?</p> <p>-Como era a sua vida no passado?</p> <p>-Quais as recordações que tem dos seus pais e avós?</p>
Envelhecimento e velhice	Caraterizar a população idosa.	<p>Como caracteriza a população do concelho de Vila Flor?</p> <p>-Como caracteriza os idosos da Instituição na sua generalidade?</p> <p>-Considera a velhice como uma etapa final da vida, ou uma fase de realização?</p> <p>-Na sua opinião, pensa que se devem educar desde cedo os mais novos para a problemática do envelhecimento?</p> <p>-O que pensam que poderia ser melhorado para dar qualidade de vida e bem-estar aos idosos? /</p> <p>Como encara o seu processo de envelhecimento?</p>
Instituição/Motivos da Institucionalização	Caraterização da instituição.	-Como caracteriza esta instituição, enquanto Lar

	<p>Saber quais os motivos da institucionalização.</p>	<p>acolhedor?</p> <p>-De que forma a instituição estimula a participação ativa dos idosos?</p> <p>-Qual a opinião sobre a satisfação das expectativas e necessidades dos idosos em relação ao Lar?</p> <p>-Quanto ao clima interno no Lar. Qual a opinião acerca das relações interpessoais, canais de comunicação? /</p> <p>-Porque é que está aqui no Lar?</p> <p>-Foi opção própria?</p> <p>-Houve pressão da família?</p> <p>-Quais os seus meios de sobrevivência?</p>
<p>Institucionalização/Integração</p>	<p>Saber como é o processo de integração no Lar.</p>	<p>Qual a sua opinião sobre as razões que levam os idosos a serem institucionalizados?</p> <p>-Quais as maiores dificuldades que eles sentem na integração na instituição?</p> <p>-Qual a relação existente entre os idosos?</p> <p>-Pensa que a entrada do</p>

		<p>idoso no Lar acelerou ou não o processo de envelhecimento? Porquê?</p> <p>-Quais as rotinas diárias do idoso nesta instituição? /</p> <p>-Foi fácil ou difícil integrar-se aqui no Lar?</p> <p>-Hoje como descreve o seu relacionamento com os restantes idosos?</p> <p>-Gosta de estar aqui?</p>
<p>Envelhecimento ativo / Relações Familiares</p>	<p>Saber de que forma a instituição estimula o envelhecimento ativo.</p> <p>Saber como eram as famílias antigamente.</p>	<p>O que pensam que poderia ser melhorado para dar qualidade de vida e bem-estar aos idosos? /</p> <p>-A sua família era numerosa, era daquelas onde viviam pais, avós, tios, primos, etc.?</p> <p>-Como é o seu relacionamento com os seus filhos?</p> <p>-Costumam fazer-lhe visitas?</p>
<p>Relações Intergeracionais/Animação Sociocultural</p>	<p>Averiguar se na instituição são realizadas atividades de cariz intergeracional ou se são apenas encontros</p>	<p>-Costumam realizar atividades, que promovam o relacionamento intergeracional entre os</p>

	<p>intergeracionais.</p> <p>Averiguar qual a importância do animador sociocultural no Lar.</p>	<p>idosos do Lar Nossa Senhora da Lapa e as crianças do Infantário Flor de Liz?</p> <p>-Que preocupações tem a instituição para favorecer os relacionamentos intergeracionais?</p> <p>-Na sua opinião, as relações intergeracionais são importantes? Porquê?</p> <p>-Na sua opinião, a vossa instituição necessita de práticas intergeracionais?</p> <p>-Pensa que estas relações, contribuem para a sua satisfação e bem-estar? Contribuem para um envelhecimento ativo?</p> <p>- Na sua opinião, o corte das relações intergeracionais tem aumentado nos últimos anos? Será que se trata de uma crise de pessoas ou institucional?</p> <p>-Que preocupações tem a instituição para favorecer a cultura intergeracional, uma vez que trabalha com diferentes faixas etárias, nomeadamente crianças e</p>
--	--	---

		<p>idosos?</p> <p>-Que visitas costumam ter os idosos? Os filhos, netos, amigos, vizinhos, outros familiares costumam fazer-lhes visitas?/</p> <p>-Consideram importantes as atividades que realizam com o Animador Sociocultural? Porquê?</p> <p>-Quais as dificuldades sentidas na realização das atividades?</p>
<p>Animação Sociocultural e Animador Sociocultural</p>	<p>Saber quais as funções e papel do animador no Lar.</p> <p>Qual a importância da animação Sociocultural para estes idosos.</p> <p>Saber qual a satisfação dos utentes relativamente às atividades do Lar.</p>	<p>-O que pensa do contributo da Animação Sociocultural no desenvolvimento social educativo e cultural dos utentes do Lar?</p> <p>-Considera a animação sociocultural como uma forma de educação permanente ao longo da vida?</p> <p>-Qual o papel e as funções do animador sociocultural nesta Instituição?</p> <p>- Considera o seu trabalho reconhecido,</p>

		<p>quer pelos idosos quer pela instituição?</p> <p>-Que atividades são desenvolvidas pelo animador?</p> <p>-Que peso tem a opinião dos idosos na escolha das atividades e horários?</p> <p>-Qual a duração dessas atividades? /</p> <p>-Quais são as atividades diárias que gosta mais de fazer?</p> <p>-Lembra-se de alguma que tenha feito e que tivesse gostado muito?</p>
Animação Sociocultural na Terceira Idade/ Instituição	<p>Tentar perceber o que trouxe os idosos para o Lar e se existem regras etc... que lhes dificultem a sua autonomia.</p>	<p>-Qual o objetivo da Animação Sociocultural para os idosos?/</p> <p>-Prefere estar aqui ou em sua casa?</p> <p>-Os horários e as regras da instituição facilitam a sua autonomia ou antes pelo contrário?</p>
Futuro da Instituição/ Expetativas	<p>Quais os planos futuros da instituição relativamente aos idosos.</p>	<p>-Quais os grandes objetivos face às novas realidades sociais, familiares etc... desta instituição em relação aos idosos?</p>

		<p>-Pensa que seria útil realizar atividades de cariz intergeracional na instituição? /</p> <p>-Futuramente, que atividades gostava de realizar aqui no Lar?</p> <p>-Gostava de realizar atividades em conjunto com as crianças do infantário?</p> <p>-Tem interesse em aprender coisas novas?</p>
--	--	--

1.1-Na tabela seguinte (tabela 2) são apresentados os dados sociodemográficos que dizem respeito aos técnicos entrevistados. Estes são aqueles que vivem mais com os idosos e que os conhecem melhor, os restantes só vão ao lar quando chamados por algum motivo.

Tabela2- Perfil Sociodemográfico dos técnicos entrevistados

Sujeitos	Género	Idade	Naturalidade	Estado Civil	Habilitações	Profissão na instituição	Anos na instituição
T1	Feminino	38 anos	Vila Flor	Casada	Bacharelato em Educadores Sociais	Animadora Sociocultural	14 anos
T2	Masculino	27 anos	Murça	Solteiro	Técnico de Animação nível III- Licenciado em Reabilitação Psicomotora	Animador Sociocultural	3 anos
T3	Feminino	52 anos	Murça	Casada	9ºano	Encarregada Geral	33 anos
T4	Feminino	35 anos	Vila Flor	Solteira	Psicóloga	Diretora Técnica	10 anos
T5	Feminino	45 anos	Vale Frechoso (aldeia do concelho de Vila Flor)	Casada	Licenciatura em Educação Chefe	Educadora e Coordenadora	7 anos

Relativamente às atividades que a instituição desenvolve com os idosos e as crianças, os técnicos entrevistados mencionam o seguinte:

(...) expressão plástica, pintura, desenhos, saídas ao exterior, exposições dos trabalhos manuais, entre outras **(T1)**

(...) educação física **(T2)**

(...) pintura, ginástica, visionamento de filmes, passeios **(T3)**

(...) atividades físicas com o João e a parte dos trabalhos manuais com a Ana. Também fazem alguns passeios **(T4)**

(...) educação física, educação musical, para além da parte curricular. Isto aqui é muito vasto [tom de voz baixo] (T5)

Constatou-se que as atividades que a instituição realiza com os idosos passam por atividades físicas, trabalhos manuais, como por exemplo, a pintura e o desenho; fazem também alguns passeios e assistem a filmes.

Normalmente realizam algumas exposições dos trabalhos manuais ou nas festas da vila ou, como foi o caso deste ano, na escola EB/S 2,3 de Vila Flor. O dinheiro adquirido com a venda dos trabalhos destina-se à compra de material novo.

Quanto às atividades que os técnicos que trabalham no infantário desenvolvem com as crianças são atividades físicas, música, entre outras.

Dessas atividades quais as que satisfazem as necessidades lúdicas e culturais dos idosos?

(...) talvez a pintura (T1)

(...) da experiência de quatro anos que eu tenho, é que tudo que envolva saírem do lar, pode parecer surreal, mas gostam pouco.

(...) É mais a parte da educação física, agora habituaram-se (T4)

(...) Eles aderem mais à pintura (T3)

Das atividades realizadas pela instituição ao longo do ano, a que os utentes do Lar gostam mais é a pintura e logo seguida a educação física.

Em que atividades eles participam mais?

(...) Na pintura (T1)

Talvez nos trabalhos manuais (T2)

Na atividade que eles participam mais e gostam, é a pintura.

Qual o grau de participação nessas atividades?

(...) Ainda não estão muito recetivos, mas “puxando” por eles vão fazendo (T1)

(...) Participam sensivelmente 15 pessoas (T2)

(...) Participam uns 10 ou 12 e é preciso pedir por favor e andar com eles para conseguirem vir. Dizem que não gostam, não querem (T3)

(...) ahhhhh! [Pensativa] se calhar um terço (T4)

Como se pode verificar através das respostas dadas, os idosos deste Lar não são muito participativos nas atividades desenvolvidas. É preciso pedir por favor, dizem que não querem e não gostam de fazer a atividade. São poucos os idosos que realizam as atividades.

Que atividades são promovidas para as crianças do Infantário Flor de Liz e os idosos do Lar Nossa Senhora da Lapa? Qual a opinião dos idosos acerca dessas atividades?

As crianças vão cantar os Reis aos idosos nas datas festivas, por exemplo, no S. João realiza-se na Barragem do Peneireiro uma sardinhada. Eles adoram, ficam felizes, sentem-se mais úteis e não estão tanto tempo parados a ver televisão. (T1)

(...) As únicas atividades que temos em conjunto é no Magusto, no dia do Idoso, nos Reis e nas vindimas também acabamos por nos encontrar. (...) este ano um bocadinho mais, e não me refiro só a este lar mas também aos das aldeias; como foi o ano europeu do envelhecimento ativo houve algumas atividades. (T2)

As crianças do infantário apenas vêm aqui uma vez ou outra cantar. (T3)

Não muitas. Em conjunto não. As crianças vão fazer-lhes uma visita, por exemplo nos Reis, no dia do Pai e da Mãe. (T4)

Olhe é no Dia do Idoso, no Cantar dos Reis, às vezes também nas Festas de Natal. (T5)

As crianças do jardim-de-infância vão uma vez ou outra ao Lar de idosos em datas como os Reis, o dia do Pai, o dia da Mãe. Encontram-se anualmente no S. João, no Magusto, nas vindimas e este ano os idosos do Lar foram fazer uma visita a uma turma da Escola EB 2,3/S de Vila Flor, inclusive fizeram também algumas atividades como forma de celebrar o ano Europeu do Envelhecimento ativo. Constata-se que os idosos adoram e ficam felizes com a presença das crianças abstraindo-se da televisão.

Na sua opinião essas atividades contribuem para aproximar gerações?

Penso que sim. (T1)

Sim. Claro que sim. Nem que seja só pelo fato de estarem juntos. Acabam por interagir umas com as outras. (T2)

Eu acho que sim. (T3)

Sim. Porque cada vez mais as crianças são “afastadas” das pessoas mais idosas, já não há o hábito dos avós viverem com os netos. Nesse sentido eles veem outra realidade que não é vista todos os dias [triste]. (T4)

Dos técnicos entrevistados, todos foram unânimes dizendo que as atividades em que crianças e idosos participam contribuem para aproximar gerações. Veem uma realidade com a qual não convivem todos os dias, devido ao fato de hoje em dia já não haver o hábito de avós e netos viverem juntos. Aquando destas atividades, crianças e idosos interagem sempre.

Que outras atividades poderiam ser implementadas no Lar Nossa Senhora da Lapa/infantário?

Talvez um intercâmbio entre escolas, promover o convívio com crianças e jovens, com a população em geral. (T1)

É pena termos o infantário aqui próximo e não fazermos nada. (T2)

Eu acho que fazia falta a fisioterapia nesta casa, não temos. (T3)

Não sei [pensativa]. (T4)

Só se fosse [pensativa] talvez o yoga (...) de resto temos um pouco de tudo. (T5)

Existe uma vontade de realizar intercâmbios entre escolas, promover mais o convívio com a população e as crianças. A fisioterapia também foi mencionada como uma atividade que poderá ser implementada no Lar, uma vez que não existe.

Quanto ao infantário, a técnica entrevistada referiu que, uma possível atividade a ser implementada, seria o yoga porque de resto têm tudo.

Na planificação das atividades as vivências e os saberes dos idosos são considerados relevantes para o seu bem-estar e a sua qualidade de vida?

Penso que sim. (T1)

É assim, diretamente podem não ser, mas indiretamente sim, eu tenho sempre isso em conta (...) eu também tenho a noção da realidade em que eles estão inseridos (...) uma pessoa tem que ter sempre isso presente. Temos de adequar as coisas à realidade. (T2)

Sim. (T3)

Sim, por vezes leva-se em conta o que cada um sabe fazer. (T4)

Pode-se confirmar que as vivências dos idosos são tidas em conta, uma vez que os técnicos que trabalham com eles estão inseridos no mesmo meio e conhecem um pouco dos idosos, de qualquer forma tentam sempre adequar-se à realidade.

Na planificações das atividades que parcerias desenvolvem?

Com o Centro Social e Paroquial S. Bartolomeu. (T1)

Parcerias só temos com o Centro Social e Paroquial S. Bartolomeu. (T2)

Não sei. (T3)

Com as crianças, temos com o centro Social e Paroquial S. Bartolomeu; a nível dos idosos não temos parcerias, ainda tentamos levá-los às piscinas cobertas, mas houve pouca aderência por parte dos idosos. (T4)

Nenhumas. (T5)

Constata-se que a única parceria que a Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor desenvolve é com o Centro Social e Paroquial S. Bartolomeu e não é a nível dos idosos, mas sim das crianças. Houve a tentativa de levar os idosos à piscina coberta e manter uma parceria com a Câmara Municipal de Vila Flor, mas como eles não aderiram, essa parceria nem chegou a ser feita.

Os idosos são recetivos às atividades propostas?

Alguns são, gostam de aprender e fazer coisas novas, outros nem vale a pena insistir com eles, não aderem. (T1)

Sim, [pensativo] sim são. (T2)

Não muito. (T3)

Não muito, infelizmente. (T4)

Como se pode verificar, a opinião dos técnicos relativamente à recetividade das atividades propostas é bastante negativa. A maioria dos idosos, não aderem muito às atividades proposta, só alguns.

2-Envelhecimento e velhice

Como caracteriza a população do concelho de Vila Flor?

Muito envelhecida. (T1)

(...) a população aqui do interior viveu essencialmente da agricultura, e passaram dificuldades, têm pouca escolaridade e viviam daquilo que a terra dava. Claro que se nota que o nível de escolaridade é muito baixo, mas isso não quer dizer que não haja pessoas que tenham histórias de vida válidas. (T2)

Envelhecida, as aldeias estão desertas, é só idosos, vivem sós. (T3)

Envelhecida, mas não tanto, para um concelho do interior. (T4)

Eu acho que é um concelho muito envelhecido, precisavam de olhar mais um pouco pelo idoso, existem aldeias que ainda não têm centro de dia, centros de convívio. Por exemplo, na minha aldeia não têm nada destas coisas e faz falta. **(T5)**

A população do concelho de Vila Flor é caracterizada pelos técnicos como sendo uma população bastante envelhecida. A maioria da população que vive nas aldeias são idosos, vivem sós. Viveram essencialmente da agricultura, são idosos com pouca escolaridade, passaram por bastantes dificuldades, no entanto são possuidores de histórias de vida muito válidas.

Como caracteriza os idosos da Instituição na sua generalidade?

Têm bastantes dificuldades a nível de mobilidade. São pessoas bastante reservadas, tímidas e não conseguem transmitir aquilo que verdadeiramente sentem. Sentem-se revoltados por estar aqui. São idosos bastante debilitados (...). Alguns são acolhidos sem grandes reformas, são acolhidos porque não têm ninguém. **(T1)**

É assim, por aquilo que me parece, na parte do meu trabalho, no que me toca a mim (...) eles muitas vezes também são preguiçosos (...) também já nem têm idade nem paciência para certo tipo de coisas. Poderiam ser um pouco mais participativos, mas pronto! São um bocado conflituosos uns com os outros (...) tinha a ideia que devido às dificuldades que passaram, estes idosos fossem mais compreensivos, e o que se verifica é o contrário (...) muitos já são bastante dependentes, não é o pior lar (...) se às vezes as atividades é para mexer com os braços, doem-lhes os braços se é com as pernas doem-lhes as pernas. **(T2)**

Temos várias pessoas com problemas mentais, normalmente quando vêm para aqui já vêm muito velhinhos. **(T3)**

Com uma idade muito avançada, com muita dependência, pessoas que quase na sua totalidade trabalharam no campo e foram donas de casa, com baixa escolaridade. **(T4)**

Alguns dos idosos acolhidos neste Lar são pessoas sem grandes reformas e vêm para aqui porque não têm ninguém que cuide deles. São pessoas reservadas, tímidas, solitárias, preguiçosos, idosos bastante debilitados, com problemas mentais. Queixam-se de tudo. Recorrem ao Lar já com uma idade bastante avançada.

Considera a velhice como uma etapa final da vida, ou uma fase de realização?

Uma fase de realização, eles têm mais tempo livre para poderem fazer o que gostam. É só ter vontade. **(T1)**

É assim, fase final é, também temos que chamar as coisas pelos nomes, agora podemos é fazer com que essa fase seja melhor, é por isso que nós aqui estamos, falo por mim e por todos os técnicos e funcionários que aqui estão (...) (T2)

Isso é complicado, se calhar para alguns idosos é uma fase final. (T3)

(...) [pensativa] se calhar não é ainda esta geração que vai sentir a velhice como uma fase de realização. Não é uma fase de realização, é uma fase final [triste]. Eles pensam e sentem isso. (T4)

Acho que é uma fase de realização. [interrompidas pela monitora de ATL] (T5)

A maioria dos técnicos entrevistados considera a velhice como uma etapa final, apesar de eles terem mais tempo livre. Segundo os técnicos, os idosos sentem e pensam assim. Só a técnica que trabalha com as crianças referiu que a velhice é uma fase de realização mas não explicou porquê, entretanto fomos interrompidas e depois perdeu-se o raciocínio.

Na sua opinião pensa que se devem educar desde cedo os mais novos para a problemática do envelhecimento?

Penso que sim, devido ao distanciamento das crianças relativamente aos idosos. (T1)

Sim, deve-se sempre preparar. (T2)

Eu acho que sim. Porque há crianças que não sabem respeitar o idoso. Isso é muito triste. E se a pessoa já vai educada para isso, vai ter respeito pela pessoa (...) (T3)

Claro que sim e está-se cada vez mais a verificar que [pensativa] as crianças são afastadas cada vez mais cedo dos idosos e algumas nem convivência têm com eles. Devem mentalizar-se e sentir que um dia vão ser idosos e que é importante a convivência, porque os idosos também têm algo a ensinar às crianças. (...) alguns nunca entraram num lar. [triste] (T4)

Acho que sim. (...) se forem educados para isso depois olham de outra maneira para o idoso. Existe muita falta de respeito com os idosos. Aqui fala-se e educa-se nessa problemática. (T5)

Devido à falta de respeito pela figura do idoso, ao afastamento e falta de convivência com o idoso, as crianças devem ser educadas desde cedo para a problemática do envelhecimento. É preciso mentalizar as crianças de que um dia vão ser idosos e que eles lhes podem ensinar coisas.

O que pensam que poderia ser melhorado para dar qualidade de vida e bem-estar aos idosos?

Penso que está tudo bem. (T1)

Modéstia à parte acredita que aqui esta instituição, (...) eu penso noutras realidades que conheço, e modéstia à parte é muito, muito positiva, esta instituição em muitos dos serviços que presta. Mas com certeza que haverá coisas a melhorar. (T2)

Poderia ser uma boa ideia a fisioterapia, de resto têm carinho, têm limpeza, têm comida, têm roupa lavadinha. Nada lhes falta. (T3)

Se calhar a fisioterapia. (T4)

Na opinião dos técnicos não existem grandes coisas a ser melhoradas. Consideram que esta instituição presta serviços de qualidade. Nada lhes falta a não ser a fisioterapia, têm carinho, limpeza, comida e roupa lavada.

3-Instituição

Como caracteriza esta instituição, enquanto Lar acolhedor/Jardim de Infância?

É um lar aseado com bastantes profissionais. (T1)

Olha, a nível de funcionários, posso dizer que o tratamento que é dado aos idosos é muito positivo. Muito bom mesmo. Se eles souberem aproveitar tudo aquilo que lhes é dado. (T2)

É bastante acolhedor (...) normalmente quem recebe os idosos no primeiro dia que vêm para aqui sou eu (encarregada geral) e uma enfermeira. Depois apresentam-se aos colegas e às funcionárias da casa. (T3)

É um lar que sabe acolher, tem um ambiente bastante familiar, com quarenta e alguns utentes ainda se conseguem conhecer todos. Há que melhorar um bocadinho com as auxiliares. Mas, no geral, é um bom lar. (T4)

É bastante acolhedora, aqui toda a gente se integra bem, temos feito o que podemos para satisfazer o gosto das crianças e dos pais. (T5)

Este Lar é caracterizado como sendo bastante acolhedor, normalmente quem recebe o utente no primeiro dia é a encarregada geral e uma enfermeira que depois os apresentam aos restantes utentes e às funcionárias. Tem um ambiente bastante familiar, apesar de considerarem que existem aspetos a ser melhorados com as funcionárias. Consideram que existe grande número de técnicos e que o Lar é bastante aseado. No geral, é um bom Lar.

Quanto ao Jardim-de-infância, também é considerado um local acolhedor, onde todos se procuram em agradar a pais e a crianças.

De que forma a instituição estimula a participação ativa dos idosos?

Através das atividades físicas com o João, e comigo através da pintura, das saídas ao exterior, etc... (T1)

Na organização das coisas, se não tivesse interesse nem sequer se preocupava (...) mesmo aquelas atividades que se realizam nas datas festivas e os passeios que se organizam custam dinheiro. Estamos num ano muito difícil e não se cortou em nada. (T2)

Através das atividades, dos passeios, da missa. (T3)

A participação ativa dos idosos nesta instituição é estimulada através das atividades físicas, da pintura, dos passeios ao exterior e da missa. A instituição tem preocupação e interesse em estimular a participação ativa dos utentes, apesar de este ser um ano de crise não cortou em nada. Foram comemoradas as datas festivas e feitos os passeios.

Qual a opinião sobre a satisfação das expetativas e necessidades dos idosos em relação ao Lar?

Preferiam estar com a família em suas casas. Queixam-se que os filhos não têm tempo para eles, têm de trabalhar, alguns emigraram. Então têm de vir para o Lar. No início custa-lhes, agora têm regras que anteriormente não tinham, têm hora para comer, (...) para tomar a medicação. Mas depois de estarem aqui gostam, sentem-se satisfeitos. (T1) (...) nós temos sempre aquela ideia de que ir para o Lar não é positivo, as expetativas que eles trazem sempre são “vão-me abandonar, vão-me deixar ali fechado” (...) é sempre uma coisa que os assusta. (T2)

Há pessoas que não fazem ideia do que é um lar. E depois de estar um dia ou dois eu acho que eles ficam admirados e começam a integrar-se. Um ou outro fica mais revoltado. [triste] (T3)

As expetativas que eles trazem quase sempre são negativas, [risos] eles ainda associam a palavra lar a asilo e depois ao chagarem e verem o funcionamento, as condições e tudo o resto, essas expetativas são superadas. Eles acabam por gostar de cá estar, não havendo alternativa, o Lar é bem aceite. (T4)

Verifica-se que os idosos ainda continuam a associar a palavra Lar a asilo, não havendo alternativa possível aceitam o Lar. Apesar de trazerem sempre expectativas negativas, depois de permanecerem no Lar um dia ou dois começam a integrar-se e as expectativas são superadas. Existe sempre um ou outro que não se adapta tão bem e fica revoltado. Preferiam estar com a família em suas casas. Recorrem ao Lar porque os filhos têm de trabalhar e alguns emigraram. Têm receio de ficar ali fechados e abandonados. Agora qui têm regras para comer, para tomar a medicação e antes não tinham, isso custa-lhes, mas depois habitua-se. Aos poucos vão-se adaptando.

Quanto ao clima interno no Lar. Qual a opinião acerca das relações interpessoais, canais de comunicação?

Temos 5 dedos na mão e nenhum é igual, cada pessoa tem o seu feitio. Mas a relação entre utentes, utentes e profissionais é boa. (T1)

São boas. (T2)

Funciona mais ou menos bem. É muita gente, mas não há problemas. (T3)

A comunicação é muito simples, não há tantas hierarquias para se fazer passar a informação. Por isso a comunicação é boa. (T4)

No que diz respeito ao clima interno do Lar e às relações interpessoais, canais de comunicação, este é simples sem grandes hierarquias. Não há grandes problemas.

4-Institucionalização

Qual a sua opinião sobre as razões que levam os idosos a serem institucionalizados?

Porque os familiares trabalham e não podem cuidar deles, muitos deles são viúvos (as) e sozinhos em casa não se sentem bem. Têm medo de ficar doentes e não ter ninguém para lhes deitar a mão. (T1)

Porque o marido ou a esposa morreu. Ficam sozinhos. Os filhos trabalham e não têm quem olhe por eles. (T2)

Porque já não os conseguem ter em casa. Já estou aqui há tantos anos e antigamente os idosos vinham para aqui mais válidos. Estavam aqui uns anos bons. Agora é diferente, já vêm mesmo acabadinhos, muito velhinhos [triste] (...) Porque começam a dar mais trabalho aos familiares e eles não têm tempo para cuidar deles. (T3)

Primeiro é a dependência, é difícil terem no domicílio condições devido à dependência que já apresentam, a família que deixa de ser a retaguarda deles por questões de trabalho e outras por razões de comodismo, não há espaço, desejo de acolher o idoso. (T4)

As razões pelas quais os idosos recorrem ao Lar são várias, desde terem medo e receio de estar sozinhos em casa, não ter quem cuide deles e a solidão. Os idosos recorrem ao Lar porque a família não pode cuidar deles, por questões de trabalho, e aqui no Lar devido à sua dependência podem ter uma tratamento adequado e mais acompanhado.

Quais as maiores dificuldades que eles sentem na integração da instituição?

Custa-lhes muito afastarem-se da família, filhos, netos, da sua localidade, da casa, dos objetos pessoais, dos amigos que deixam para trás, sabem que aqui vão ter uma vida completamente diferente. Há quem se isole e outros tentam conversar para passar melhor o tempo. (T1)

(...) estranham muito. É assim, eles não tinham regras e aqui têm (...) para comer, para ir para às atividades. Têm de viver com as regras que já estão institucionalizadas. (T2)

A maior dificuldade são os horários, as regras; não estavam habituados a ter regras e também o número de pessoas que reside no Lar. Em casa vivem poucas pessoas, ou com mais uma e aqui começam a viver com um maior número de pessoas desconhecidas, pessoas diferentes. (T4)

As maiores dificuldades sentidas pelos idosos na integração do lar são as regras, os horários e o número de pessoas desconhecidas com o qual agora passam a viver. Devido ao corte com a família (netos, filhos), casa, objetos pessoais, amigos e da sua localidade, alguns idosos isolam-se, outros tentam fazer amizades e conversar com outros utentes para melhor passar o tempo.

Qual a relação existente entre os idosos?

Podia ser melhor. Não aceitam muito bem as coisas. (T1)

Podia ser melhor. (T2)

Bem, às vezes têm aquelas chatices e birrices, mas passa logo. (T3)

Hummm, é assim, no geral dão-se bem. Existe um ou outro caso que devido à situação de demência de alguns idosos, perdem um pouco a paciência. Em algumas situações, devido ao fato de estarem ali 24 horas a conviver juntos, têm momentos que não se toleram muito uns aos outros. Depois também têm situações em que se ajudam uns aos outros. (T4)

A relação entre os idosos podia ser melhor, referem os técnicos, mas talvez devido ao fato de conviverem 24 horas uns com os outros não se toleram muito uns aos outros. Perdem a paciência. Têm as suas quezílias, mas também existem casos de idosos que se ajudam uns aos outros.

Pensa que a entrada do idoso no Lar acelerou ou não o processo de envelhecimento? Porquê?

Não, aqui têm médico, podem ser tratados. (T1)

Não. (...) eles aqui têm muito boas condições. (T2)

Eu acho que não. Aqui têm médico, têm enfermeira, dói-lhes a cabeça tomam um comprimido. Em casa não é assim, nem têm limpeza nem nada. (T3)

[pensativa] o nosso caso não. Há idosos que vêm (...) e tanto as famílias como nós achamos que a perspetiva dos anos de vida que estão para viver é reduzido e depois surpreendemo-nos e as pessoas ainda acabam por viver muito tempo. (T4)

Verifica-se que entrada do idoso no Lar não acelerou o seu processo de envelhecimento, antes pelo contrário. Tanto a família como os técnicos se surpreendem com alguns idosos dos quais se perspectivavam já poucos anos de vida e depois acabam por viver ainda muito tempo. No Lar têm muito boas condições, têm médico, enfermeira, medicação, podem ser tratados.

Quais as rotinas diárias do idoso nesta instituição?

De manhã têm a higiene pessoal, o pequeno-almoço e vão almoçar às 12h. Ao meio da tarde lancham e à noite, vão para a caminha. Durante a semana, às terças e sextas têm as atividades que desenvolvem com os animadores. (T1)

Num dia-a-dia normal, eles acordam de manhã por volta das 07:30, lavam-se, os que conseguem, os que não conseguem têm a higiene por parte das funcionárias, depois dirigem-se ao refeitório para tomar o pequeno-almoço, depois de tomarem o pequeno-almoço, se estou cá eu ou a Ana eles vêm para ao pé de nós, alguns vão dar um passeio; depois às 11:30 têm a missa, depois vão almoçar às 12:00. Depois de comer vêm para o salão, os que querem dormem uma sestina, veem televisão, depois, se nesse dia tiverem alguma atividade vão, se estiver eu ou a Ana ou a cabeleireira. Depois às 16:00 têm o lanche e se não tiverem mais nenhuma atividade estão no salão até que chega a hora do terço; depois têm o jantar, alguns deles veem um pouco de televisão e depois acabam por ir para a cama. Cada dia é um dia (pausa) não são todos iguais. (T2)

De manhã levantam-se, fazem a higiene diária, às 08h15 têm a oração, às 08h30 tomam o pequeno-almoço, depois os que querem ir passear e podem vão; às 11h30 têm a missa, almoçam às 12h00. De tarde veem televisão. Se vêm os animadores têm uma hora de atividades, às 16h00 é o lanche, depois têm o terço e jantam às 19h00. No verão, depois de jantar dão uma voltinha aqui no jardim e vem uma pessoa acompanhá-los. (T3)

De manhã levantam-se, fazem a higiene diária e tomam o pequeno-almoço. Naquele lar também está integrada a missa, depois almoçam. Alguns recebem visitas, depois têm o lanche. Nos dias das atividades fazem os trabalhos manuais ou a ginástica, têm o terço e o jantar. (T4)

Para além das atividades diárias indispensáveis, como a higiene e a alimentação, têm duas vezes por semana atividades que desenvolvem com os animadores. Essas atividades são às terças e sextas. De manhã têm os trabalhos manuais e à tarde a ginástica. Diariamente têm a missa e o terço, no restante tempo livre, alguns veem televisão, outros vão dar uma volta até ao jardim, outros estão com as visitas. E também têm uma vez por mês uma cabeleireira.

6-Relações Intergeracionais

Que preocupações tem a instituição para favorecer a cultura intergeracional, uma vez que trabalha com diferentes faixas etárias nomeadamente crianças e idosos?

Devia-se pensar mais nisso. Não tem muito. Mas também tem de partir de nós. (T1)

É assim, preocupações há sempre, mas se calhar, também, a culpa é nossa por não tomarmos a iniciativa. (T2)

Eu acho que sim. Por isso, eles (crianças) de vez em quando vêm aqui ao pé deles. Não têm é assim muita convivência. (T3)

As educadoras podiam trabalhar mais um bocadinho nisso. Se calhar, partir daí. (T4)

Nenhum. Nós pensamos é aqui. Alguém de lá tem que sugerir e depois juntarmo-nos [risos] (...) tem de partir de alguém superior. [levantar de sobancelhas] (T5)

Pelo que foi apurado através das entrevistas, verifica-se que os técnicos da instituição não têm muito a preocupação em favorecer uma cultura intergeracional. Apesar de as crianças por vezes irem ao Lar, não convivem muito com os idosos. Talvez, referem os técnicos, essa iniciativa tenha de partir deles ou dos membros superiores. Há quem refira que as próprias educadoras do infantário podiam trabalhar mais um bocadinho nisso, devia partir delas.

Na sua opinião, as relações intergeracionais são importantes? Porquê?

Porque se ensina e aprende-se, convive-se. (T1)

Sim. Como em tudo na vida nós precisamos de interagir uns com os outros. Da mesma forma que aprendemos com as pessoas mais velhas, também aprendemos com os mais novos. Por isso, acho que são importantes. (T2)

Eu acho que sim, porque os idosos quando estão ao pé das crianças sentem-se mais jovens. E riem-se para eles e tocam-lhe e falam-lhes. Sim, acho que sim, que eles se sentem muito bem. (T3)

São muito. As crianças têm sempre a aprender com alguém que já viveu tanto tempo. Os idosos quando estão com as crianças distraem-se, recordam, têm um comportamento diferente, bem... grande parte deles; há outros que não gostam. (T4)

Na óptica dos técnicos, as relações intergeracionais são importantes, ensina-se e aprende-se, convive-se. Os idosos sentem-se mais jovens, riem-se, falam-lhes, distraem-se, recordam. Sentem-se muito bem.

Na sua opinião a vossa instituição necessita de práticas intergeracionais?

Sim, claro que necessita. (T1)

Sim. Penso que precisa. (T2)

Sim. (T3)

Claro, sem dúvida. (T4)

A opinião é unânime. A instituição necessita de práticas intergeracionais.

Pensa que estas relações, contribuem para a satisfação e bem-estar dos idosos?

Contribuem para um envelhecimento ativo?

Sim. (T1)

Sim, porque se tu fores a ver, tudo que seja interação com outras pessoas é sempre positivo. (T2)

Sim. (T3)

Sim. (T4)

Todos concordam. As relações intergeracionais contribuem para a satisfação e bem-estar dos idosos. Contribuem para um envelhecimento ativo.

Na sua opinião, o corte das relações intergeracionais tem aumentado nos últimos anos? Será que se trata de uma crise de pessoas ou institucional?

Sim, também se calhar devido às alterações dos modos de vida que se vão alterando. (T1)

Acho que acima de tudo é das pessoas. Falam na crise económica, mas acho que a maior crise é a de valores. (T2)

Acho que sim. Antigamente era diferente, crescia-se, nascia-se e todas as pessoas estavam juntas. Agora é diferente, uma criança acaba de nascer e vai logo para o Infantário. Os pais andam sempre a fugir. Eu acho que as alterações nos modos de vida é que causam isso tudo. (T3)

Sim. Uma crise de pessoas, que é uma crise institucional, não de instituição, mas de família. A família já não tem a mesma conotação que tinha há uns anos atrás. Porque há largos anos atrás a pessoa idosa seria aquela que teria mais valor, seria mais respeitada, melhor cuidada e tinha mais valor. (T4)

Não sei. Eu acho que até convivem. (...) também não estou muito a par disso. (T5)

Verifica-se, então, que o corte nas relações intergeracionais tem aumentado nos últimos anos devido às alterações nos modos de vida familiar. As crianças mal acabam de nascer vão logo para o infantário, antigamente não, cresciam todos juntos no seio da família. A família hoje deixou de ter a mesma conotação que tinha há uns anos atrás. O idoso antigamente seria aquela pessoa que tinha mais valor na família, era respeitada, valorizada, hoje não é assim. Verifica-se, então, que se trata de uma crise de pessoas e de valores.

Que visitas costumam ter os idosos? Os filhos, netos, amigos, vizinhos, outros familiares, costumam fazer-lhes visitas?

Dos filhos, netos, amigos, vizinhos, irmãos. (T1)

Dos filhos, amigos, vizinhos. (T2)

Familiares, amigos, vizinhos. (T3)

Têm da família, nem todos, mas grande parte. Há um pequeno número que tem visitas assíduas, outros têm esporadicamente, em épocas mais festivas, outros não têm visitas, mas o que acontece é que as visitas de uns vão-se tornando as visitas dos outros. (T4)

Relativamente às visitas, constata-se que a maior parte dos utentes têm visitas de familiares, amigos e de vizinhos. As visitas de uns tornam-se as visitas daqueles utentes que poucas ou nenhuma vez as têm.

7-Animação Sociocultural e Animador

O que pensa do contributo da Animação Sociocultural no desenvolvimento social educativo e cultural dos utentes do Lar?

É uma forma de os manter ocupados, de os realizar. (T1)

Se fores a ver, é um momento em que eles estão ali todos no salão, há uma coisa com que eu fico super admirado (...) no momento em que eu entro aqui na sala e que eles estão aqui sentados vejo pessoas a cumprimentarem-se pela primeira vez no dia e eu entro aqui às 16 horas (...) aproxima bastante as pessoas. (T2)

Os idosos sentem-se mais realizados e convivem uns com os outros. (T3)

Muito importante. É uma forma de quebrar a rotina, passar tempo e manter o espírito e a mente em funcionamento. (T4)

A Animação Sociocultural é importante no sentido em que aproxima os utentes, é uma forma de os manter ocupados, de os realizar, de manter as suas capacidades mentais e espirituais em funcionamento. É muito importante.

Considera a animação sociocultural como uma forma de educação permanente ao longo da vida?

Claro que sim. (T1)

Claro que sim. Sem dúvida. (T2)

Sim. (T3)

Sim. Porque nós temos aí situações de utentes que estão sempre a aprender. Por exemplo, a situação do João passar os filmes, se calhar muitos deles nunca tinham visto televisão ou uma série. Vão fazendo coisas que nunca fizeram e aprendem a fazer. (T4)

Consta-te que, através da animação sociocultural, os utentes aprendem e fazem coisas que nunca tinham feito. Todos os técnicos consideram a animação sociocultural como uma forma de educação permanente ao longo da vida.

Qual o papel e as funções do animador sociocultural nesta Instituição?

Para além das atividades que realizamos, somos também amigos deles. (T1)

(...) o meu papel aqui, como o próprio nome indica, é fazer com que os dias deles se tornem mais, mais... ocupar o tempo livre da melhor forma (...) para além de ter o meu horário de atividades com eles, também sou o responsável pela gestão do site da entidade, da revista e também do relacionamento entre os estagiários. Informática e computadores é mais comigo. (T2)

É realizar as atividades, ocupar o tempo livre dos idosos. (T3)

Neste momento é importante, porque é mais um técnico com quem eles podem contar.

(T4)

O animador é considerado como uma figura importante, porque apesar de ser o técnico que realiza as atividades, é também um amigo dos idosos. O animador para além das suas atividades, desempenha também outras funções na instituição.

Considera o seu trabalho reconhecido, quer pelos idosos quer pela instituição?

Sim, eles estão sempre à espera que eu chegue. (T1)

Sim. (T2)

O trabalho do animador é reconhecido pelos idosos, verifica-se isso porque os utentes estão sempre à espera que ele chegue.

Que peso tem a opinião dos idosos na escolha das atividades e horários?

Tem algum. (T1)

Tem bastante. (T2)

Nenhum. (T3)

Leva-se em conta o que eles desejam, mas eles não dão muito a opinião. A não ser nalgumas saídas que alguns querem ir aqui ou ali, leva-se em conta. Ainda agora foi uma visita ao museu e só quiseram ir uns 10. Um bocadinho difícil colocá-los nalgumas atividades. (T4)

Relativamente a esta questão, os técnicos dividem-se um pouco. Não percebemos muito bem se realmente a opinião dos idosos relativamente à escolha e horários das atividades são efetivamente tidos em conta. Talvez isso se deva ao fato de eles não serem idosos que exprimam muito a sua opinião.

Qual a duração dessas atividades?

Comigo é uma manhã duas vezes por semana, às terças e sextas. (T1)

No máximo duas horas, duas vezes por semana da parte da tarde, às terças e sextas. (T2)

Duas horas. (T3)

A parte de educação física é duas horas, os trabalhos manuais é uma manhã. (T4)

Verifica-se que o animador não está a tempo inteiro no Lar. A duração das atividades varia conforme a mesma; pode ter a duração de duas horas ou de uma manhã. As atividades são sempre realizadas nos mesmos dias da semana, terças e sextas.

8-Animação Sociocultural na Terceira Idade.

Qual o objetivo da Animação Sociocultural para os idosos?

Ajudá-los a ocupar o tempo livre, a combater a solidão; não estão sós, mas no fundo sentem-se sós. (T1)

(...) é fazer com eles se sintam bem, estejam distraídos e que gostem daquilo que estão a fazer. (T2)

É fazer com eles se sintam bem, mantê-los ocupados. (T3)

Foi manter os idosos o mais ocupados possível. (T4)

A animação sociocultural para os idosos deste lar é precisamente uma forma de ocupar o tempo livre, combater a solidão, mantê-los distraídos.

9-Futuro da Instituição

Quais os grandes objetivos face às novas realidades sociais, familiares etc... desta instituição em relação aos idosos?

(...) temos que nos ir ajustando mediante a população que temos. Daqui a 10 anos começamos a ter uma população com outro nível, que já não vive tanto da agricultura, que já não tem um nível de escolaridade tão baixa. (T2)

Eles estarem bem, sentirem-se bem e nós darmos o melhor que podemos e que temos. (T3)

É conseguir manter os equipamentos que estão em funcionamento, conseguir melhorar a qualidade que já existe e conseguir ter capacidade para situações mais complicadas que aparecem na parte dos idosos, visto ser a nossa maior faixa (...). Cada vez é mais complicado, devido aos cortes nas ajudas, à falta de emprego, famílias que estão sem emprego. (T4)

Trabalhar mais. (T5)

Futuramente os objetivos desta instituição e dos técnicos entrevistados será o de se adaptarem e adequarem às novas realidades que surgirão, como por exemplo, o surgimento de idosos mais escolarizados. Passa também por manter e melhorar a qualidade dos equipamentos e por ter capacidade para resolver situações mais complicadas de alguns idosos.

Pensa que seria útil realizar atividades de cariz intergeracional na instituição?

Sim. Quantas mais melhor. (T1)

Sim. É sempre útil, é bom. É importante para eles. Eles têm coisas para aprender, para dizer, para falar. (T2)

Sim, até só pela alegria que as crianças causam nos idosos. (T3)

Sim. (T4)

Eu acho que sim. Coisas novas é ótimo. Os mais novos aprendem com os mais velhos e os mais velhos aprendem com os mais novos. (...) toda a gente aprende uns com os outros. (...) também já tivemos aqui encontros com avós, alguns vinham contar histórias. (...) de alguém que mande é que têm de partir essas coisas. (T5)

Todos os técnicos entrevistados responderam, imediatamente, de forma afirmativa. Estes referem que os idosos têm coisas para ensinar e para aprender. Seria útil realizar atividades de cariz intergeracional na instituição, mesmo que fosse só pela alegria que as crianças causam nos idosos. Uns dizem que a iniciativa tem de partir dos superiores, outros das educadoras. Estão à espera uns dos outros.

2-Histórias de Vida

2.1-Vida no Passado

Na tabela seguinte (tabela3) são apresentados os dados sociodemográficos que dizem respeito aos utentes entrevistados.

Tabela 3- Perfil Sociodemográfico dos idosos entrevistados

Perfil sociodemográfico								
Sujeitos	Género	Idade	Naturalidade	Estado Civil	Habilitações	Profissão	Nº de Filhos	Anos na instituição
U1	Feminino	82 anos	Róios- Vila Flor	Viúva	Não estudou	Doméstica e agricultora	3 filhos	5 anos
U2	Masculino	85 anos	Vila Flor	Viúvo	4ª classe	Pedreiro	2 filhos	3 anos
U3	Feminino	85 anos	Moncorvo	Viúva	Não estudou	Empregada doméstica	8 filhos	5 anos

Como era a sua vida no passado?

Foi uma vida cheia de trabalho, desde pequenina. Foi uma vida dura. [risos de nervos] (U1)

Trabalhava nas pedreiras. Cavei muito, lavrei muito com burros e bestas. [expressão de tristeza, mágoa] (U2)

Trabalhava. Limpava casas, lavava roupa para fora, passava roupa, [pensativa e triste] tudo. (U3)

A vida dos idosos entrevistados foi uma vida dura, cheia de trabalho, começaram a trabalhar desde muito novos.

Você que estudos tem?

U1- [muitos risos] O meu pai e a minha mãe “Deus lhes perdoe”, queriam que eu fosse à escola, era ali perto da casa deles. O meu pai ia embora com a carroça para os terrenos agrícolas e eu ia lá ter. A minha mãe e o meu pai dizem, eu quero que vás à escola, que aprendas a ler.

E eu dizia-lhes, mas eu não quero, não quero estudar. Não quero ir à escola. [voz alta].

Agora estou arrependida [triste]. Tinha sete anos e já andava por lá no campo, com o sacho na mão. [cabeça baixa] (U1)

Então não estudei, fiz a 3ª classe e depois de adulto fiz a 4ª classe. Tirei a carta de motorista. (U2)

Não estudei, a minha mãe morreu, fiquei aos 7 anos sem ela. [triste] (U3)

Tanto a U1 como a U3 não estudaram. Em relação à U1 não estudou porque não quis, os pais queriam que ela fosse à escola, mas ela preferia ir com o pai para os terrenos agrícolas. Hoje está arrependida e tem muita pena de não ter ido à escola. Em relação à U3, também nunca frequentou a escola, refere que a mãe morreu, tinha ela 7 anos. Já o U2 fez a 4ª classe.

Quais as recordações que tem dos seus pais e avós?

(...) Os meus avós já morreram há muitos anos. (U1)

Não conheci avós nem avôs. Nem de um lado, nem do outro. Não conheci. Nunca os vi [chateado, aborrecido]. Quando casei os meus avós já tinham morrido. (U2)

Os meus avós, nem os conheci. (U3)

Nenhum dos idosos entrevistados conheceu os seus avós e dizem-no com alguma mágoa.

2.2-Envelhecimento e velhice

Como encara o seu processo de envelhecimento?

Era bom quando estava em Róios em minha casa e na casa dos meus filhos, que ainda lá estive um tempo. Aqui há gente muito mal-educada. [em tom de voz baixo] (U1)

Olhe, nascemos, crescemos e envelhecemos. É normal. Claro que ninguém gosta de envelhecer. [triste] (U2)

Tem sido normal [encolher de ombros] (...) foi sempre a trabalhar. [triste] (U3)

Referindo-se ao processo de envelhecimento a U1 responde que era bom quando estava em sua casa e na casa dos filhos. Já o U2 encara com normalidade o seu processo de envelhecimento, apesar de se verificar alguma tristeza no rosto dele. A U3 refere com alguma tristeza que a sua vida foi sempre a trabalhar e encara também com normalidade o seu processo de envelhecimento.

2.3-Motivos da Institucionalização

Porque é que está aqui no Lar?

O meu Mário trabalha nas obras, tem 3 ou 4 pessoas a trabalhar com ele; o meu Júlio também trabalha com ele; a minha Cidália tem um supermercado e a minha Rosa trabalha na Santa Casa. (U1)

Tinha medo de estar em casa sozinha, os filhos trabalham, depois vinham e ainda iam trabalhar nas hortas. Não tinham tempo. Quantas vezes ficava eu sozinha em casa de cada um, e depois eles só vinham à noite. [triste] (U1)

Porque estava sozinho em casa. (U2)

Porque me encontrei doente e depois foi para não estar sozinha... [triste] (U3)

O motivo pelo qual estes idosos procuraram o Lar é essencialmente a solidão, sozinhos em casa não se sentem bem, os filhos trabalham, têm as suas vidas e não têm tempo para cuidar dos pais.

Foi uma opção própria?

Foram os filhos que me disseram para vir para cá. [triste, risos de nervos] Eu disse-lhes que sim, mas hoje estou bem arrependida. Os três filhos é que disseram para eu vir para aqui, é que trataram de tudo. (U1)

Tenho 2 filhos. Um está em Lisboa e outro está aqui, é mecânico na Câmara de Vila Flor. A mulher trabalha todo o dia aqui no Lar e eu estava lá sozinho, a fazer o quê? [pensativo] ah vim para aqui [triste] (...) Eu vim para aqui de livre vontade, a minha nora trabalha aqui, já há uns anos e ela não podia olhar por mim. (U2)

Sim. Fui eu que decidi vir para aqui. (U3)

Tanto o U2 como o U3 foram para o Lar por opção própria. Já a U1 foi para o Lar por sugestão dos filhos, aliás eles é que trataram do processo todo, situação da qual hoje se arrepende.

Quais os seus meios de sobrevivência?

É a minha reforma (...) antes vendíamos muito cereal, batata... (U1)

Sou reformado da direção de estradas, porque andei lá 34 anos com camiões (...).

Receber... [admirado] já há 3 anos que não a vejo. São 630 euros, vêm para aqui direitinhos, para o Lar. Nunca mais vi um tostão. Só me deram 20 euros no Natal passado. Mas uma coisa é certa, eu tenho sempre um dinheirito que os filhos vão dando (...) já estou aqui há 3 anos e ainda não gastei 20 euros. (U2)

A reforma vem para aqui toda. (U3)

Todos os utentes têm como meio de sobrevivência a reforma que é utilizada para pagar a prestação do Lar. Inclusive o U2 referiu que, às vezes, são os filhos que lhe dão algum dinheiro. Antes de ir para o Lar, a U2, vendia cereal e batatas e sobrevivia também com a ajuda dessas vendas.

2.4-Integração

Foi fácil ou difícil integrar-se aqui no Lar?

Eles trouxeram-me para aqui e cá fiquei. Em casa da Rosa é que estava bem. (casa da filha) (U1)

Toda a minha vida me integrei bem. Para onde ia dava-me bem. (U2)

Graças a Deus, foi sim. (U3)

O U2 e a U3 afirmam que a integração no Lar foi boa. A U1, não tem uma opinião positiva nem negativa, apenas refere que a levaram para o Lar e lá ficou, refere ainda que em casa da filha é que estava bem.

Hoje como descreve o seu relacionamento com os restantes idosos?

(...) Sou muito nervosa. (U1)

Dou-me bem com todos. (U2)

Dou-me bem com todos, não me dou mal com nenhum (...) não tenho queixa de ninguém. (U3)

Relativamente à relação existente entre os idosos do Lar o U2 e a U3 referem que se dão bem com todos. A U1 refere que é muito nervosa, o que por vezes a leva a isolar-se.

Gosta de estar aqui?

[risos de nervos] Aqui há gente muito mal-educada, [tom de voz baixo] aqui não falta comida, as empregadas são boas. [triste, tom de voz baixo] (U1)

Ah que remédio tenho se não gostar. Saio daqui, para onde vou? Para outro **sítio** ainda pior! (U2) **E se tivesse outra opção?** Não sei. Porque eu aqui estou bem [pensativo]. Ninguém me trata mal, como, durmo e bebo (...) (U2)

Quanto às respostas dadas a esta questão verifica-se que, não havendo outra opção, gostam de estar aqui. Pela resposta da U1 depreende-se que ela não gosta de estar aqui porque há gente muito mal-educada, de resto gosta das empregadas e da comida.

2.5-Relações Familiares

A sua família era numerosa, era daquelas onde viviam pais, avós, tios, primos, etc?

Era e o povo todo. (U1)

Eramos 6. Agora só já somos 2. (U2)

Tive nove filhos, um morreu, tenho quatro rapazes e quatro raparigas (...) agora é um ou dois. (...) O meu Vítor tem uma filha, o meu Carlos tem uma filha, uma cada um. Antigamente havia muita gente, eram muito grandes as famílias. (U3)

Constata-se que as famílias, antigamente, eram mais numerosa que hoje. O U2 refere que antes eram 6, mas agora só já são dois. Também a U3 refere que teve 9 filhos e que agora os casais têm só um ou dois filhos. Antigamente, havia mais gente.

Costumam fazer-lhe visitas os seus filhos e os seus netos?

(...) Aos domingos vêm todos visitar-me. A minha Rosa vem cá todos os domingos, depois ainda vai para os prédios trabalhar. (...) Às vezes, poucas vezes. Cá netos pequenos, não tenho nenhum. Já são todos grandes. (U1)

Pouco, [pausa] um que esteve em Lisboa veio para cá agora há pouco tempo, passa-se meses que não poe cá os pés [triste] (...) A minha pequena dor é essa [silêncio]. (...) Os meus netos são casados (...) esses, esses nunca cá vieram. Os meus filhos às vezes vêm cá, mas as noras não. (U2)

Não, não costumam, eu vou lá a casa deles. Uma está aqui pertinho, os outros também. (...) Vou lá eu ao pé deles. (...) Converso com eles e como lá e tudo. (...) (U3)

Dos idosos entrevistados, todos referem que têm a visita dos seus filhos. A U1 relativamente aos netos, refere que eles não lhe fazem visitas porque não estão cá. O U2 refere que as visitas dos filhos não são tantas quantas ele desejaria, quanto aos netos,

nunca o visitaram, nem as noras, o que o deixa bastante triste. A U3 sempre que lhe apetece vai visitar os filhos e os netos, moram próximos do Lar.

2.6-Animação Sociocultural

Consideram importantes as atividades que realizam com o/a Animador(a) Sociocultural? Porquê?

Sim, mas no início vinha mais. (...) (U1)

Sim. (U2)

Sim (...) Ajudam a ocupar o tempo e a passar-se melhor. (U3)

Todas as respostas a esta questão foram afirmativas. Todos estes utentes consideram as atividades que realizam com o/a animador(a) importantes. Referem que ajudam a passar o tempo.

Quais as dificuldades sentidas na realização das atividades?

(...) agora não vejo muito bem, chora-me muito a vista. (U1)

Não tenho dificuldades nenhuma. (U2)

Não tenho muitas dificuldades. (U3)

A U1 sente algumas dificuldades na realização das atividades, tem dificuldades visuais. O U2 não sente dificuldades nenhuma. A U3 também refere que faz as atividades sem grandes dificuldades.

2.7-Animador Sociocultural

Quais são as atividades diárias que gosta mais de fazer?

Pintar uma coisa qualquer. E ela até me diz que eu pinto muito bem. (...) [muitos Risos]. Gosto muito da missinha. (U1)

Gosto de tudo. Aqui há de tudo (...) Da que gosto mais é da missa pronto. (...) Eu fui dono da igreja 36 anos. Eu é que abria as portas, fechava, os sinos cá ninguém os sabia tocar a não ser eu. Subi lá mais de mil vezes, tocava nos funerais, na missa. Fui eu que gravei as músicas no órgão, agora é só carregar num botão. (U2)

Eu gosto de todas. (U3)

Das atividades realizadas na instituição a U1 gosta de pintar e da missa. O U2 diz que gosta da missa e até tomou conta da Igreja Matriz de Vila Flor vários anos. A U3 gosta de todas, não referindo nenhuma como sua preferida.

2.8-Instituição

Gosta de estar aqui ou preferia estar em sua casa?

Gostava mais de estar em Róios, em minha casa [triste]. Mas também uma pessoa sozinha não está bem. Uma que era de Carvalhais casou lá em Roios com um tio do meu marido. Depois ele morreu, já era velho; ela casou 3 vezes. Ia comer ao centro de dia, às 16:30 ia para casa. Tinha uma filha lá em Roios e ela foi ver ao centro de dia se a mãe lá estava, porque ela faltou, (...) iam sempre por casa da filha, mas naquele dia não passou lá. (...) a filha foi lá a casa, e foi dar com ela morta debaixo da cama. É por isso que uma pessoa sozinha, de noite, não está bem [triste]. Depois a gente na televisão ouve falar em muitos ladrões, em muitos roubos. (U1)

Não sei. Porque eu aqui estou bem [pensativo]. Ninguém me trata mal, como, durmo e bebo. Se fosse para ao pé deles... tenho lá uma casa com quatro quartos, todos mobilados, cada um com televisão. (U2)

Eu gosto sim. Quando a minha filha vem da Suíça, vou para lá uma semana. (U3)

O U2 e a U3 referem que gostam de estar no Lar. A U3 nem sempre está no Lar, quando os filhos vêm de férias vai passar uns dias a casa deles. A U1 está aqui no Lar porque não tem alternativa, o que ela gostava mesmo era de estar em sua casa, mas tem medo de morrer lá sozinha ou ser assaltada.

Concorda com os horários e as regras da instituição?

Sim facilita. (U1)

Estão bem, para mim concordo sempre. (U2)

Está tudo bem [movimento como braço]. (U3)

Os utentes estão de pleno acordo com os horários e regras da instituição. Referem que estão bem, concordam.

2.9-Expetativas

-Futuramente que atividades gostava de realizar aqui no Lar?

Não sei. Vejo televisão. (U1)

Não sei. (U2)

Não sei. (U3)

Os idosos não referiram nenhuma atividade que futuramente gostassem de realizar.

Gostava de realizar atividades em conjunto com as crianças do infantário?

Gostava de ver as criancinhas e de estar com elas. A minha Marlene (neta) trabalha lá.

(U1)

Sim gostava. (...). (...) É a coisa que mais adoro no mundo, são as crianças [sorriso grande]. Não há coisa no mundo melhor para mim, seja a criança que for. Estou sempre à espera que na televisão passe uma criancita (...) Eu fico muito, muito, muito feliz. (...) Eu tenho um bisneto e uma bisneta ainda pequenos. (U2)

Gostava muito. (U3)

Os idosos entrevistados mostram vontade e interesse em realizar atividades com as crianças do infantário. O U2 até referiu que está sempre à espera de ver uma criancinha na televisão, fica muito feliz com elas.

Tem interesse em aprender coisas novas?

Eu nem ensino nem aprendo. Eu estou calada, não digo nada (...) Eu sei lá. Não sei ler. (...) Para quê? Agora de velha aprender! Agora não quero. [risos] (U1)

O interesse é e não é, agora já estou de uma certa idade, já não me interessa o saber muito. Mas a gente gosta sempre de aprender. (U2)

Já tenho muita idade. Mas estamos sempre a aprender. (U3)

Relativamente ao interesse em aprender coisas novas, a U1 refere com alguma tristeza que não sabe ler e que agora de velha não quer aprender nem ensinar. O U2 também refere o mesmo, mas com alguma vontade de aprender. O U3 diz que já tem muita idade, parece querer dizer que já não vale a pena, mas afirmando que estamos sempre a aprender.

Da população visada neste projeto de investigação a amostra constitui-se por três utentes do Lar Nossa Senhora da Lapa, pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor. Este lar conta com 44 idosos, na sua maioria do sexo feminino. Grande parte dos utentes deste lar é proveniente do concelho de Vila Flor e da própria vila. Na sua maioria trabalhavam na agricultura e são pessoas com pouca ou nenhuma formação, daí as suas reformas serem pequenas. Pessoas com histórias de vida marcadas pelo trabalho árduo no campo. A maioria dos idosos são viúvos (as), são pessoas muito dependentes, mas também existem alguns autónomos. São pessoas que se isolam, convivem pouco uns com os outros, sentem-se desmotivados, desinteressados, talvez um pouco magoados com a família e com a vida que tiveram. Os restantes elementos da amostra foram os técnicos.

3-Plano de intervenção-Animação Sociocultural

“Diz-me o teu segredo que dir-te-ei o meu”

“Ó avô como é grande a tua orelha! É para te ouvir melhor, meu netinho”.

(Clement/Jerrican,apud Levet, 1998:76)

Proposta de ação:

De mãos dadas!

(...)

*Sofremos não porque envelhecemos,
mas porque o futuro está sendo
confiscado de nós,
impedindo assim que mil aventuras
nos aconteçam,
todas aquelas com as quais sonhamos e
nunca chegamos a experimentar.*

(...)

*A cada dia que vivo,
mais me convenço de que o
desperdício da vida
está no amor que não damos,
nas forças que não usamos,
na prudência egoísta que nada arrisca,
e que, esquivando-se do
sofrimento,
perdemos também a felicidade.
A dor é inevitável.
O sofrimento é opcional...*

Carlos Drumond de Andrade (apud Souza *et al.*,2006:2)

3.1-Introdução

O Mundo está a envelhecer. A mutação da sociedade acontece rápida e paralelamente, ao envelhecimento demográfico.

Estando conscientes das mudanças que estão a ocorrer na sociedade (alterações demográficas, sociais) e que levam à crescente institucionalização de idosos e crianças, tornando-se imperativo ter em atenção as atuais e futuras relações entre gerações.

É urgente implementar nas instituições de Terceira Idade programas de Animação Sociocultural que intervenham nos âmbitos cultural, social e educativo, devendo abranger a infância, a juventude, os adultos e as pessoas idosas. Criar programas onde as diferentes gerações convivam. Como meio de transformação social, a animação sociocultural parece-nos ser uma das metodologias mais adequada para, de forma lúdica e pedagógica, proporcionar aos idosos desta instituição uma participação mais ativa no seu dia-a-dia. Este projeto faz todo o sentido, uma vez que a convivência entre as gerações é cada vez mais reduzida, mas não tem de o ser, dado que este Lar goza do privilégio de ter muito próximo um Jardim-de-Infância.

A este respeito Hatton-Yeo (2009) diz-nos que as práticas de ensino e aprendizagem intergeracionais podem contribuir para um equilíbrio das disparidades e fazer ultrapassar a segregação social, promovendo uma maior capacidade de compreensão e respeito entre as gerações, permitindo o desenvolvimento de sociedades inclusivas.

A pertinência desta proposta de intervenção deve-se ao fato de, na instituição em estudo, os idosos passarem a maior parte do seu tempo a ver televisão, sentados nos bancos dos corredores, dispondo de muito tempo livre, o que lhes provoca sentimentos de inutilidade e de tristeza.

Através das relações intergeracionais, poder-se-á contribuir para a renovação de opiniões negativas acerca da pessoa idosa. Cria-se oportunidade de conviver, partilhar, adquirir saberes e experiências.

Os programas intergeracionais podem constituir uma interessante e exigente estratégia de intervenção sociocultural.

O Animador Sociocultural, como profissional e membro da equipa interdisciplinar e multidisciplinar da instituição, pode, através de atividades de Animação Sociocultural, contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos idosos

institucionalizados. Urge, assim, fortalecer as relações solidárias entre gerações, fortalecendo a coesão social para que exista uma sociedade para todas as idades.

Segundo Serrano (2008:13) *“Não nos podemos esquecer de que a realidade é melhorada não por fazer muito, mas por se planear uma acção significativa que propicie de forma óptima a mudança e a melhoria dessa realidade”*.

3.2-Conceção e desenho do projeto

Segundo Ander-Egg, citado por Serrano (2008:19) *” A elaboração de um projecto consiste essencialmente em organizar um conjunto de acções e actividades a realizar que implicam o uso e aplicação de recursos humanos, financeiros e técnicos, numa determinada área ou sector, com o fim de alcançar certas metas ou objectivos.”*

Tendo em conta Hatton-Yeo (2009:20) é necessário seguir estes oito Princípios Básicos quando se adota uma abordagem intergeracional:

- 1- Com benefícios mútuos e recíprocos: o princípio no qual se baseiam as Práticas Intergeracionais é o de que todas as gerações de participantes auferem de benefícios. Se trabalharem juntos, os dois grupos asseguram que saberes tradicionais importantes são asseguradas para as futuras gerações.
- 2- Participadas: Para que os projetos tenham sucesso é necessário que se baseiem nas aspirações das gerações participantes, que os participantes estejam totalmente envolvidos na construção do programa e experienciem um sentido de pertença e poder.
- 3- Baseadas em mais-valias: As práticas intergeracionais estão assentes em mais-valias. Trabalha com as gerações para ajudá-las a encontrar as suas forças e depois construir o sucesso assente nos princípios de compreensão e o respeito mútuo.
- 4- Bem planeadas: através destas práticas tenta-se refletir e criar mudanças positivas. Como em qualquer outro projeto, o princípio para um ótimo programa, é o planeamento.
- 5- Fundada em bases culturais: visto que as necessidades, contexto e atitudes das pessoas são muito diferentes, não é possível que os programas possam atuar em todos os cenários, também devido à diversidade e riqueza cultural que existe.
- 6- Reforçam laços na comunidade e promovem uma cidadania ativa: através destas Práticas Intergeracionais promove-se a ligação positiva das pessoas, através das gerações, com cada um e com aqueles que a rodeiam. Constroem-se laços entre as pessoas.

7- Desafiam a Gerontofobia: através das Práticas Intergeracionais as pessoas encontram-se umas com as outras, exploram e trabalham juntas, redescobrem-se a si próprias e o que têm a ganhar por estarem mais envolvidas com as outras gerações. Isto porque na Europa, jovens e idosos são vítimas de preconceitos relacionados com a idade, em diversos graus.

São interdisciplinares: através destas Práticas Intergeracionais, os profissionais alargam as suas experiências, para desta forma trabalharem de forma mais inclusiva e envolverem-se mais com o trabalho dos outros grupos, capacitando-os a pensar de modo mais amplo, sobre como desenvolvem o seu trabalho.

Para Espinoza Vergara, citado por Serrano (2008:23), *“a formulação do projecto consiste na identificação precisa do mesmo, especificando os seus objectivos, metas, calendário de execução e recursos”*.

3.3-Diagnóstico

Depois de finalizado o estudo, verificou-se que apesar de o Jardim de Infância se localizar a 1 minuto deste lar, na instituição não existe a preocupação de promover práticas educativas entre gerações.

Na instituição as atividades que são realizadas com os idosos incluem trabalhos manuais, atividades físicas, passeios, excursões nas quais os idosos são pouco participativos, o que contribui para um estado de desânimo.

Perante esta situação, sugerimos que ao longo do ano a instituição em causa inclua no seu calendário de atividades programas educativos intergeracionais no contexto da Animação Sociocultural, para desta forma permitir que o idoso aprenda e ensine, para combater os momentos de solidão e de apatia, aumentando, assim, as suas relações sociais, a auto-estima e o sorriso.

A nossa perceção fundamenta-se nas entrevistas realizadas a técnicos e aos idosos. Os dados recolhidos revelaram que existe um potencial propenso à mudança, só falta tomar a iniciativa.

3.4-Análise Swot

-Pontos Fortes:

- Infra-estruturas de qualidade;
- Técnicos qualificados;
- Não procura lucro financeiro;
- Localização do Lar;
- Várias valências;
- Proximidade com o Infantário.

-Pontos Fracos:

- Preconceitos e estereótipos;
- Dependência dos utentes;
- Falta de um diálogo interdisciplinar entre os técnicos;
- Horários;
- Não existência de parcerias.

-Ameaças:

- Falta de motivação dos idosos;
- Não formalização de parcerias;
- Falta de apoios financeiros.

-Oportunidades:

- Não existe concorrência;
- História e património cultural e artístico de Vila Flor;
- Acessibilidades.

3.5-Estabelecer prioridades

Este projeto de animação sociocultural é orientado para uma consciencialização do qual é importante a convivência entre as gerações mais novas e os idosos. É orientado para a consciencialização, por parte dos idosos, da sua própria realidade, dando-lhes a opção de a melhorar, dinamizando o seu ambiente e implicando-os na ação. As prioridades resumem-se a estes termos:

- Consciencialização: despelotar a tomada de consciência e a atitude crítica face à sua realidade e às possibilidades de a melhorar;
- Participação: escolha e realização das atividades;
- Estimulação: potenciar que se sintam capazes, conseguir o seu desenvolvimento pessoal, diminuindo assim atitudes mais passivas;
- Integração: erradicar sentimentos de marginalização social, tornando-os protagonistas dos seus interesses;
- Envolvimento: das pessoas que trabalham com eles neste projeto de animação sociocultural, criando um trabalho em equipa.

3.6-Fundamentação do projeto

A origem deste projeto fundamenta-se com a necessidade de oferecer uma alternativa viável e válida aos utentes do Lar Nossa Senhora da Lapa, melhorando assim a sua qualidade de vida, mediante um projeto de Animação Sociocultural, possibilitando uma transformação social.

3.7-Projeto

Este projeto afeta as pessoas da chamada terceira idade do Lar Nossa Senhora da Lapa, situa-se na Rua da Paz e pertence à Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor. O Lar tem capacidade para 44 utentes.

3.8- A população- alvo

Através dos dados recolhidos acerca dos idosos deste lar, salientam-se algumas características mais relevantes:

-Média de idades elevada;

-Predomínio de participantes do sexo feminino;

-Muito católico- praticantes;

-Baixo nível socioeducativo e económico;

-Pouca ou nenhuma escolaridade;

-Dificuldades locomotoras, auditivas, visuais, deterioração intelectual;

-Tendência para estados depressivos, isolamento, solidão, falta de solidariedade e companheirismo entre idosos;

-Baixo nível de auto-estima;

-Expressam sentimentos de inutilidade;

-Mantêm escassas relações sociais;

-Falta de motivação.

3.9-Recurso Humanos

Os recursos humanos existentes consideram-se suficientes, sendo eles os seguintes:

Recursos humanos do Lar Nossa Senhora da Lapa Existentes: <ul style="list-style-type: none">-Quatro voluntárias (religiosas);-Uma cozinheira;-Uma encarregada de setor;-Dezoito auxiliares de serviços gerais;-Uma operadora de lavanderia;-Uma cabeleireira;-Uma dietista;-Um animador nível III;-Uma educadora socioprofissional;-Um padre;-Uma enfermeira;-Um médico;-Uma psicóloga.	Recursos humanos do Infantário Flor de Liz Existentes: <ul style="list-style-type: none">-Quatro educadoras de infância;-Uma professora primária;-Uma cozinheira;-Uma auxiliar de ação educativa;-Sete auxiliares de serviços gerais;-Um professor de música;-Um professor de educação física;-Uma professora de inglês;-Uma professora de ballet.
---	--

3.10-Recursos materiais

As instalações podem considerar-se suficientes. Prevê-se a aquisição de novo material.

3.11-Parcerias

Para a implementação deste projeto é importante que se realizem parcerias. Podem ser com:

- Jardim de infância Flor de Liz;
- Município de Vila Flor;
- Escola EB 2,3/S de Vila Flor;

- Junta de Freguesia de Vila Flor;
- Bombeiros;
- Centro de Saúde de Vila Flor;
- Associações e grupos recreativos de Vila Flor e do concelho.

3.12-Planificação

A planificação baseia-se em áreas prioritárias nas quais se pretende intervir:

- Sociocultural:** com o objetivo de fomentar a participação direta dos idosos, potenciar que assumam um papel ativo e protagonista, potenciar as suas necessidades culturais;
- Formativo e educativo:** motivar os idosos para adquirirem e atualizarem conhecimentos num quadro de educação permanente;
- Intergeracional:** Fomentar o convívio entre idosos e crianças, partilha de saberes, experiências, valores;
- Recreativa:** reduzir o tempo livre.

3.13-Objetivos gerais do projeto

- Integrar este projeto de Animação Sociocultural na vida do Lar Nossa Senhora da Lapa e Jardim de Infância Flor de Liz.
- Cumprir a missão de uma educação permanente que ajude ao bem estar-estar físico e mental dos idosos;
- Sensibilizar e contribuir para o alargamento dos horizontes de todos os profissionais que lidam mais diretamente com os idosos, com o objetivo de transformar o dia-a-dia destes mais feliz.

3.14-Objetivos específicos

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Recuperação de tradições e culturas locais, através das vivências e conhecimentos dos idosos;
- Valorizar as capacidades mentais e físicas dos idosos;
- Promover novas descobertas;
- Promover a socialização de diferentes faixas etárias;

- Valorizar a aprendizagem e formação ao longo da vida;
- Melhorar o bem-estar e saúde dos idosos;
- Fomentar parcerias;
- Estimular e nutrir solidariedade entre idosos e crianças;
- Melhorar a construção do relacionamento entre gerações e incentivando o respeito e tolerância;
- Encorajar as relações intergeracionais fora da rede familiar.

3.15-Descrição das atividades

Para Serrano (2008) no campo da animação sociocultural podem ser realizadas várias atividades e estas podem ser classificadas em cinco grandes categorias, que incluem uma grande diversidade de ações socioeducativas e culturais.

Citando Espinoza (1990:149), *“A atividade é o conjunto de operações ou tarefas próprias de uma pessoa ou instituição. Dentro da programação refere-se mais especificamente a uma unidade de trabalho que despende tempo na sua realização”*.

Ander- Egg (1999) enumera então um conjunto de modalidades que passam por ser propostas possíveis de atividades a realizar, sendo elas:

ATIVIDADES

1-Formação

-Oficinas

- Oficina de restauro: restaurar quadros, móveis, santos.
- Oficina do livro: construção de um livro.
- Oficina de reciclagem: transformar e reutilizar.

-Cursos

- Curso de bordados.
- Curso de doçaria tradicional.
- Curso de informática: ensinar a escrever no Word, a navegar na internet e nas redes sociais. Fomentar o contato com familiares, principalmente com os mais novos.
- Curso de música: ensinar a tocar um instrumento musical.
- Curso de fotografia digital.

-Seminários:

-A importância das relações intergeracionais na promoção de um envelhecimento ativo.

-A importância da solidariedade entre gerações.

-Musicoterapia e Terceira idade.

-O papel dos idosos na sociedade atual.

-Palestras

Ações de sensibilização:

-Alertar para os afetos e a solidão na Terceira Idade: “Quando voltas a fazer-me uma visita, continuo à tua espera!”

-Prevenção de quedas no idoso e fatores associados.

-O envelhecimento e a atividade física.

-Ateliers

-Atelier de artes decorativas;

-Atelier de costura;

-Atelier de artesanato local;

-Atelier de culinária;

-Atelier de jardinagem;

-Atelier de fotografia.

2-Difusão Cultural

-Monumentos históricos:

Visitas guiadas ao Pelourinho, Igreja Matriz, Solar dos Capitães Mores, Solar dos viscondes Lemos, Solar dos Lemos, Fonte Romana; Arco D. Dinis, na própria Vila.

-Visita às aldeias do concelho De Vila Flor:

-Freixiel: a Forca, o Pelourinho e o Santuário; **Carvalho de Egas:** igreja de Santa Catarina; **Assares:** Cova da Moura e o cabeço da mina; **Benlhevai:** Capela da Nossa Senhora da Esperança; **Candoso;** Igreja Matriz em honra de S. Sebastião; **Lodões:** fonte datada de 1680 e o Solar do Reimão Menezes; **Mourão:** Igreja Matriz de S. João Batista e a fonte por Deus, segundo o povo tem poderes curativos; **Nabo:** Igreja Matriz de S. Genicio; **Roios:** Igreja Matriz em honra de S. João Batista; **Samões:** Igreja de S. Brás, Capela de S. Francisco e a fonte das mil almas; **Sampaio:** Igreja velha de Santo André, antiga casa da Câmara e cadeia medieval; **Trindade:** Igreja matriz e lagar de azeite em Valbom; **Vale Frechoso:** Igreja de S. Lourenço; **Valtorno:** Igreja da Nossa Senhora do Castanheiro, Santuário da Nossa Senhora de Fátima; **Santa Comba da Vilariça:** Igreja Matriz em honra de S. Pedro, cruzeiro de Santa Comba, chaminé típica

do solas dos Ochoas e capela de S. Jorge; **Seixo de Manhoses**: Santuário de Santa Cecília; **Vilarinho das Azenhas**: ponte centenária e a Azenha das Regadas; **Vilas Boas**: Santuário da Nossa Senhora da Assunção, Pelourinho, relógio Solar e a Azenha Nova na Ribeirinha.

-Museus

- Benlhevai**: Casa Museu da Família Vila Real;
- Vila Flor**: Museu Municipal Dr.^a Berta Cabral;
- Foz Côa**: Museu do Côa;
- Vila Real**: Museu de Arqueologia e Numismática;
- Romeu/Mirandela**: Museu das curiosidades;
- Criação de um museu com peças doadas pelos idosos.

-Bibliotecas

- Biblioteca do Museu Dr.^a Berta Cabral;
- Biblioteca Municipal de Vila Flor.

3- Artísticas

-Trabalhos em Madeira

-Pintura, colagens, restauro, envelhecimento, bijuteria de madeira, revestir caixas e molduras com fósforos queimados, etc.

-Trabalhos em tecido e feltro

-Patchwork, *découpage* em tecido, pintura, colagens, bijuteria com tecidos, lenços, porta-chaves e pregadeiras.

-Trabalhos em lã

- Cachecóis, gorros, almofadas, bonecos, capas para o inverno, colchas, pegas e tapetes.

-Trabalhos em pele

-Revestir garrafas em couro, molduras e caixas de madeira, fazer carteiras e cintos.

-Trabalhos em osso, conchas, moluscos

-Artesanato, peças decorativas.

-Trabalhos em vidro

- Pintura, *découpage*, *craklé*, vitral, flocos, envelhecimento e estanho.

-Trabalhos em papel

-Tela com borboleta em papel, origami, caixinhas feitas com serpentinas, artesanato com canudos de jornal, candeeiros e estantes.

-Tapeçaria

-Tapetes de patchwork e de farrapos.

-Cestaria

-Cestas em papel e fruteiras.

-Joias, bijuterias

-Pulseiras de papel de embalagens, missangas, massas, sementes e pedras.

-Pintura

-Técnica do guardanapo em tela, tecido, madeira, barro, cera, gesso, pintura abstrata, telas em diversas texturas e cores.

-Escultura

-Escultura em barro, gesso e trabalhos em massa de biscuit.

-Gravura

-Pirogravura em madeira.

-Bricolage

-“De novo no jardim”: cultivo de flores, plantas de interior e exterior, poda das plantas, enxertia, fertilização e transplante.

-Arranjos florais.

-Teatro

- Dramatização de histórias realização e de pequenos sketches.

-Marionetas

-Realização de marionetas para teatros.

-Danças

-Workshops de danças;

-Danças de salão;

-Dança folclórica ou tradicional;

-Dança de roda.

-Música

-Construção de um instrumento musical.

-Atividades com palavras, músicas e balões.

-Bailes.

-Canções tradicionais.

-Jornal

- Editar um Jornal/Livro “como era antigamente”, lendas, tradições, costumes, saberes, receitas, jogos, fotos, chás, mezinhas, orações, enxertia de plantas, etc...

-Filmes

-Visionamento de filmes, realização de curtas-metragens.

-Fotografia

-Trabalhar fotografias no computador, exposições de fotografia no lar.

-Fotografar fauna e flora, monumentos, costumes, tradições e rostos.

-Sessão fotográfica: avós e netos.

-Tirar fotografias com uma lata.

-Utilização do computador

-Iniciação às novas tecnologias, internet, redes sociais, Word e Paint.

-Criar uma exposição virtual dos trabalhos realizados pelos idosos.

4-Lúdicas

-Caminhadas

-Caminhadas para observação de fauna e flora nas várias estações do ano, na zona envolvente da Barragem do Peneireiro, Capelinhas, Barragem de Vilarelhos e na própria Vila.

-Apanhar Lavanda, matapulga, chás (carqueja, rosmaninho, hipericão e tília).

-Passeios

-Passeio de barco no Rio Douro.

-Passeio pelo centro histórico de Vila Flor.

-Excursões

-Visita ao Santuário de Fátima,

-Visita ao Palácio de S. Mateus em Vila Real,

-Visita às Caves Taylores em Vila Nova de Gaia,

-Visita ao centro de arte contemporânea Graça Morais em Bragança,

-Visita a Bisalhães, ver como se trabalha o barro, cozedura e pintura em Vila Real.

-Jogos

-Jogos tradicionais: bilharda, macaca, pião, jogo da malha, jogo do lencinho, jogo do atira às latas, jogo do arco, jogo da cabra cega, jogo da bilha, jogo da dança da laranja e jogo das caricas.

-Concursos

-Concursos de dança, provérbios, lendas, datas festivas, canções, sabores e cheiros.

-Desporto

- Olimpíadas de jogos tradicionais.
- Desporto com raquetes.
- Hidroginástica.
- Exercícios de respiração e relaxamento.
- Aeróbica de baixo impacto com step.

5-Sociais

-Festas

- Comemoração dos aniversários dos utentes.
- Comemoração de dias festivos.
- Festas religiosas.
- Festas populares.
- Festas e convívios entre as várias valências da Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor.
- Baile mensal.

Seguidamente é apresentado um quadro, com exemplos de algumas atividades calendarizadas.

Plano anual de atividades de animação sociocultural 2013				
Dia\Mês	Objetivos específicos	Descrição da atividade	Material/Custos	Recursos Humanos /Parcerias
01 de Janeiro Dia de Ano Novo	<ul style="list-style-type: none"> -Estimular o diálogo; -Observar expressões e gestos uns dos outros; -Criar momentos de reflexão; -Exteriorizar sentimentos; -Darem-se a conhecer melhor; -Recordar vivências; -Estimular a memória; 	<p style="text-align: center;">“O encontro”</p> <p>-Os idosos sentam-se nas cadeiras em grupos de quatro e respondem às perguntas que o animador/a lhes faz. A resposta deve ser imediata e espontânea. Se a pessoa designada não conseguir responder pode dizer: “Passo”.</p> <p>Exemplos de perguntas que o animador pode colocar:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Qual é o programa de televisão que prefere? -Qual a Ceia de Natal que recorda com mais prazer? -Qual o presente que mais gostou de receber? -Qual o seu prato preferido? 	<ul style="list-style-type: none"> -Cadeiras; -Folha de papel, caneta <p style="text-align: center;">10€</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Animador/a; -Utentes do Lar.

		<ul style="list-style-type: none"> -Identifique um episódio da sua vida que o fez rir muito? -Identifique um episódio da sua vida que o fez chorar? -Qual a viagem dos seus sonhos? -A seu ver o que é que os outros mais gostam em si? E menos? -O que gostava de ser capaz de fazer? -O que faria se ganhasse 50 milhões de euros no euromilhões. -Qual o desejo que gostaria de ver realizado este ano? 		
<p>06 de Janeiro</p> <p>Comemoração</p> <p>Dia dos Reis</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Partilha de saberes e transmissão de valores; -Valorizar costumes e tradições; -Promover o convívio intergeracional; -Estimular o diálogo; -Recordar vivências; -Estimular a memória 	<ul style="list-style-type: none"> -Ensaiai canções do dia de Reis; -Confeção do Bolo-rei. 	<ul style="list-style-type: none"> -CD's com músicas; -Leitor de CD; -ingredientes para a confeção do Bolo-rei. <p style="text-align: center;">20€</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz; -Professor de música; -Pastelaria da Santa Casa.
	<ul style="list-style-type: none"> -Recordar e valorizar 		<ul style="list-style-type: none"> -Tecidos; 	<ul style="list-style-type: none"> -Animador/a;

<p>12 de Fevereiro</p> <p>Comemoração do Dia de Carnaval</p>	<p>costumes e vivências do passado;</p> <p>-Promover o convívio intergeracional;</p> <p>-Reconhecer e valorizar capacidades;</p>	<p>-Desfile pelas ruas de Vila Flor;</p> <p>-Baile de Máscaras;</p> <p>-Confeção dos fatos.</p>	<p>-Máquina de costura, linhas;</p> <p>-Material para fazer as máscaras;</p> <p>-CD's;</p> <p>-Leitor de CD.</p> <p>60€</p>	<p>-Utentes do Lar;</p> <p>-Jardim de Infância Flor de Liz;</p> <p>-Professor de música.</p> <p>-Escola EB2,3/S Vila Flor.</p>
<p>13 de Fevereiro</p> <p>Dia Mundial da Rádio</p>	<p>-Valorizar o idoso e as suas capacidades mentais,</p> <p>-Ampliar o universo de conhecimentos,</p> <p>-Partilhar saberes.</p>	<p>-Visitar as instalações da Rádio Terra Quente em Mirandela;</p> <p>-Serem entrevistados pelo locutor da rádio.</p>	<p>-Autocarro.</p> <p>20€</p>	<p>-Animador/a;</p> <p>-Utentes do Lar.</p>
<p>14 de Fevereiro</p> <p>Comemoração do Dia dos Namorados</p>	<p>-Estimular a criatividade e a imaginação;</p> <p>-Recordar costumes e vivências do passado oriundos do meio sociocultural em que estes estão inseridos,</p> <p>-Potenciar a transmissão de valores;</p>	<p>-Decoração do Lar com motivos alusivos á data;</p> <p>-Almoço temático;</p> <p>-Peça de Teatro: "Namorar à moda antiga".</p>	<p>-Cartolinas vermelhas;</p> <p>-Tesouras;</p> <p>-Cola;</p> <p>-Toalhas vermelhas;</p> <p>-Etc...</p> <p>25€</p>	<p>-Animador/a;</p> <p>-Utentes do Lar;</p> <p>-Jardim de Infância Flor de Liz;</p> <p>-Centro Cultural de Vila Flor;</p> <p>-Professor de música.</p>

	-Promover o convívio intergeracional			
08 de Março Comemoração do dia Internacional da Mulher	-Exteriorizar sentimentos; -Observar e ser observado;	-Um dia de Beleza: -Tratamento do cabelo, unhas e pés e uma massagem relaxante.	-Material de manicura; -Vernizes. 15€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Cabeleireira; -Fisioterapeuta.
19 de Março Dia do Pai	-Promover a aproximação de idosos; -Valorizar o papel do utente na família.	-Realização de cartões e lembranças para distribuir aos utentes de um outro Lar.	-Cartolinas; -Material para decorar os cartões. 20€	-Animador//a; -Utentes do Lar.
20 de Março Comemoração do Início da Primavera	-Promover o convívio intergeracional e a troca de saberes; -Permitir a descoberta e desenvolver aspetos psicomotores e sensitivos.	-Piquenique dos sabores e cheiros; -Baile de Primavera; -Oferta de flores de papel.	-Salsa, coentros, alecrim, folhas de louro, canela, hortelã; -Vendas para os olhos, toalhas, luvas, leitor de CD; -Papel crepe. 10€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz; -Dietista; -Estufas da Santa Casa; -Professor de música.
21 de Março	-Promover o convívio intergeracional;	-Leitura de Poemas; -Convidar um escritor de Vila Flor;	-Livros; -Canetas;	-Animador/a; -Utentes do Lar;

Comemoração do Dia Mundial da Poesia	-Valorizar as capacidades mentais dos idosos.	-Escrever poemas num papel e oferecer a familiares, utentes, funcionárias, crianças.	-Papel; -Computador.	-Jardim de Infância Flor de Liz; -Escritor.
21 de Março Dia Mundial do Sono	-Refletir sobre a importância de dormir; -Dar a conhecer os malefícios e os benefícios de se dormir muito ou pouco; -Incutir nos idosos hábito de dormir nas horas adequadas; -Mostrar que a alimentação pode condicionar o sono; -Promover o convívio intergeracional.	A importância do sono: <i>“Dormir cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer”</i> Será que é assim!	-Computador; -Retroprojeter; -Panfletos informativos. 10€	-Animador/a; -Utentes do lar; -Jardim de infância Flor de Liz; -Médico; -Enfermeira; -Dietista.
22 de Março Dia Mundial da Água	-Criar momentos de reflexão e partilha de saberes; -Promover o convívio	-Pequeno debate sobre a importância do bem precioso que é a água; -Poupar água com boas práticas; -Dicas para poupar água.	-Computador; -Retroprojeter. 0€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz.

	intergeracional.			
27 de Março Dia Mundial do Teatro	-Criar momentos de reflexão e partilha de saberes, -Fomentar o convívio; -Ampliar conhecimento.	-Visitar o Teatro Municipal de Vila Real: -Assistir a uma peça de teatro que esteja em cena.	-Autocarro. 30€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Auxiliares.
31 de Março Páscoa	-Fomentar o diálogo; -Relembrar hábitos e costumes oriundos do meio sociocultural em que estes estão inseridos; -Promover o convívio intergeracional; -Incentivar à partilha; -Recolha de tradições.	-Realização do jogo “caça às amêndoas”; -Reviver tradições desta época; -Decorar o Lar com adereços alusivos á época.	-Amêndoas da Páscoa; -Cartolinas, papel crepon, fita, etc... 20€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz.
02 de Abril Dia internacional do Livro Infantil	-Estimular o cérebro; -Promover o convívio intergeracional; -Exteriorizar sentimentos;	- Promover a hora do conto infantil; -Contar uma história às crianças do Infantário Flor de Liz.	Livro infantil; “O avô e eu” de Maria Teresa Maia Gonzalez, Maria Teresa Maia e	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz; -Utentes do Lar;

	-Desenvolver o gosto pela leitura.		Fátima Afonso. 6,29€	-Biblioteca Municipal de Vila Flor.
18 de Abril Dia internacional dos monumentos e sítios	-Criar momentos de reflexão e partilha; -Promover o convívio intergeracional; -Partilha de saberes.	- Criação de Puzzles; -Tirar fotos a monumentos históricos do concelho de Vila Flor e com essas fotos realizar puzzles para montar em conjunto com as crianças.	-Autocarro; -Camara fotográfica; -Cartão; -Tesouras; -Cola; -etc... 40€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz.
20 de Abril Dia do Turista	-Dar a conhecer outras culturas, costumes, tradições e sítios.	-Viajar num clique; -Visitar através da internet por países que gostassem de conhecer.	-Computador; -Internet; -Retroprojeter; -Tela. 0€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Espaço internet\Câmara.
25 de Abril Dia da Liberdade	-Recordar tempos do passado; - Criar momentos de reflexão e partilha;	-Visionamento de um filme.	-Televisão; -DVD. 10€	-Animador/a; -Utentes do Lar.
	Criar momentos de reflexão e partilha;		-CD'S de música popular;	-Animador/a; -Utentes do Lar;

<p>29 de Abril</p> <p>Dia internacional da Dança</p>	<p>-Promover o convívio intergeracional;</p> <p>-Criar gosto pela dança e pela expressão corporal</p> <p>-Estimular as capacidades físicas e artísticas dos idosos.</p>	<p>Tarde dançante;</p> <p>-Dança tradicional portuguesa.</p>	<p>-Leitor de CD.</p> <p>20€</p>	<p>-Infantário Flor de Liz;</p> <p>-Grupo de cantares da Vila;</p> <p>-Rancho Folclórico;</p> <p>-Professor de música.</p> <p>-Professor de dança;</p> <p>-Valências da Santa Casa.</p>
<p>03 de Maio</p> <p>Dia do Sol</p>	<p>-Ensinar a orientarmonos pelo sol;</p> <p>-Recordar vivências;</p> <p>-Estimular a memória;</p> <p>-Reconhecer e valorizar capacidades.</p>	<p>Visita á Aldeia de Vilas Boas à Casa do Relógio de Sol.</p>	<p>-Autocarro.</p> <p>20€</p>	<p>-Animador/a;</p> <p>-Utentes do Lar;</p> <p>-Jardim de Infância Flor de Liz;</p> <p>-Presidente da Junta de Vilas Boas.</p>
<p>05 de Maio</p> <p>Dia Mundial do Coração</p>	<p>-Alertar e sensibilizar;</p> <p>-Estimular a partilha de experiências;</p> <p>-Estimular ao diálogo.</p>	<p>-Sessão de sensibilização sobre hábitos saudáveis;</p> <p>-A importância do exercício físico;</p> <p>-Oferecer um coração de feltro feito pelos utentes.</p>	<p>-Computador;</p> <p>-Retroprojeter;</p> <p>-Panfletos informativos;</p> <p>-Feltro;</p> <p>-Linha;</p> <p>-Máquina de costura ou agulhas.</p>	<p>-Animador/a;</p> <p>-Utentes do Lar;</p> <p>-Jardim de Infância Flor de Liz;</p> <p>-Médico;</p> <p>-Dietista;</p> <p>-Professor de Educação Física;</p>

			30€	-Fisioterapeuta.
06 de Maio Dia da Mãe	-Refletir sobre a importância da figura da mulher no seio familiar; -Prestigiar as mulheres; - Aumentar a Cultura geral dos idosos.	-Importância da mulher no seio familiar “ O que é ser Mãe”; Dar-lhes a conhecer através de fotos mulheres que se destacam na sociedade Portuguesa.		-Animador/a; -Utentes do Lar.
15 de Maio Dia internacional da família	-Alertar para a solidão do idoso; -Aproximar familiares; -Promover afetos; -Exteriorizar sentimentos; -Aproximar gerações.	-Teia de afetos; - “Workshop de compotas e licores”.	-Novelos de lã; -Frutas, frascos etc... 40€	-Animador/a; -Familiares amigos dos utentes; -Cozinheira.
18 de Maio Dia internacional dos Museus	-Promover o convívio intergeracional; -Partilhar saberes.	-Visita ao Museu do Côa; -Participação na oficina de arqueologia experimental.	-Autocarro; -1€ entrada. 70€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz.

25 de Maio Dia de África	-Dar a conhecer outras culturas; -Promover o convívio intergeracional;	-Almoço temático; -Dar a conhecer receitas de África, costumes, tradições e Danças; -Visitar o Museu de Vila Flor e a coleção de Arte Africana.	30€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz; -Professor de dança.
01 de Junho Dia Mundial da criança	-Promover o convívio intergeracional; -Partilhar saberes.	-Coração humano com as crianças e idosos -Jogos tradicionais; -Canções tradicionais; -Pinturas faciais; -Modelagem de balões.	-CD's; -Leitor de CD; -Tintas faciais; -Balões. 30 €	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz; -Professor de música; -Rancho folclórico de Vila Flor.
05 de Junho Dia Mundial do Ambiente	-Ampliar conhecimentos; -Incentivar à criatividade.	-Reciclagem; -Ensinar a reutilizar “lixo”.	-Garrafas de plástico; -Tampas, latas; -Cola, fio -Etc... 30€	-Animador/a; -Utentes do Lar.
17 de Junho	-Alertar para as mudanças climáticas; -Sensibilizar para os	-Caminhada à Barragem do Peneireiro em Vila Flor; -Observar a	-Autocarro;	-Animador/a;

Dia Mundial do combate á seca e desertificação	efeitos da seca.	Fauna e Flora da região; -Fotografar flores e os animais da zona envolvente da Barragem.	-Camara digital. 20€	-Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz.
21 de Junho Início do Verão	-Alertar para os malefícios do sol; -Conhecer novos locais.	-Visita ao Museu da Chapelaria de S. João da Madeira.	-Autocarro; 100€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz.
24 de Junho S.João	-Promover o convívio intergeracional; -Troca de saberes; -Transmissão de valores.	-Concurso de quadras populares; -Completar provérbios; -Decorar do Lar com balões e arcos; -Sardinhada.	-Papel crepon verde e vermelho; -Papel de cenário. 20€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Jardim de Infância Flor de Liz; -Professor de música.
20 de Julho Dia Internacional do Amigo	-Incentivar à partilha; -Fortalecer relações de amizade.	-Quem é o meu amigo invisível? Tu!!!!!!!!!!!!	-Caixa de papelão; -Pequenas Lembranças feitas pelos idosos. 10€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -auxiliares.
26 de Julho	-Promover o relacionamento	-Missa Campal na zona das Capelinhas;	-Papel de cenário; -Canetas coloridas;	-Animador/a; -Utentes do Lar;

Dia Nacional dos Avós	intergeracional; -Fomentar a troca de saberes e experiências	-Elaboração de painel com mensagens de afeto.	-Tintas. 30€	-Rancho de Vila Flor e de Freixiel; -Grupo cultural.
19 de Agosto Dia Mundial da Fotografia	-Desenvolver a auto-estima e a auto-confiança; -Reavivar a memória; -Recordar vivências.	-Realização de uma exposição de fotografia. “O antes e o agora”.	-Cartolina preta e branca para realizar as molduras. 30€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Auditório de Vila Flor.
31 de Agosto Dia Internacional da Solidariedade	-Promover a entreajuda; -Incentivar à solidariedade.	-Ação de sensibilização de recolha de roupas para doar a pessoas carenciadas do concelho de Vila Flor.	-Sacos plásticos; -Caixas de cartão. 5€	-Animador/a; -Utentes do Lar.
21 de Setembro Dia internacional da Paz	-Promover relacionamentos interpessoais; -Promover o convívio intergeracional; -Partilha de valores.	-Libertação de uma Pomba branca; -Libertação de balões com mensagens de Paz.	-Balões; -Papel; -Tesoura; -Lápis de cor.	-Animador/a; -Jardim de Infância Flor de Liz; -Professor de música; -Camara Municipal; -Centro Social e Paroquial S. Bartolomeu.

			30€	
22 de Setembro Início da estação do ano Outono	-Partilha de saberes; -Estimular a memória;	-Recolher folhas de diversas plantas e fazer um ervanário.	-Folhas de papel; -Folhas de árvores e outras plantas. 20€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Escola EB 2,3 Vila Flor.
27 de Setembro Dia Mundial do Turismo	-Fomentar o contato com as novas tecnologias; -Viajar sem ser necessário deslocar-se; -Abrir novos horizontes e conhecimentos.	-Ver o mundo num clique.	-Computador; -Internet. 0€	-Animador/a; -Utentes do Lar.
01 de Outubro Dia internacional das pessoas idosas	-Partilhar saberes, experiências e valores; -Promover o convívio intergeracional -Reavivar a memória,	- Peça de Teatro: “Dos 6 aos 65”	-Material para o cenário; -Roupas; -Som. 100€	-Animador/a; -Jardim de Infância Flor de Liz.
	-Promover o convívio		-Bombo;	-Animador/a;

<p>01 de Outubro</p> <p>Dia Mundial da Música</p>	<p>intergeracional;</p> <p>-Estimulação motora e sensorial;</p> <p>-Desenvolver o sentido rítmico;</p> <p>-Partilha de experiências e saberes.</p>	<p>-Identificar instrumentos musicais;</p> <p>-Música e movimento entre gerações.</p>	<p>-Pandeireta;</p> <p>-Ferrinhos;</p> <p>-Reco-reco;</p> <p>-Flauta;</p> <p>-Castanholas;</p> <p>-Realejo;</p> <p>-Maracas.</p> <p>0€</p>	<p>-Jardim de Infância Flor de Liz;</p> <p>-Professor de música.</p>
<p>09 de Outubro</p> <p>Dia Mundial dos Correios</p>	<p>-Expressar sentimentos;</p> <p>-Reavivar a memória;</p> <p>-Estabelecer contatos perdidos.</p>	<p>-Escrever uma carta ou um postal a familiares longínquos e ir colocar no Marco de Correio antigo.</p>	<p>-Folhas de papel ou postais;</p> <p>-Envelopes;</p> <p>-Canetas.</p> <p>10€</p>	<p>-Animador/a;</p> <p>-Utentes do Lar.</p>
<p>16 de Outubro</p> <p>Dia Mundial da Alimentação</p>	<p>-Criar hábitos de vida saudável;</p> <p>-Reaprender a comer para crescer saudável;</p> <p>-Partilha de saberes;</p> <p>-Desmistificar preconceitos;</p> <p>-Promover o convívio</p>	<p>Refletir sobre as alterações nos hábitos alimentares;</p> <p>-O que se comia antigamente e o que se come hoje;</p> <p>-A roda dos alimentos.</p>	<p>-Papel para panfletos;</p> <p>-Impressora;</p> <p>-Computador.</p> <p>15€</p>	<p>-Animador/a;</p> <p>-Utentes do Lar;</p> <p>-Jardim de Infância Flor de Liz;</p> <p>-Dietista.</p>

	intergeracional.			
31 de Outubro Dia Mundial da Poupança	-Incentivar à criatividade; -Partilha de saberes.	“Poupar está na moda” -Workshop sobre reutilização de materiais já usados; -Reaproveitar material diverso que já não se usa e dar-lhe vida nova.	-Cola; -Tesouras; -Revistas; -Jornais; -Tecidos; -Etc... 20€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Familiares dos utentes; -Costureira.
11 de Novembro Dia de São Marinho	-Relembrar hábitos, costumes, vivências e experiências oriundas do meio sociocultural no qual o idoso está inserido; -Incentivar à participação ativa dos idosos; -Promover o convívio intergeracional; -Orientar o utente no tempo.	-Representação da Lenda de São Martinho; -Magusto no Santuário da Nossa Senhora da Assunção em Vilas Boas; -Jogos tradicionais; -Musica tradicional.	-Material para montar o cenário; -Material para os jogos tradicionais; -Caixas; -Sacas; -Bolas; -Colheres; -Laranja; -Corda; -Etc... 80€	-Animador/a; -Jardim de Infância Flor de Liz; -Rancho Folclórico e Etnográfico de Freixiel.

<p>21 de Novembro</p> <p>Dia Mundial da Televisão</p>	<p>-Fomentar a expressão verbal de ideias, opiniões e sentimentos.</p>	<p>-Realizar uma surpresa aos idosos; Olha o meu neto está na Televisão! Ao longo do ano ir filmando mensagens de familiares e depois passar essas reportagens na TV neste dia.</p>	<p>-Camara de filmar; -Televisão. 0€</p>	<p>-Utentes do Lar; -Netos e familiares dos idosos do Lar; -Animador/a; -Jornalista.</p>
<p>21 de Dezembro</p> <p>Início do Inverno</p>	<p>-Proporcionar alegria; dinamismo e interação; -Trabalhar os valores do Natal; -Promover o convívio intergeracional; -Partilha de valores.</p>	<p>-Realização de peças decorativas; -Decorar o Lar e enfeitar a árvore de Natal; -Em vez de uma lista de prendas criar uma lista de valores e colocar na árvore de Natal.</p>	<p>-Linha; -Garrafas de plástico; -Cápsulas de café; -Aguilha; -Balões; -Cola da madeira; -Pincéis. 50€</p>	<p>-Animador/a; -Jardim de Infância Flor de Liz.</p>
<p>24 de Dezembro</p> <p>Consoada</p>	<p>-Relembrar hábitos, costumes, vivências e experiências oriundas do meio sociocultural onde estão inseridos.</p>	<p>-Ceia de Natal; -Confeção dos bolos tradicionais de Natal; -Troca de postais de Natal realizados pelos idosos, com mensagens alusivas á época; -Conviver junto á fogueira de Natal frente á Câmara Municipal de Vila Flor.</p>	<p>-Cartolinas para realizar os postais e outro material. 10€</p>	<p>-Animador/a; -Utentes do Lar; -Cozinheira.</p>
	<p>-Preservar a identidade</p>			

Comemoração dos Aniversários	dos utentes; -Desenvolver as capacidades, ao nível do equilíbrio sócio-emocional, das relações interpessoais e inserção no meio socio-cultural.	-Realização de um bolo de aniversário; -Realização de um lanche especial onde se cantar os Parabéns ao utente.	-Ingredientes para o bolo 20€	-Animador/a; -Utentes do Lar; -Auxiliares; -Cozinheira.
			Total: 1116,29€	
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> -Incentivar á participação ativa dos idosos; -Estimular o diálogo e a comunicação entre idosos e entre idosos e crianças; -Dinamizar espaços; -Animar o tempo livre; -Combater o Isolamento; -Trocar saberes; -Estimular a criatividade; -Reconhecer e valorizar capacidades; -Dinamizar espaços; -Valorização de costumes e tradições; -Etc. 			
Nota: Sujeito a alterações consoante a época do ano e as necessidades, recursos existentes, motivação e interesses dos idosos.				

Plano Semanal\mensal					
	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
09h00	Colaboração no pequeno-almoço/Marcha no salão				
09h30	Actividades Físicas/Motoras	Actividades Lúdico-Recreativas	Actividades Físicas/Motoras	Actividades da vida diária	Actividades Cognitivas/Mentais
11h30	Actividades Espirituais e Religiosas				
14h00	Marcha e bicicleta para os utentes com mais dificuldade de locomoção				
15h00	Reprodução audiovisual	Passeio no jardim	Actividades Cognitivas/Mentais	Caminhada pela Vila	Leitura de revistas\jornais
17h00	Término das Actividades				
Nota: Sujeito a alterações consoante a época do ano e as necessidades e motivação e interesses dos idosos.					

3.16-Avaliação

Rivièrie (1989: 26-27), citado por Serrano (2008:84) refere que: “a avaliação é o processo de estabelecer um juízo de valor sobre um objeto, com vista a uma acção, em função da obtenção e interpretação sistemática de dados ou provas sobre este objecto”.

Serrano (2008) diz-nos então, que a avaliação de um projeto não deve ser interpretada como uma etapa final deste, pelo contrário, deverá ser realizada ao longo da sua implementação.

A avaliação desta proposta de intervenção “De mãos dadas” será realizada ao longo do projeto para assim evitar lacunas e erros, com o intuito de melhorar, aperfeiçoar a realidade a cada dia que passa. Essa avaliação será feita através de registos diários e sistemáticos de todas as atividades que forem sendo realizadas.

No final de cada atividade será entregue aos idosos e crianças uma folha onde poderão avaliar a atividade diária. Como os idosos são, na sua maioria, analfabetos e as crianças também ainda não sabem escrever, poderão expressar-se ou dar a sua opinião através da pintura destes bonecos.

-Bom -Médio -Mau

3.17-Reflexão final

Pretende-se com esta proposta de intervenção alterar de forma positiva a vida dos idosos do Lar Nossa Senhora da Lapa. Mostrar-lhes que ainda são úteis, proporcionar-lhes momentos de alegria e recuperar o sorriso perdido. Considera-se este projeto de animação sociocultural importante, porque de alguma maneira irá contribuir para motivar, animar, capacitar, dar mais ânimo e melhorar a qualidade de vida destes idosos. Trata-se acima de tudo de repensar a sociedade, já que, por vezes, o idoso é menosprezado por não lhe ser dada a oportunidade de mostrar o seu valor. Este projeto pretende dar essa oportunidade. Ensinar e aprender os mais novos e os idosos- revela-se neste projeto um objetivo de crucial importância. No fundo trata-se de uma partilha de saberes, valores, costumes, ajudando a desenvolver novas competências. Vivemos num tempo onde cada vez é mais importante “aprender a aprender”.

Conclusão

Após este longo caminho percorrido, por vezes difícil, mas estimulante e motivada pelo carinho e preocupada com a população idosa, ganhou sentido esta investigação.

Assim, impõe-se refletir sobre os resultados obtidos nas pesquisas que foram realizadas ao longo deste estudo, nomeadamente na pesquisa que decorreu na Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor, mais propriamente no Lar Nossa Senhora da Lapa. Pretendemos perceber qual o papel da Animação Sociocultural face às novas realidades sociais que se apresentam e a sua relação com a educação intergeracional.

Como podemos verificar, uma das transformações sociais que está a ocorrer na sociedade e que revela grande importância é o aumento demográfico das pessoas de idade com uma maior esperança de vida. Assiste-se a um fenómeno crescente do envelhecimento da população em todas as sociedades economicamente desenvolvidas. Fenómeno este que converteu os «idosos» num grupo social que atrai o interesse coletivo e individual, derivado às suas implicações a nível familiar, social, económico, político, etc.

A partir dos dados do Instituto Nacional de Estatísticas (2012) verifica-se que nos próximos 25 anos o número de idosos poderá ultrapassar o dobro do número de jovens. As projeções apontam 200 idosos por cada 100 jovens, em 2033. Num futuro próximo, as gerações mais velhas ultrapassarão numericamente as gerações mais novas.

Segundo os censos 2011, ficamos a saber que 400.964 idosos vivem sozinhos ou em companhia de outras pessoas com 65 anos ou ainda mais velhas, o que corresponde a cerca de 60% da população idosa em Portugal.

Nas entrevistas realizadas aos idosos e quando questionados acerca das razões que os levam a ir para o Lar, verifica-se que todos eles recorrem à institucionalização porque estavam em casa sozinhos e não se sentiam bem. Todos os idosos entrevistados são viúvos/as e os filhos trabalham e não podem cuidar deles. Passavam os dias sozinhos em casa. A solidão é um dos graves problemas na terceira idade e que continuará a crescer, destacando-se mais nas mulheres, devido à sua maior longevidade.

O envelhecimento é um fenómeno universal, acontecendo com todos. Fatores como os avanços médicos e as melhorias das condições de vida contribuem para tal fenómeno, havendo necessidade em adotar uma atitude positiva para viver em plenitude esta fase da vida.

Dos idosos entrevistados, nenhum conheceu os avós e conviveram com os pais muito pouco tempo, corroborando a ideia de que faleceram de doença quando eles eram ainda crianças, num passado não muito longínquo as pessoas viviam menos anos que hoje.

Para os técnicos que integram este estudo, a velhice é, sem dúvida, uma fase final. Dependendo do idoso, esta etapa, é boa ou má, muitas vezes só não é melhor porque eles não querem. No Lar têm tudo, referem os técnicos. Já os idosos entrevistados encaram com naturalidade o seu processo de envelhecimento, dizem que agora é boa vida, antes estavam sempre a trabalhar.

Uma das idosas entrevistadas refere que era bom envelhecer quando estava em sua casa, na aldeia. A adaptação para alguns idosos é um pouco difícil.

Ao contrário do que muita gente pensa, o envelhecimento não tem uma idade fixa para começar, não começa aos 30, 40 ou 50 anos, é um processo que se inicia logo no dia em que nascemos até ao dia em que morremos. A velhice é vista, então, como estado de «envelhecimento» que começa precocemente e que ao longo da nossa vida adulta se vai combinando com processos de amadurecimento e desenvolvimento. É marcado por mudanças físicas, psicológicas e sociais que vão acontecendo ao longo da nossa existência. Mudanças essas que não impedem o desenvolvimento de uma vida plena. As pessoas continuam a ser capazes de tomar as suas decisões, satisfazer as suas necessidades e resolver os seus problemas, apesar de nalguns casos precisarem de ajuda no seu dia-a-dia. Vivemos, logo, envelhecemos. A diferença está em como cada um de nós vive a vida ao longo dos anos. Depende do percurso de vida de cada um, dos estilos de vida, das influências histórico-culturais, dos fatores genéticos e do surgimento de diferentes patologias. Nem só as pessoas idosas envelhecem, daí que envelhecimento e velhice não sejam sinónimos.

Através das entrevistas realizadas aos técnicos e aos idosos pudemos constatar que a vida dos idosos do Lar foi muito “dura”, foram vidas cheias de trabalho. Começaram a trabalhar, muito novos, nos campos agrícolas, poucos foram os que frequentaram a escola. O idoso do sexo masculino trabalhou vários anos nas pedreiras e, para além disso, também trabalhava no campo. Refere com alguma mágoa e tristeza que trabalhou muito. Dos idosos entrevistados, este foi o único que foi à escola e concluiu a 4ª classe. São pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade, o que os deixa tristes. Uma senhora sublinha mesmo que tem muita pena de não saber escrever.

A verdade é que ninguém gosta de envelhecer. A velhice é vista como uma doença ou praga. A família que devia ser o seu suporte, muitas vezes, rejeita o idoso. O idoso é visto como alguém inútil, solitário, com poucos recursos financeiros, pessoas fisicamente debilitadas, alguém que precisa de cuidados de saúde permanentes. O idoso de hoje está rodeado de elementos novos, como por exemplo, as novas tecnologias, com as quais não sabe lidar. Como refere a animadora do Lar, temos cinco dedos numa mão e nenhum é igual; pretende-se com isto dizer que o grupo das pessoas idosas não é homogéneo e que neste momento na nossa sociedade se deparam gerações que não viveram as mesmas histórias, as mesmas experiências de vida nem têm ou tiveram os mesmos recursos o que leva a um afastamento. Por vezes, a sociedade esquece-se que os idosos são verdadeiras bibliotecas vivas, grandes fontes de sabedoria. Já lá vão os tempos em que o idoso era aquela pessoa que se consultava para pedir opinião. Os próprios idosos chegam a sentir-se inúteis e a referir que não têm nada para aprender nem para ensinar.

O meio rural perde jovens a cada dia que passa, estes vão estudar para meios urbanos, procurar uma vida melhor. Pudemos constatar tal fato através das entrevistas realizadas aos idosos; estes referiram que os netos estão a estudar fora e outros emigraram. Pouco convivem com eles. Alguns não sabem falar português corretamente, por isso, não conseguem ter uma conversa com os seus avós. Na ótica dos técnicos entrevistados, o concelho de Vila Flor não foge à regra, referem que as aldeias estão desertas, agora só há idosos a viver sozinhos. Existem aldeias que ainda não têm centros de dia. Encontramo-nos portanto, perante um isolamento nas zonas rurais.

A maior parte dos idosos deste Lar vem do meio rural, trabalhavam essencialmente na agricultura, recebem reformas pequenas e o dinheiro vai todo para pagar a prestação do Lar. Algumas vezes os filhos é que lhes dão algum dinheiro para eles gastarem no que quiserem. Referem isto com grande desânimo.

A constituição das famílias de hoje também está diferente. Enquanto que, em meados do século XX as famílias eram numerosas, hoje os casais têm somente um ou dois filhos. São imensos os fatores que contribuem para as alterações do modelo familiar nos dias em que nos é dado viver. Fecham as escolas primárias e abrem lares.

Quando abordados sobre a constituição das suas famílias, os idosos sublinham que eram grandes e que agora só há um ou dois filhos por casal.

Com estas alterações, os idosos são normalmente afetados e ficam entregues a si próprios, aos seus cônjuges, ou então, resta-lhes a institucionalização. Aliás vivemos

num mundo onde a institucionalização faz parte das nossas vidas diárias, desde que nascemos, com as creches, infantários e escolas até aos lares de idosos. Vivemos em espaços destinados exclusivamente a cada faixa etária. Tudo isto acarreta um problema, o da falta de socialização com amigos, vizinhos, familiares, etc.

De acordo com os dados da pesquisa, os idosos entrevistados recorreram ao Lar depois de o seu cônjuge ter falecido, porque preferiam estar em suas casas. Os filhos trabalham, não podem cuidar deles e têm medo de estar em casa sozinhos, pois pode acontecer-lhes algo e não têm quem os socorra de imediato. Das entrevistas realizadas aos técnicos, apuramos que o lar ainda não é visto com bons olhos por parte dos idosos, só recorrem a este em última hipótese, às vezes são os filhos que lhes sugerem a ida para o lar, porque em casa já não os conseguem ter; eles, como não têm alternativa, aceitam de boa vontade a sugestão dos filhos. Segundo os técnicos, os idosos recorriam ao Lar ainda válidos, hoje já ingressam num estado muito débil. De referir que o Lar ainda é percecionado com a imagem de antigamente, ao qual chamavam asilo. Enquanto que, para alguns, a vinda para o lar tem um impacto negativo, para outros não. Tem muito a ver com a pessoa, a forma como se adapta às rotinas e aos horários. Não é por estar num Lar que deixa de pertencer à família, que não pode fazer o que fazia. Uma das idosas entrevistadas tem alguns dos filhos no estrangeiro, mas quando eles vêm de férias vão buscá-la ao Lar e ela passa uma semana em casa de cada um deles. Ela própria, durante a semana, faz visitas diárias aos filhos, vai comprar os iogurtes e a fruta de que gosta e vai passear pela vila. Está perfeitamente integrada no Lar. Daquilo que pudemos observar, esta utente tem uma opinião diferente. Os outros não se adaptaram tão bem e isolam-se, criam conflitos com os restantes colegas e por isso são pouco participativos nas atividades, não convivem uns com os outros, estão magoados com os familiares que pouco os visitam. Alguns são mesmo abandonados pelos familiares. Há, no entanto, exceções.

Apesar do Lar estudado ser considerado como familiar, acolhedor, ter boas condições e ser dotado de profissionais, verifica-se que existe um corte com a vida anterior dos idosos, sobretudo com o convívio social e familiar.

A complexidade do fenómeno do envelhecimento humano leva a que se trate e aborde este tema tendo em conta aspetos relacionados com processos naturais, a nível biológico, afetivo, cognitivo e social. É aqui que a animação sociocultural e o animador devem ter um papel preponderante no dia-a-dia destes idosos.

Cabe ao animador, em conjunto com os restantes técnicos, combater a imagem de que os idosos estão no Lar à espera da morte e proporcionar-lhes uma melhor qualidade de vida através de um envelhecimento ativo. Enriquecer o seu tempo liberto destes.

Efetivamente a animação gera processos de participação social nos quais a tarefa do animador é canalizar e promover a participação do idoso nos diversos tipos de atividades, programas e espaços, dando vida aos espaços da comunidade.

Atividades que podem ir desde atividades físicas e desportivas, voluntariado social, recuperação de tradições, transmissão de conhecimentos práticos, educação ambiental, educação intergeracional, encontros e convivências entre as várias gerações, através da comemoração de datas festivas, entre outras.

Os dados recolhidos permitem-nos afirmar que as atividades realizadas nesta instituição pelos animadores têm a preocupação da mobilidade física. Estas atividades (educação física e trabalhos manuais) realizam-se sempre nos mesmos dias da semana, terças e sextas-feiras. Por vezes, também veem filmes ou séries. Realizam também alguns passeios.

Os idosos entrevistados referem que no início participavam mais nas atividades, as que eles gostam mais de fazer são a pintura, ir à missa e ao terço. Estas duas últimas são sagradas, nunca faltam. Aliás, um dos idosos entrevistados até tinha tomado conta da Igreja Matriz de Vila Flor durante vários anos. Era o sacristão, tocava o sino, abria as portas, etc. Também uma das idosas entrevistadas referiu que tinha a casa cheia de santos e santas e que, ao domingo, ia sempre à missa. Tinha um cunhado que era Padre e então já tinha ido a Roma e a vários sítios religiosos com ele. Referiu ainda que passa o tempo na cama a rezar. No restante tempo livre veem televisão ou recebem visitas.

Quanto à figura do animador, este é visto como uma boa pessoa. Pudemos observar, ao longo deste tempo, que o animador é para além de um amigo, considerado como um confidente, é a eles que pedem alguma coisa quando querem. Ajuda a que o tempo se passe melhor, referem os idosos.

Uma dos aspetos que pudemos observar, e que o técnico entrevistado também referiu, é que a animação contribui para aproximar os idosos. Muitas vezes, o animador nota que as pessoas se cumprimentam pela primeira vez no início da tarde, que é quando começam as atividades.

As visitas não são tão frequentes quanto os idosos gostariam que fossem. As principais são as dos filhos, depois de um ou outro vizinho ou amigo. Raras ou

inexistentes são mesmo as visitas dos netos. Um idoso referiu mesmo que essa é a sua pequena dor.

Os modos de vida alteraram-se. Os pais passam o dia a correr para aqui e para ali devido a questões profissionais. Os idosos, agora com mais disponibilidade e mais tempo, têm um papel preponderante nas relações familiares. O convívio entre gerações leva à troca de saberes. Como se pode constatar, através das entrevistas aos idosos, antigamente não era vulgar privar durante anos com os seus avós. Hoje temos essa oportunidade, temos de saber aproveitá-la. Hoje, pais, filhos, netos e bisnetos têm a oportunidade de conviver durante anos. Temos muito a aprender com os mais velhos e vice-versa. A falta de contato intergeracional pode ser a base explicativa acerca das perceções negativas que se têm dos idosos.

Quando questionados os técnicos sobre a intergeracionalidade, verificámos que, apesar de o Infantário Flor de Liz estar a 1 minuto de distância do Lar, são muito poucas as vezes que estes convivem e, menos ainda, fazem atividades em conjunto. Apurámos que existe uma quase ausência de atividades intergeracionais. Na opinião dos técnicos, as relações intergeracionais são importantes, mas não têm por hábito realizá-las. São relevantes porque os idosos têm coisas para aprender e ensinar, para dizer e para falar. As crianças têm a aprender com pessoas que viveram tanto tempo. Uns dizem que a iniciativa tem de partir daqueles, outros destes. Convivem com estes 3 a 4 vezes no ano, por exemplo, nos Reis, no Magusto, nas vindimas, etc... Segundo os técnicos, grande parte dos idosos quando estão na presença das crianças distraem-se, recordam e comportam-se de modo diferente.

A sociedade de hoje desvaloriza o idoso e valoriza muito mais a juventude. Recorrem a todos os meios e técnicas para rejuvenescer. Temos de olhar para este aumento da população idosa como uma oportunidade e não ver nele um problema. Existem valores humanos que não se compram com dinheiro. Hoje em dia, faz todo o sentido juntar gerações de diferentes idades. Através de uma educação intergeracional melhoram-se as competências humanas. Deveria ser um ato espontâneo, mas hoje recorre-se a profissionais para incentivar esse contato. Uma vez que envelhecemos como vivemos, é de crucial importância que se comecem a educar desde muito cedo as crianças para esta problemática do envelhecimento. A educação não se resume só a crianças e jovens, mas também aos idosos. Como diz o ditado popular “até morrer estamos sempre a aprender”. Dos vários estudos mencionados no trabalho, acerca das relações intergeracionais, todos eles referem benefícios para ambas as partes.

Quando questionados os idosos acerca de como se sentem quando recebem as visitas das crianças do infantário e se gostam de realizar atividades com elas, todos referem que gostariam de ver as criancinhas e de estar com elas. Um utente referiu que fica muito feliz quando elas vão lá e que está sempre à espera de ver uma criancinha na televisão.

Muitos destes idosos têm netos e bisnetos que frequentam o infantário, mas nem os conhecem. Nunca os viram.

Uma das maneiras para reforçar as relações intergeracionais poderá passar pela criação de parcerias com as escolas, infantários, instituições, etc. Parcerias essas que a Santa Casa Misericórdia não tem.

Por tudo o referido anteriormente, apresentamos uma proposta de intervenção com a finalidade de melhorar a qualidade de vida destes. Nesse projeto são apresentadas várias atividades, que podem funcionar como sugestões, podem ser melhoradas e alteradas. Pretendemos, ainda, com este humilde projeto mostrar que através da animação sociocultural e do animador, as diferentes gerações podem envolver-se em atividades conjuntas, o que faz com que uns aprendam com os outros, partilhem e, acima de tudo, pretende-se combater o problema da solidão e do isolamento destes idosos.

Para nós, foi crucial a realização deste trabalho, foi difícil, foi mesmo muito difícil. Mas como ser humano sentimo-nos uma pessoa com mais conhecimento, mais “rica”, mais sensível, mais forte e mais corajosa.

Após um grande investimento académico e pessoal entendemos que os idosos do Lar em estudo gostariam de realizar atividades intergeracionais, pois sentem falta de conviver com as gerações mais novas e demonstram alguma vontade de transmitir os seus saberes. Os técnicos verbalizam que esse tipo de atividades deveria ser desenvolvido.

Hoje o nosso percurso pessoal e profissional está mais preenchido, graças às pessoas que conhecemos e aos conhecimentos que adquirimos ao longo das pesquisas bibliográficas que realizamos.

Esperamos que este trabalho sirva de incentivo aos animadores e técnicos do Lar e às educadoras do Infantário para que, futuramente, as práticas intergeracionais sejam uma realidade que torne o dia-a-dia dos idosos mais feliz e ativo e contribua para um futuro mais solidário e com valores mais humanos por parte das crianças relativamente a esta população-alvo.

Da mesma forma pretendemos poder desenvolver a proposta de intervenção apresentada neste trabalho e contribuir para uma maior solidariedade entre gerações. Os idosos necessitam de atenção, investimento e espaço para uma vida digna.

Referências Bibliográficas

A

ALMEIDA, L. (2006). *A idade não perdoa? O idoso á luz da neurologia gerontológica*.

Lisboa: Gradiva. Editor: Guilherme Valente.

ALVES, F. (1982). *Memórias arqueológicas, Histórias do Distrito de Bragança*.

Bragança: Edição Museu Abade de Baçal.

ALVES, M; GEWANDSZNAJDER, F. (1998). *Os métodos nas ciências naturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo :Editora Pioneira.

ANDER-EGG, E. (1999). *O Léxico do Animador*. Amarante: ANASC.

B

BARBOSA, M. (2006). “Tempo Livre, Tempo de Anima”. In Peres, Américo Nunes, Lopes, Marcelino de Sousa (coord.). *Animação, Cidadania e Participação*. Chaves: APAP. pp. 118-125.

BARROSO, F. (2011). *A animação sociocultural na terceira idade: contributos para a promoção da qualidade de vida e bem-estar*. Dissertação de mestrado. Vila Real:UTAD.

BELL, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva Publicações.

BERGER, L; MAILLOUX-POIRIER. (1995).*Pessoas idosas. Uma abordagem Global*. Lisboa: Lusodidacta.

BOGDAN, B; BIKLEN, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma Introdução á Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

BRANDÃO, L; SMITH,V; SPERB,T,M;PARENTE, M,A. (2006). *Narrativas*

intergeracionais. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

C

CANÁRIO, R. (2000). *Educação de adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.

CARDÃO, S. (2009). *O idoso institucionalizado*. Lisboa: Editora Coisas de Ler.

CARIDE, J, A, G. (2007). “Por uma Animação Democrática Numa Democracia Animada: Sobre os Velhos e os Novos Desafios da Animação Sociocultural como Prática Participativa”. In Peres, Américo Nunes e Lopes, Marcelino Sousa (coord.). *Animação Sociocultural – Novos Desafios*. Chaves: APAP. pp. 63-75.

CID, X, e PERES, A. (ed.). (2007). *Educación Social, Animación sociocultural y desarrollo comunitário*. Vigo: Universidade de Vigo, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social. Vol-II.

COSTA, J, C, G. (2009). “Contexto Familiar e Envelhecimento”. In Pereira, José Dantas Lima, Lopes, Marcelino de Sousa (coord.). *Animação Sociocultural na Terceira Idade*. Chaves: Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. pp. 129-133.

COSTA, E, M, S. (1998). *Gerontodrama: a velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade*. São Paulo: Editora Àgora.

COSTA, A. F. (1986). “A pesquisa de Terreno em Sociologia”. In Silva, Augusto Santos, Pinto, José Madureira (orgs.) *Metodologias das ciências Sociais* Porto: Edições Afrontamento. pp. 129-148.

D

DESTÉFANI, Ir. G. (2001). *Envelhecer com dignidade*. Brasil: Edições Loyola. 2ª Edição.

E

ESTEVES, J. (1995). *Jovens e Idosos. Família, Escola e Trabalho*. Porto: Edições Afrontamento.

F

FACHADA, A. (2008). Revista “Práticas de Animação”. Ano 2- Número 1, Outubro.

FERNANDES, A, A. (1997). *Velhice e Sociedade: Demografia, Família e políticas sociais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

FERNANDES, P. (2002). *A Depressão no idoso*. Coimbra: Editora Quarteto. 2ª Edição.

FERRIGNO, J, C. (2003). *Co- educação entre gerações*. Petropolis: Editora Vozes, SESC.

FIGUEIREDO, D. (2007). *Cuidados Familiares ao Idoso Dependente*. Lisboa: Climepsi Editores. 1.ª Edição.

FIGUEIREDO, E, V, S e MACHADO, J. (2001). *Valores e Gerações: Anos 80, Anos 90*. Instituto Superior de Psicologia Aplicada e FCT Fundação para a ciência e a Tecnologia. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

FONSECA, A e PAUL, C. (2005). *O Envelhecer em Portugal: Psicologia, saúde e prestação de cuidados*. Lisboa: Climepsi Editores.

FONSECA, M, A; PAÚL, C; MARTÍN, I e AMANDO, J. (2005). “Condição psicossocial de idosos rurais numa aldeia do interior de Portugal”. In Fonseca, Constança Paúl António M. (coord). *Envelhecer em Portugal. Psicologia, saúde e prestação de cuidados*. Lisboa: Climepsi Editores. pp 97-108.

FONTAINE, R. (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.

FRAGATA, J. (1980). *Noções de metodologia para a elaboração de um trabalho científico*. Porto: Livraria Tavares Martins. 3.ª Edição.

G

GARCIA, M, F,V. (2007). “Defesa da animação teatral como instrumento de educação e transformação social”. In Peres, Américo Nunes e Lopes, Marcelino Sousa (coords.). *Animação Sociocultural - Novos Desafios*. Chaves: APAP. pp. 99-127.

GARCÍA, M, J, M. (2004). “Animação Sociocultural, Conflito Social e Marginalização”. In Trilla, Jaume (coord). *Animação Sociocultural. Teorias Programadas e Âmbitos*. Lisboa: Editora Ariel. pp. 265-277.

GIDDENS, A. (1994). *Modernidade e identidade pessoal*. Lisboa. Celta Editora

GIL, A, C. (1989). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas. 2.ª Edição.

GOLDENBERG, M. (2003). *A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Brasil: Editora Record.

GRADAILLE, R, G, P. (2011). “As histórias de vida na Animação Sociocultural”. In Lopes, Marcelino Sousa (coord). *Metodologias de investigação em animação Sociocultural*. Chaves: Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. pp. 251-364.

H

HATTON-YEO, A. (2009). “Princípios Básicos das Práticas Intergeracionais”. In Pinto, Teresa Almeida, Hatton-Yeo, Alan (coords) *Guia de ideias para planear e implementar projetos intergeracionais. Juntos, ontem, hoje e amanhã*. Estónia: Editora Teresa Almeida Pinto- Associação Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Activo. p. 20.

J

JACOB, L. (2008). *Animação de Idosos – Atividades nº6*. Porto: Coleção Idade do Saber. 3ª Edição.

K

KRETLY, P. (2005). *Figura de transição: O Poder de Mudar Gerações: como romper padrões negativos e transformar sua vida pessoal e profissional*. São Paulo: Editora Campus.

L

LARRAZÁBAL, M, S. (2004). “A Figura e a Formação do Animador Sociocultural”. In Trilla, Jaume (coord). *Animação Sociocultural. Teorias Programas e Âmbitos*. Lisboa: Editora Ariel. pp. 123-134.

LEITE, S. (2003). Famílias em Portugal: Breve caracterização sócio- demográfica com base nos censo 1991 e 2001. *Revista de estudo demográfico*. Lisboa: pp. 33-38.

LEVET, M. (1998). *Viver depois dos 60 anos*. Lisboa: Instituto Piaget. Coleção Básica de Ciência e Cultura.

LIMA, M, P. (2004). *Envelhecimento e perdas: Como posso não me perder?* Lisboa: Psychologica.

LIMA, M, P. (2006). *Posso Participar? Atividades de Desenvolvimento Pessoal para Idosos*. Porto: Edições Asa.

LOPES, M. (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Chaves: Intervenção Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

M

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS. (2005). *Um guia para o acolhimento residencial das pessoas mais velhas. Para dirigentes, profissionais, residentes e familiares*. Lisboa: Edição Instituto da Segurança Social, I.P.

MARCONI, M, A; LAKATOS, E, M. (2008). *Metodologia Científica*. Editora Atlas S.A. São Paulo. 5º Edição.

MARTIN, A,V. (2007). “Gerontologia Educativa; Enquadramento Disciplinar para o

Estudo e Intervenção Socioeducativo com os Idosos”. In Osório, Augustin Requejo e Pinto, Fernando Cabral (coord.). *As pessoas idosas: contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget. pp. 47-73.

MARTIN, I; GONÇALVES, D; SILVA,A; PAUL, C e CABRAL, P, F.

(2007).“Políticas Sociais para a terceira idade”. In Osório, Augustin Requejo e Pinto, Fernando Cabral (coord.). *As pessoas idosas: contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget. pp. 131-179.

MORAIS, C. (1992). *Roteiro de Vila Flor*. Vila Flor: Edição da Câmara Municipal de Vila Flor.

MOURA, C. (2006). *Século XXI. Século do envelhecimento*. Loures: Lusociência-Edições Técnicas e Científicas, Lda.

N

NAVES, M, C. (1998). “Porquê a aprendizagem intergeracional- Auto- avaliação do projeto internanional «Transferência de Boas Práticas» em que se integrou o grupo da escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho”. In Neves, G.C. (coord.). *Vida com Projecto ao longo de toda a vida*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. pp. 91-92.

NERI, A, L. (2001). “Velhice e qualidade de vida na mulher”. In Neri, Anita Liberalesso (org.). *Desenvolvimento e envelhecimento. Perspetivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Brasil. Editora Papirus. Pp.161-196.

NETTO, M, P e PONTE, J, R. (1996). “Envelhecimento: Desafio na Transição do Século”. In Netto, Matheus Papaléo. *Gerontologia. A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada* São Paulo: Editora Atheneu. pp. 3-12.

NEGROPONTE, N. (1997). In Seymour Papert. *A família em rede: ultrapassando a barreira digital entre gerações*. Lisboa: Editora Relógio d’água. p. 15.

O

OLIVEIRA, J. (2005). *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso*. Porto: Legis Editora.

P

PALMEIRÃO, C; MENEZES, I. (2009). “A Interação Geracional como Estratégia Educativa: um Contributo para o Desenvolvimento de Atitudes, Saberes e Competências entre gerações”. In Pereira, José Dantas Lima e Lopes, Marcelino de Sousa (coord.). *Animação Sociocultural na Terceira Idade*. Chaves: Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. pp. 22-35.

PALMEIRÃO, C. (2011). “Aproximar gerações o caminho da educação”. Revista: Rediteia 41. pp. 23-25.

PALMEIRÃO, C. (2009). “A Interação Geracional como Estratégia Educativa: um Contributo para o Desenvolvimento de Atitudes, Saberes e Competências entre gerações”. In Pereira, José Dantas Lima e Lopes, Marcelino de Sousa (coord.). *Animação Sociocultural na Terceira Idade*. Chaves: Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. pp. 22-35.

PARDAL, L e CORREIA, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores, LTD. Loyola.

PAPERT, S. (1997). *A família em rede: Ultrapassando a barreira digital entre gerações*. Lisboa: Relógio D' Água Editores.

PASCHOAL, S. (1996). “Epidemiologia do Envelhecimento”. In Matheus Netto, Papaléo. (Coord.). *Gerontologia. A Velhice e o Envelhecimento em visão Globalizada*. São Paulo: Editora Atheneu. pp. 26-43.

PAUL, C e FONSECA, M, A. (coords). (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.

- PAÚL, C; FONSECA, A, M; MARTÍN.I e AMADO, J. (2005). "Satisfação e qualidade de vida em idosos portugueses". In Paúl, Constança e Fonseca, António M. (coord.). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa. Climepsi Editores. pp.75-96.
- PAÚL, M, C. (1997). *Lá para o fim da vida. Idosos, Família e Meio Ambiente*. Coimbra: Livraria Almedina.
- PEREIRA, F e COSTA, I. (2012). *Função educacional das relações intergeracionais como constructos de paz*. XXVI Encontro Galego- Português de educadoras e educadores pela paz- Educação Intergeracional na Construção da Paz.
- PEREIRA, J, D, L; VIEITES, M, F e LOPES, M, S. (coords.). (2008). *A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI*. Gráfica do Norte: Intervenção- Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- PEREIRA, J, D e LOPES, M, S. (coord.) (2009). *Animação Sociocultural na Terceira Idade*. Chaves: Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- PERES, A. N. e LOPES, M. S. (coords.). (2006). *Animação, Cidadania e Participação*. Chaves: APAP.
- PERES, A, N. (2007). "Animação, Direitos Humanos, Democracia e Participação". In Peres, Américo Nunes e Lopes, Marcelino Sousa (coord.). *Animação Sociocultural- Novos Desafios*. Chaves: APAP. pp. 15-25.
- PERETZ, H. (2000). *Métodos em Sociologia para começar*. Lisboa: Temas e Debates.
- PIMENTEL, L. (2001). *O Lugar do Idoso na Família: Contextos e Trajetórias*. Coimbra: Quarteto Editora.
- PINTO, A, M. (coord.). (2001). *Envelhecer vivendo*. Coimbra: Editora Quarteto.
- PINTO, J e SILVA, A. (1986). *Metodologias das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

PINTO, T, A. (2009). “Boas e Más Práticas ou Apenas Ideias”. In Teresa Almeida Pinto, Hatton-Yeo, Alan e Marrel, Iris. *Guia de ideias para planear e implementar projetos intergeracionais. Juntos, ontem, hoje e amanhã*. Estónia: Editora Teresa Almeida Pinto- Associação Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Activo, Portugal. p.7.

POSE, M, H. (2007). “A Sociocultura e a sua Vigência Face aos Desafios da Cidade Actual”. in Peres, Américo Nunes e Lopes, Marcelino Sousa (coord.) *Animação Sociocultural – Novos Desafios*. Chaves: APAP. pp. 27-45.

PRIEUR, B. (coord). (1999).”Que Recebemos da Família?” In Prieur, Bernard (coordenação). *As heranças familiares*. Lisboa: climepsi editores. pp. 19-25.

Q

QUIVY, R e CAMPENHOUDT, L, R. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva. 3 Edição.

R

REQUEJO, OSÓRIO, A. (2008). “Animação Sociocultural na Terceira Idade”. In Pereira, José Dantas Lima, Vieites, Manuel Francisco e Lopes, Marcelino Sousa (coords.). *A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI*. Chaves: Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. pp. 207-219.

REQUEJO, OSÓRIO, A. (2004). “Animação Sociocultural na Terceira Idade”. In Trilla, Jaume (coord.). *Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos* Lisboa: Editora Ariel. pp. 251-263.

ROBERT, L. (1995). *O envelhecimento- Factos e Teorias*. Lisboa: Instituto Piaget. Colec. Biblioteca Básica de Ciência e Cultura.

ROSNAY, J; SERVAN-SCHREIBER; CLOSETS, F e SIMONNET, D. (2006). *Viver mais e melhor. Uma longevidade activa na sociedade actual*. Lisboa: Editorial Presença. 1.º edição.

S

SÁEZ, C. J. (2002). *Hacia la educación intergeneracional. Concepto y posibilidades. Pedagogia social y programas intergeracionales: Educación de personas mayores*. Malaga: Ediciones Aljibe.

SANTOS, F; e ENCARNAÇÃO, F. (1998). *Modernidade e Gestão da Velhice*. Ministério da Solidariedade e Segurança Social- Centro Regional da Segurança Social- Algarve.

SERRA, C. M. M. (2010). “O Idoso e a Criança: uma Perspectiva Psicopedagógica”. *Revista Pais a Dobrar*. Lisboa. pp.41-48.

SERRANO, G. P. (2004). *Investigación Cualitativa. Retos e interrogantes*. Volume I e II). I. Métodos. Madrid: Editotial La Muralla, SA.

SERRANO, G, P. (2008). *Elaboração de projetos sociais. Casos práticos*. Porto: Porto Editora.

SERRANO, G, P. (2011). “Investigação avaliativa e estudos de caso em Animação Sociocultural”. In Lopes, Marcelino de Sousa (coord). *Metodologias de investigação em animação sociocultural*. Chaves: Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. pp. 83-113.

SERRANO, G, P. (2004) “Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural”. In Trilla, Jaume (coord). *Animação Sociocultural. Teorias Programas e Âmbitos*. Lisboa: Editora Instituto Piaget. pp. 101-119.

SILVA, A e PINTO, J. (orgs) (1987). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento. 2.^a Edição.

SILVA, J, F, S. (2006). *Quando a vida chega ao fim. Expetactivas do Idoso Hospitalizado e Família*. Loures: Lusociência-Edições Técnicas e Cientificas, Lda.

SOUZA, H, M, E *et al.* (2006). *Turismo e qualidade de vida na terceira idade*. Brasil: Editora Monole Ltda.

SOUSA, L; FIQUEIREDO, D e CERQUEIRA, M. (2004). *Envelhecer em Família. Cuidados familiares na velhice*. Porto: Ambar.

T

TRILLA, J. (coord.) (2004). *Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Editorial Instituto Piaget.

TRILLA, J, B. (2004). “Conceito, Exame e Universo da Animação Sociocultural”. In Trilla, Jaume (coord.). *Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos* Lisboa: Editora Instituto Piaget. pp. 19-44.

V

VALLICROSA, J, C. (2004). “Técnicas de Intervenção na Animação Sociocultural”. In Trilla, Jaume (coord.). *Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Editora Ariel. pp. 171-203.

VAZ, E. (2008). *A velhice na primeira pessoa*. Penafiel: Editorial Novembro.

VELOSOS, E. (2005). *Políticas e contextos educativos para os idosos: um estudo numa Universidade de Terceira Idade em Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Educação apresentada á Universidade do Minho (área de Sociologia da Educação. Braga: Universidade do Minho.

VIEIRA, S, C, L. (2010). *Paredes que separam gerações: crianças e idosos em instituições*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Y

YIN, R. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. São Paulo: Bookman.

YTARTE, R. S. (2007). “Cidadania e Educação Social. Cidadania e Participação a Partir da Animação Sociocultural”. In Peres, Américo Nunes e Lopes, Marcelino Sousa (coord.). *Animação Sociocultural – Novos Desafios* Chaves: APAP. pp. 167-179.

Z

ZANON, C. (2009). *A educação e a intergeracionalidade na perspectiva da inserção social do idoso: desafios e possibilidades*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre Universidade católica de Brasília.

http://www.bdtb.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1152

Consultado em 20-05-2012.

Webgrafia

2012- Ano Europeu do envelhecimento ativo e da solidariedade entre gerações-
<http://cno-esa.blogspot.pt/2012/01/2012-ano-europeu-do-envelhecimento.html>.

Consultado em 24-05-2012.

BRANDÃO, L; SMITH, VIVIAN; SPERB, T, M; PARENTE, P.(2006). Narrativas intergeracionais. Disponível em:

<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=18819114>. Consultado em 23-05-2012.

Câmara Municipal de Vila Flor. Disponível em:

<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=18819114>. Consultado em 23-05-2012.

Comunidade intermunicipal de Tras-os-Montes. Disponível em: <http://www.cim-tm.pt/regiao/vila-flor/>. Consultado em 04-07-2012.

Decreto. Disponível em:

<http://dre.pt/pdf1sdip/2012/03/05800/0132401329.pdf>. Consultado em 27-03-2012.

Diário da República, 1.ª série-N.º58-21 de Março de 2012.

Definição de animação. Disponível em: Definição da Fundação Cultural Europeia, em 1973) em Revista “ Práticas de Animação” Ano 2- Número 1, Outubro de 2008\ Dr. António Fachada. <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>. Consultado em 26-05-2012.

Direcção Geral de Saúde. (2005). Disponível em: <http://www.min-saude.pt/NR/rdonlyres/1C6DFF0E-9E74-4DED-94A9-F7EA0B3760AA/0/i006346.pdf>.

Consultado em 09-05-2012.

Estatuto do animador\ a. Disponível em: em

http://www.apdasc.com/pt/downloads/estatutos_final.pdf. Consultado em 13-04-1012.

Envelhecimento da população agrava-se no futuro -2000-2050.

Disponível em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=71834&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2. Consultado em 26-03-2012.

FACHADA, António (2008). Contributo da Animação Socioeducativa para uma pedagogia de Lazer. Revista Práticas de Animação. Ano 2. Número 1. Disponível em: <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>. Consultado em 02-12-2011.

GEORGE, F. Envelhecimento activo. Disponível em: <http://www.dgs.pt/wwwbase/acessibilidade/aaaDefault.aspx?f=1&back=1&codigono=65126513AAAAAAAAAAAAAAAAA>. Consultado em 08-05-2012.

Infantário Flor de Liz. Disponível em: <http://www.misericordiavilafior.com/main.php?valencia=54>. Consultado em 27-06-2012.

Lar Nossa Senhora da Lapa. Disponível em: http://www.misericordiavilafior.com/main.php?valencia=86&voltar=valenciasFreguesia&freguesia_id=1. Consultado em 27-06-2012.

Mais de um milhão e duzentos mil idosos vivem sós ou em companhia de outros idosos. Disponível em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=134582847&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2. Consultado em 26-03-2012.

Manual de Boas Práticas- Um guia para o acolhimento residencial das pessoas mais velhas. Disponível em:

[http://www2.segsocial.pt/downloads%5Ciss%5CManual%20Boas%20Pr%C3%A1ticas%20-%20Idosos\[1\].pdf](http://www2.segsocial.pt/downloads%5Ciss%5CManual%20Boas%20Pr%C3%A1ticas%20-%20Idosos[1].pdf). Consultado em 03-04-2012.

MEIRELES, A, C. (2008). Envelhecimento ativo da pessoa idosa. Portal de saúde pública. Disponível em:

http://www.saudepublica.web.pt/TrabCatarina/EnvelhecimentoActivoIdoso_CMeireles.htm. Consultado em 08-05-2012.

Nos próximos vinte e cinco anos o número de idosos poderá mais do que duplicar o número de jovens. Disponível em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdestboui=5546132&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2. Consultado em 26-03-2012.

O papel dos avós. Disponível em : <http://sociedade-civil.blogspot.pt/>. Consultado em 13\04\2012.

PARENTE, M, A, M, P; SPERB, T, M; SMITH, V e BRABDÃO, L. (2006). *Narrativas intergeracionais*. Psicologia: Reflexão Crítica, 19 (1). Porto Alegre. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000100014.

Consultado em 11-05-2012.

PINTO, EDUARDO. (2010). A entidade que mais emprego oferece em Vila Flor. Disponível em:

http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/interior.aspx?content_id=1679511. Consultado em 27-06-2012.

ProjetoTio. Disponível em : <http://projectotio.net/archives/2813>. Consultado em 14-07-2012.

Projeções de população residente em Portugal -2008-2060.

Disponível em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdestboui=65573359&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2. Consultado em

26-03-2012

